

Bernard Cornwell

O REI DO INVERNO

Tradução de Ana Maria Chaves e Paula Teixeira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir do livro.



O Rei do Inverno é para a Judy, com amor



PERSONAGENS

AELLE	Um rei saxão
AGRICOLA	Senhor da Guerra de Gwent, serve o rei Tewdric
AILLEANN	Amante de Artur, mãe dos seus filhos gémeos Amhar e Loholt
AMHAR	Filho bastardo de Artur
ANNA	Irmã de Artur, casada com o rei Budic de Broceliande
ARTUR	Filho bastardo de Uther e protector de Mordred
BALISE	Um antigo druida de Dumnónia
BAN	Rei de Benoic, pai de Lancelote e Galaad
BEDWIN	Bispo de Dumnónia, conselheiro chefe do Rei
BLEIDDIG	Um chefe militar de Benoic
BORS	Campeão de Benoic
BROCHVAEL	Rei de Powys depois da era de Artur
CADWALLON	Rei de Gwynedd
CADWY	Rei que paga tributo a Dumnónia, guarda a fronteira com Kernow
CALEDDIN	Um druida, morto há já muito tempo, que compilou os rolos de pergaminho de Merlim
CAVAN	O segundo comandante de Derfel
CEI	Companheiro de infância de Artur, agora um dos seus guerreiros
CEINWYN	Princesa de Powys, irmã de Cuneglas, filha de Gorfyddyd
CELWIN	Um padre a estudar em Ynys Trebes
CERDIC	Um rei saxão
CULHWCH	Primo de Artur, um dos seus guerreiros
CUNEGLAS	Príncipe Herdeiro de Powys, filho de Gorfyddyd
DAFYDD ap GRUFFUD	O oficial de justiça que traduz a história de Derfel
DERFEL CADARN	O narrador, Saxão de nascença, esteve sob a tutela de Merlim, um dos guerreiros de Artur
DIWRNACH	Rei irlandês de Lleyn, um país anteriormente chamado Henis Wyren
DRUIDAN	Um anão, comandante da guarda de Merlim
ELAINE	Rainha de Benoic, mãe de Lancelote
GALAAD	Príncipe de Benoic, meio-irmão de Lancelote
GEREINT	Príncipe que paga tributo a Dumnónia, Senhor das Pedras
GORFYDDYD	Rei de Powys, pai de Cuneglas e de Ceinwyn
GRIFFID ap ANNAN	Segundo comandante de Owain
GUDOVAN	Escriba de Merlim

GUENDOLOEN	Mulher de Merlim, por ele abandonada
GUINEVERE	Princesa de Henis Wyren
GUNDLEUS	Rei da Silúria
GWLYDDYN	Carpinteiro em Ynys Wydryn
HELLEDD	Princesa de Elmet, que casa com Cuneglas de Powys
HYGWYDD	Servo de Artur
HYWEL	Administrador de Merlim
IGRAINE	Rainha de Powys, casada com Brochvael, benfeitora de Derfel em Dinnewrac
IGRAINE DE GWYNEDD	Mãe de Artur (e de Morgana, Anna e Morgause)
IORWETH	Um druida de Powys
ISSA	Um dos lanceiros de Derfel
LADWYS	Amante de Gundleus
LANCELOTE	Príncipe herdeiro de Benoic, filho de Ban
LANVAL	Um dos guerreiros de Artur, chefe da guarda pessoal de Guinevere
LEODEGAN	Rei exilado de Henis Wyren, pai de Guinevere
LIGESSAC	Primeiro comandante da guarda pessoal de Mordred, mais tarde serve Gundleus
LLYWARCH	Segundo comandante da guarda pessoal de Mordred
LOHOLT	Filho bastardo de Artur, gémeo de Amhar
LUNETE	Primeira companheira de Derfel, mais tarde é aia de Guinevere
LWELLWYN	Um empregado da tesouraria de Dumnónia
MAELGWYN	Monge de Dinnewrac
MARK	Rei de Kernow, pai de Tristan
MELWAS	Rei de Belgae, paga tributo a Dumnónia
MERLIM	Lorde de Avalon, um druida
MEURIG	Príncipe Herdeiro de Gwent, filho de Tewdric
MORDRED	Rei criança de Dumnónia
MORFANS	«O Feio», um dos guerreiros de Artur
MORGANA	Irmã de Artur, uma das sacerdotisas de Merlim
MORGAUSE	Irmã de Artur, casada com o rei Lot de Lothian
NABUR	Magistrado cristão de Durnovária, tutor legal de Mordred
NIMUE	Amante de Merlim, uma sacerdotisa
NORWENNA	Nora de Uther, mãe de Mordred
OENGUS MAC AIREM	Rei irlandês de Demétia, rei dos Blackshields *
OWAIN	Campeão de Uther, um senhor da guerra de Dumnónia
PELLINORE	Um rei louco, prisioneiro em Ynys Wydryn
RALLA	Mulher de Gwlyddyn, ama de leite de Mordred
SAGRAMOR	Comandante nómada de Artur
SANSUM	Padre e bispo cristão, superior de Derfel em Dinnewrac
SARLINNA	Uma criança que sobrevive ao massacre no Dartmoor

SEBILE	Escrava saxónica de Morgan
TANABURS	Druida da Silúria
TEWDRIC	Rei de Gwent
TRISTAN	Príncipe herdeiro de Kernow
TUDWAL	Monge noviço em Dinnewrac
UTHER	Rei de Dumnónia, Rei Supremo da Grã-Bretanha, o Pendragon
VALERIN	Um chefe militar de Powys, que fora o prometido de Guinevere

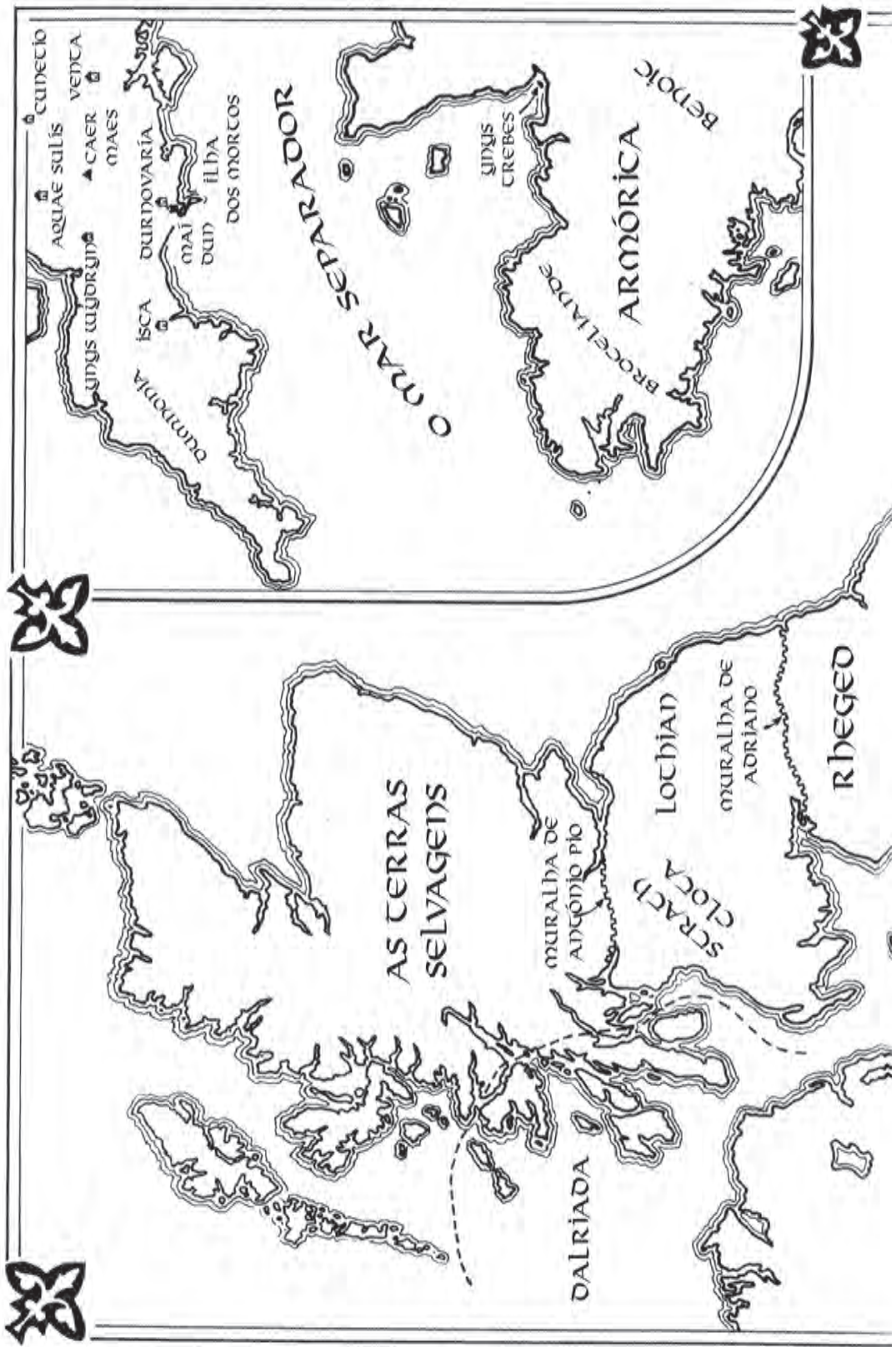
* Blackshields significa «escudos pretos» e este povo usava mesmo os escudos pintados de preto. [N. da T.]



LOCAIS

Os nomes de lugares marcados com * estão gravados na História.

ABONA *	Foz do Avon, Avon
AQUAE SULIS *	Termas de Bath, Avon
BRANOGENIUM *	Forte romano. Leintwardine, Hereford & Worcester
BURRIUM *	Capital de Tewdric. Usk, Gwent
CAER CADARN	Monte Real de Dumnónia. Monte de Cadbury do Sul, Somerset
CAER DOLFORWYN *	Monte Real de Powys. Perto de Newtown, Powys
CAER LUD *	Ludlow, Shropshire
CAER MAES	Monte White Sheet, Mere, Wiltshire
CAER SWS *	Capital de Gorfyddyd. Caersws, Powys
CALLEVA *	Fortaleza de fronteira. Silchester, Hampshire
COEL'S HILL *	Monte de Cole, Hereford & Worcester
CORINIUM *	Cirencester, Gloucestershire
CUNETIO *	Mildenhall, Wiltshire
DINNEWAC	Mosteiro em Powys
DURNOVÁRIA *	Dorchester, Dorset
DUROCOBRIVIS *	Dunstable, Bedfordshire
GLEVUM *	Gloucester
ISCA *	Exeter, Devon
ILHA DOS MORTOS *	Portland Bill, Dorset
LINDINIS *	Cidade romana. Ilchester, Somerset
VALE DO LUGG *	Mortimer's Cross, Hereford & Worcester
MAGNIS *	Forte romano. Kenchester, Hereford & Worcester
MAI DUN *	Castelo Maiden, Dorchester, Dorset
RATAE *	Leicester
AS PEDRAS *	Stonehenge
VENTA *	Winchester, Hampshire
YNYS MON *	Anglesey
YNYS TREBES	Capital de Benoic. Mont St Michel, França
YNYS WAIR *	Ilha Lundy
YNYS WYDRYN *	Glastonbury, Somerset





Primeira Parte

UMA CRIANÇA NO INVERNO





Há muito, muito tempo, numa terra chamada Grã-Bretanha, estas coisas aconteceram. O bispo Sansum, que Deus abençoe acima de todos os santos vivos ou mortos, diz que estas memórias deviam arder no fogo do inferno com toda a restante podridão da humanidade decadente, pois estas são as histórias dos dias que antecederam a descida das grandes trevas sobre a luz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Estas são as histórias das terras a que chamamos Lloegyrr, que significa Terras Perdidas, do país que outrora foi nosso, mas ao qual os nossos inimigos chamam agora Inglaterra. Estas são as histórias de Artur, o Senhor da Guerra, o Rei que Nunca Existiu, o Inimigo de Deus e, que o Cristo Vivo me perdoe, o melhor homem que jamais conheci. Como eu chorei por Artur.

Hoje faz frio. As montanhas cobrem-se de uma palidez de morte e são negras as nuvens. Deve nevar antes do cair da noite, mas Sansum vai com certeza recusar-nos a bênção de uma fogueira. O frio é bom, diz o santo, para mortificar a carne. Eu já sou velho, mas Sansum, que Deus lhe dê muitos anos, é ainda mais velho e, por isso, não posso valer-me da idade para abrir a arrecadação da lenha. Sansum vai limitar-se a dizer que o nosso sofrimento é uma oferenda a Deus que sofreu mais do que todos nós. E assim, nós, os seis Irmãos, nada podemos fazer senão passar a noite mal dormida a tiritar de frio. E amanhã o poço estará gelado e o Irmão Maelgwyn terá de descer a corrente e partir o gelo com uma pedra para podermos beber.

No entanto, o frio não é o pior tormento do nosso Inverno. O pior é que os caminhos gelados vão impedir Igraine de visitar o mosteiro. Igraine é a nossa rainha, casada com o rei Brochvael. É esbelta e morena, muito nova e dona de uma energia que é como o calor do sol num dia de Inverno. Vem cá rezar para que lhe seja concedida a bênção de um filho. Porém, passa mais tempo a conversar comigo do que a rezar a Nossa Senhora ou ao Seu abençoado Filho. Conversa comigo, porque gosta de ouvir as histórias sobre o rei Artur. No Verão passado contei-lhe tudo de que me lembrava e, quando já não me lembrava de mais nada, trouxe-me um monte de pergaminhos, um tinteiro feito de chifre e um punhado de penas de ganso para escrever. Artur usava penas de ganso no elmo. Estas penas não são tão grandes nem tão brancas, mas ontem, ao segurar no ar o feixe de penas contra o céu de Inverno, por um glorioso momento de remorso pareceu-me

ver a cara dele abaixo da pluma. Por esse instante apenas o dragão e o urso rugiram por toda a Grã-Bretanha para aterrorizar de novo os pagãos, mas de repente espirrei e vi que nada mais segurava do que uma mão-cheia de penas cobertas de excrementos de ganso que quase nem serviam para escrever. A tinta é tão má como as penas — uma mera mistura de resíduos de lamparina com resina de macieira. Os pergaminhos sempre são melhores. São feitos de peles de cordeiro deixados pelos Romanos e tempos houve em que estavam cobertos de inscrições que nenhum de nós conseguia ler, mas as aias de Igraine raspam as peles até ficarem totalmente brancas. Diz Sansum que seria melhor utilizar tanta pele de cordeiro para fazer sapatos, mas as peles agora raspadas estão finas demais para isso e, além disso, Sansum não se atreve a ofender Igraine e assim perder a amizade do rei Brochvael. Este mosteiro encontra-se a meio dia de viagem dos lanceiros inimigos e mesmo a nossa pequena arrecadação poderia atrair esses inimigos levando-os a atravessar o rio Negro e subir as montanhas até ao vale de Dinnewrac se os guerreiros de Brochvael não tivessem ordens para nos proteger. Todavia, penso que nem sequer a amizade de Brochvael poderia convencer Sansum a aceitar a ideia do Irmão Derfel escrever as histórias dos feitos de Artur, o Inimigo de Deus e, por isso, Igraine e eu mentimos ao santo homem dizendo-lhe que estou a fazer uma tradução do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo para a língua dos Saxões. O santo homem não fala a língua inimiga, nem sequer sabe ler e, por isso, devemos conseguir enganá-lo durante o tempo necessário para esta história ser escrita.

Vamos mesmo ter de o enganar, pois pouco depois de eu ter começado a escrever nesta mesma pele, o sagrado Sansum entrou na sala. Aproximou-se da janela, observou o céu amortalhado e esfregou as mãos esqueladas.

— Agrada-me este frio — disse ele, sabendo que a mim não me agradava nada.

— Sinto-o com mais intensidade na mão que me falta — respondi mansamente. A mão que me falta é a esquerda e uso o coto do pulso para segurar o pergaminho enquanto escrevo.

— Todas as dores são lembranças abençoadas da Paixão do nosso adorado Senhor — disse o bispo, tal como eu esperava e depois encostou-se à mesa para ver o que eu tinha escrito. — Diz-me o que significam as palavras, Derfel — pediu ele.

— Estou a escrever a história do nascimento do Deus Menino — menti.

Olhou fixamente para a pele e colocou uma unha imunda sobre o seu próprio nome. Ele consegue decifrar algumas letras e o seu nome deve ter ressaltado tão nitidamente do pergaminho como um corvo na neve.

Depois resmungou como uma criança perversa e enrolou nos dedos uma madeixa do meu cabelo branco.

— Eu não estava presente no nascimento de Nosso Senhor, Derfel, e, no entanto, este é o meu nome. Estás a escrever heresia, ó meu sapo do inferno?

— Senhor — disse eu, submisso, enquanto ele me mantinha a cara em cima do trabalho — comecei o Evangelho dizendo que é apenas pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo e com a permissão do Seu mais sagrado santo, Sansum — aqui percorri o seu nome com o dedo — que me é possível escrever a boa nova sobre Jesus Cristo.

Ele deu-me um puxão ao cabelo, arrancando algum, e afastou-se.

— És um filho de uma puta saxónica — disse ainda —, e nunca nenhum Saxão foi de fiar. Tem cuidado, Saxão! Não me ofendas.

— Generoso Mestre — comecei, mas ele já lá não estava.

Tempos houve em que ele, de joelho em terra, me beijava a espada, mas agora ele é um santo e eu sou apenas o mais miserável dos pecadores. E por sinal um pecador cheio de frio, pois lá fora o dia está inerte, cinzento e ameaçador. O primeiro nevão não tarda a cair.

E também nevava quando a história de Artur começou. Foi há muito tempo, no último ano do reinado do Rei Supremo Uther. Segundo a forma como os Romanos calculavam o tempo, estava-se no ano 1233 depois da fundação da sua cidade, se bem que nós na Grã-Bretanha datemos normalmente os nossos anos a partir do Ano Negro, quando os Romanos acabaram com os druidas em Ynys Mon. Por esse cálculo a história de Artur começa no ano 420, embora Sansum, que Deus o abençoe, conte os anos da nossa era a partir da data do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, que ele acredita ter acontecido 480 Invernos antes destas coisas começarem. Mas, seja como for que se contem os anos, foi há muito tempo, há muito, muito tempo, numa terra chamada Grã-Bretanha e eu estava lá.

E foi assim que aconteceu.

Começou com um nascimento.

Numa noite gélida, quando o reino jazia branco e silencioso sob uma Lua em quarto minguante.

E, no aposento, Norwenna gritou.

E voltou a gritar.

Era meia-noite. O céu estava limpo, seco e estrelado. A terra estava gelada como o ferro e os rios congelados. A Lua em quarto minguante era um mau presságio e sob a sua luz lúgubre as extensas terras do lado ocidental pareciam tremeluzir com um brilho mortiço e gélido. Havia três dias que

não nevava, mas também não houvera degelo, por isso o mundo cobria-se todo de branco excepto onde o vento tinha libertado da neve as árvores, que agora estavam negras e emaranhadas contra a terra fustigada pelo Inverno. A respiração embaciava, mas não se agitava, pois não havia vento naquela noite clara. A terra parecia inerte, completamente sem vida, como se tivesse sido abandonada por Belenos, o Rei do Sol e deixada a flutuar no frio eterno do vazio entre os mundos. E estava mesmo frio, um frio cortante de morte. Eram longos os pingentes de gelo suspensos dos beirais da ampla entrada de Caer Cadarn e do portão em arco por onde bem cedo naquele dia o séquito do Rei Supremo tinha passado, lutando contra a neve acumulada, para trazer a nossa princesa para aquele edifício digno de reis. Caer Cadarn era onde estava a pedra real, era o local da aclamação e por isso, insistia o Rei Supremo, era o único local onde o seu herdeiro poderia nascer.

Norwenna gritou outra vez.

Nunca vi uma criança a nascer e, se Deus quiser, nunca hei-de ver. Já vi uma égua parir e bezerros a chegar a este mundo, já ouvi o choro brando de um cachorrinho e já senti os estremecimentos de um gato recém-nascido, mas nunca vi o sangue e a mucosidade que acompanha os gritos de uma mulher. E como Norwenna gritava, embora o tentasse evitar, pelo menos foi o que disseram as aias mais tarde. Às vezes os gritos estridentes paravam de repente e o silêncio ficava a pairar por todo o forte e o Rei Supremo levantava a cabeça enorme do meio das peles e escutava atento como se estivesse num bosque e os Saxões andassem por perto, mas fazia-o agora na esperança de que aquele súbito silêncio marcasse o momento do nascimento de um novo herdeiro para o seu reino. Ele escutava, e no silêncio que reinava naquele compartimento ouvíamos o som desagradável da respiração medonha da sua nora. Por um momento, um momento apenas, ouviu-se o vagido e o Rei Supremo virou-se como se fosse dizer alguma coisa, mas depois os gritos recomeçaram e de novo a sua cabeça se afundou nas pesadas peles, vendo-se apenas os olhos a reluzir na gruta ensombrada formada pela gola e pelo capuz de pêlo.

— Não devíeis estar aí fora na muralha, Senhor Supremo! — disse o bispo Bedwin.

Uther acenou com uma mão enluvada, como que sugerindo que Bedwin podia ir para dentro, onde ardiam as fogueiras, mas ele, Uther, o Rei Supremo, o Pendragon da Grã-Bretanha, dali não sairia. Queria estar na muralha de Caer Cadarn para poder espriar o olhar pela terra gelada a meia altura, onde os demónios estavam à espreita. Mas Bedwin estava certo, o Rei Supremo não devia ter estado de sentinela contra os demónios naquela noite agreste. Apesar de Uther estar velho e doente, a segurança do reino dependia do seu corpo cansado e da sua mente lenta e triste. Seis

meses antes ele era ainda um homem robusto, mas entretanto chegara a notícia da morte do seu herdeiro. Mordred, o mais amado dos seus filhos e o único que sobrevivera aos que a sua mulher legítima lhe dera, fora atingido por um machado saxão e esvaíra-se em sangue por trás do monte do Cavalo Branco. Aquela morte deixara o reino sem um herdeiro e um reino sem herdeiro é um reino amaldiçoado, mas naquela noite, se os Deuses quisessem, o herdeiro de Uther nasceria da viúva de Mordred. A não ser, claro, que a criança fosse uma menina e nesse caso toda a dor teria sido em vão e o reino estaria condenado.

A cabeça enorme de Uther levantou-se de entre as peles cobertas de gelo nos sítios tocados pela respiração.

— Está a ser feito tudo o que é possível, Bedwin? — perguntou Uther.

— Tudo, Senhor Supremo, tudo — respondeu Bedwin. Era o conselheiro de maior confiança do rei e, tal como a princesa Norwenna, era cristão. Norwenna protestando por ter de sair da sua confortável casa romana perto de Lindinis, tinha dito aos gritos ao sogro que só iria para Caer Cadarn se ele promettesse manter afastadas as velhas feiticeiras dos Deuses. Ela insistira num nascimento cristão e Uther, desesperado por um herdeiro, concordara com as suas exigências. Naquele momento os padres de Bedwin entoavam as suas preces numa câmara ao lado do aposento onde se tinha espalhado água benta, onde uma cruz tinha sido pendurada sobre a cama onde Norwenna daria à luz e uma outra colocada por baixo do seu corpo.

— Rezamos à abençoada Virgem Maria — explicou Bedwin — que sem macular o Seu corpo sagrado com conhecimentos carnis, se tornou a santa mãe de Cristo e...

— Chega — resmungou Uther. O Rei Supremo não era cristão e não gostava que o tentassem converter, embora aceitasse que o Deus cristão tinha provavelmente tanto poder como os outros Deuses. Os acontecimentos daquela noite testavam essa tolerância até ao limite.

E era por isso que eu ali estava. Era uma criança quase a tornar-me um homem, um imberbe errante encolhido devido ao gelo ao lado da cadeira do rei nas muralhas de Caer Cadarn. Viera de Ynys Wydryn, a casa de Merlim, que ficava na linha do horizonte, a norte. A minha tarefa, caso ma ordenassem, era ir buscar Morgana e as suas ajudantes que esperavam numa pocilga de porcos cheia de lama no sopé da encosta do lado ocidental de Caer Cadarn. A princesa Norwenna podia querer a Mãe de Cristo como sua parteira, mas Uther tinha preparado os velhos Deuses para o caso daquele novo Deus falhar.

E o Deus cristão falhou mesmo. Os gritos de Norwenna diminuíram, mas as suas lamúrias tornaram-se mais desesperadas até que, finalmente, a

mulher do bispo Bedwin saiu do quarto e se ajoelhou a tremer ao lado da cadeira do Rei Supremo. Ellin disse que o bebé não queria sair e que temia que a mãe estivesse a morrer. Uther afastou com a mão este último comentário. A mãe nada valia, só a criança importava, e isso se fosse um rapaz.

— Senhor Supremo... — começou nervosa Ellin, mas Uther já não a ouvia.

Bateu-me levemente na cabeça.

— Vai, rapaz — disse ele e eu desenrosquei-me e, saindo da sua sombra, saltei para o interior do forte e corri pelo meio dos edifícios batidos pela luz pálida da Lua. Os guardas no portão oeste viram-me passar a correr e pouco depois descia aos escorregões e trambolhões a gelada estrada de oeste. Arrastei-me pela neve, rasguei o casaco no cepo de uma árvore e caí pesadamente sobre uns espinheiros cobertos pela neve, mas não sentia nada, excepto o grande peso do destino de um reino sobre os meus ombros.

— Lady Morgana! — gritei quando me aproximava da cabana. — Lady Morgana!

Ela devia estar à espera, pois a porta da cabana abriu-se imediatamente e a máscara de ouro que lhe cobria o rosto brilhou ao luar.

— Vai — guinchou-me ela — vai!

Dei meia volta e comecei novamente a subir o monte com um bando de órfãos de Merlim à minha volta a tentarem trepar pela neve. Levavam potes de cozinha que batiam uns nos outros enquanto eles corriam, se bem que quando a encosta se tornou mais íngreme e traiçoeira eles foram obrigados a atirar os potes para a frente e trepar atrás deles. Morgana seguia mais devagar, ajudada pela escrava Sebile que levava todas as ervas e objectos de feitiço necessários.

— Acende as fogueiras, Derfel! — gritou Morgana cá para cima.

— As fogueiras! — gritei sem fôlego enquanto atravessava a toda a pressa o portão. — Acendam as fogueiras nas muralhas! As fogueiras!

O bispo Bedwin protestou contra a chegada de Morgana, mas o Rei Supremo virou-se para o seu conselheiro com tanta cólera que o bispo se entregou com resignação à sua velha fé. Ordenou aos padres e monges que saíssem da capela provisória e disse-lhes para levarem os tições para todas as muralhas e acenderem fogueiras com os tições e a madeira e os ramos arrancados das choupanas que se amontoavam dentro do forte do lado norte. As fogueiras crepitaram, as chamas ergueram-se na noite e o fumo pairou suspenso no ar formando um dossel que iria confundir os espíritos do mal e afastá-los daquele lugar onde uma princesa e o seu bebé estavam quase a morrer. Nós, os mais novos, corríamos à volta das muralhas a bater com os potes, fazendo grande algazarra para os maus espíritos ficarem ainda mais desorientados.

— Gritem — ordenei às crianças de Ynys Wydryn, e a nós juntaram-se mais crianças das cabanas da fortaleza que ajudavam a fazer barulho. Os guardas batiam com as hastes das lanças contra os escudos e os padres amontoavam mais madeira nas piras em chamas enquanto os restantes desafiávamos aos berros os fantasmas do mal que se arrastavam pela noite para amaldiçoar o parto de Norwenna.

Morgana, Sebile, Nimue e uma rapariga entraram no quarto. Norwenna gritou. Não se sabe se chorava alto em protesto contra a vinda das mulheres de Merlim ou se chorava porque aquela criança teimosa estava a dilacerar o seu corpo. Ouviram-se mais gritos quando Morgana expulsou as criadas cristãs. Morgana atirou as duas cruzes para a neve e lançou um punhado de artemísia, a erva da mulher, para a fogueira. Mais tarde, Nimue disse-me que punham pepitas de ferro na cama húmida para assustar os espíritos do mal que já lá estivessem e que colocavam sete pedras-d'água à volta da cabeça da mulher, que não parava de estremecer, para chamar os espíritos do bem que vinham dos Deuses.

Sebile, a escrava de Morgana, colocou um ramo de vidoeiro por cima da porta e agitou outro sobre o corpo da princesa, contorcido pela dor. Nimue acorou-se e urinou na soleira da porta para afastar daquele quarto as fadas malvadas, posto o que salpicou a palha da cama de Norwenna com alguma dessa urina, como mais uma precaução contra o roubo da alma da criança no momento em que nascesse. Morgana, com a máscara de ouro a brilhar à luz das chamas, afastou as mãos de Norwenna com uma sapatada para poder enfiar um feitiço feito com um âmbar raro entre os seios da princesa. A rapariguinha, uma das crianças abandonadas de Merlim, esperava aterrorizada ao fundo da cama.

O fumo das fogueiras acabadas de acender ofuscava as estrelas. Havia criaturas alerta nos bosques, aos pés de Caer Cadarn, que uivavam devido ao barulho que pairava sobre elas, enquanto Uther, o Rei Supremo levantava os olhos para a Lua prestes a desaparecer e rezava para que não tivesse mandado buscar Morgana tarde de mais. Morgana era filha natural de Uther, a primeira dos quatro bastardos que o Rei Supremo tinha dado a Igraine de Gwynedd. Uther preferiria sem dúvida que ali estivesse Merlim, mas ele tinha partido há muitos meses, partido para lado nenhum, apenas ido. Por vezes parecia-nos que se tinha ido embora para sempre e Morgana, que tinha aprendido tudo o que sabia com Merlim, teve de o substituir naquela noite fria em que nós batíamos com os potes e gritávamos até ficarmos roucos para afastar os demónios malévolos de Caer Cadarn. Até Uther fazia barulho, apesar de o som do seu bastão a bater na beira da muralha ser muito fraco. O bispo Bedwin estava de joelhos, a rezar, enquanto a sua mulher, expulsa do quarto, chorava, gemia e pedia ao Deus cristão que perdoasse as bruxas pagãs.

Mas a feitiçaria funcionou, pois a criança nasceu viva.

O grito que Norwenna deu no momento em que a criança nasceu foi pior do que qualquer dos anteriores. Foi o guincho de um animal atormentado, um lamento para fazer a noite soluçar. Mais tarde Nimue disse-me que Morgana tinha causado aquela dor introduzindo a mão no canal por onde nascem as crianças e puxando com toda a força o bebê para este mundo. A criança saiu toda ensanguentada daquela mãe em suplício e Morgana gritou para a rapariguinha assustada que pegasse na criança enquanto Nimue cortava o cordão. Era importante que o bebê fosse pegado pela primeira vez por uma virgem, razão pela qual a rapariga fora levada para o quarto, mas ela estava assustada e não se aproximava da palha ensanguentada onde Norwenna respirava agora com esforço e onde a criança recém-nascida e manchada de sangue jazia como se tivesse nascido morta.

— Pega nele! — gritou Morgana, mas a rapariga fugiu banhada em lágrimas e, por isso, Nimue arrancou o bebê da cama e limpou-lhe a boca para ele poder apanhar a primeira golfada de ar.

Todos os presságios eram maus. A lua aureolada estava pálida e a virgem tinha fugido a correr do bebê, que nesse momento começou a chorar bem alto. Uther ouviu o barulho e eu vi-o fechar os olhos e rezar aos Deuses para que aquela criança fosse um rapaz.

— Devo lá ir? — perguntou, hesitante, o bispo Bedwin.

— Vai — disse Uther com brusquidão e o bispo desceu com dificuldade a escada de madeira e, arregaçando a batina, correu pela neve já pisada até à porta do quarto. Ali chegado, ficou-se por alguns segundos e, depois, voltou a correr para a muralha a abanar os braços no ar.

— Boas notícias, Grande Senhor, boas notícias! — gritava Bedwin enquanto trepava desastradamente as escadas. — Excelentes notícias, até!

— Um rapaz — Uther antecipou as notícias pronunciando as palavras muito devagar.

— Um rapaz! — confirmou Bedwin. — Um belo rapaz!

Eu estava anichado perto do Rei Supremo e vi lágrimas aflorarem aos seus olhos que olhavam fixamente para o céu.

— Um herdeiro — disse Uther num tom de admiração como se não ousasse acreditar que os Deuses o tinham favorecido. Limpou as lágrimas com a mão coberta por uma luva de pele. — O reino está salvo, Bedwin — disse ele.

— Graças a Deus, Senhor Supremo, está salvo — concordou Bedwin.

— Um rapaz — disse Uther e, então, de repente, o seu corpo foi sacudido por uma tosse violenta, que o deixou quase sem fôlego. — Um rapaz — disse outra vez quando a respiração estava já mais regular.

Algum tempo depois chegou Morgana. Subiu a escada e prostrou o

seu corpo atarracado frente ao Rei Supremo. A máscara de ouro reluzia, escondendo o horror estampado no seu rosto. Uther tocou-lhe no ombro com o bastão.

— Levanta-te, Morgana — disse ele e, depois, procurou desajeitadamente por baixo da capa por um pregador de ouro para a recompensar.

Mas Morgana não o aceitou.

— O rapaz — disse ela de um modo sinistro — está estropiado. Tem um pé torcido.

Vi Bedwin fazer o sinal da cruz, pois um príncipe estropiado era o pior de todos os presságios daquela gélida noite.

— É muito mau? — perguntou Uther.

— É só o pé — disse Morgana na sua voz áspera. — A perna está perfeita, Grande Senhor, mas o príncipe nunca irá correr.

Uther deu uma sonora gargalhada, das profundezas do manto de peles que o envolvia.

— Os reis não correm, Morgana — disse ele. — Andam, governam, cavalgam e recompensam os servos bons e honestos. Aceita o ouro. — Estendeu-lhe outra vez o pregador. Era uma peça de ouro maciço com a forma do talismã de Uther, um dragão.

Mas ainda assim Morgana não aceitou.

— E o rapaz é a última criança que Norwenna dará à luz, Senhor Supremo — disse Morgana, avisando Uther. — Queimámos as secundinas e não fizeram um único ruído.

As secundinas eram sempre postas na fogueira para que os estrépitos que fizessem ao queimar dissessem quantas mais crianças a mãe daria à luz.

— Eu ouvi de perto — disse Morgana — e elas ficaram em silêncio.

— Os Deuses quiseram que ficassem em silêncio — disse Uther furioso. — O meu filho morreu — continuou tristemente —, por isso quem mais poderia dar a Norwenna um rapaz que servisse para ser rei?

Morgana fez uma pausa e, finalmente, respondeu:

— Vós, Grande Senhor!

Uther riu dessa ideia e o riso transformou-se pouco a pouco numa gargalhada e, por fim, num outro ataque de tosse que o fez curvar-se com dores nos pulmões. Finalmente a tosse passou e ele, respirando com dificuldade enquanto abanava a cabeça, disse:

— O único dever de Norwenna era parir um rapaz, Morgana, e isso ela fez. O nosso dever é protegê-lo.

— Com toda a força de Dumnónia — acrescentou avidamente Bedwin.

— Os recém-nascidos morrem com facilidade — foi o aviso de Morgana aos dois homens, na sua voz de gelo.

— Não este — disse Uther furiosamente —, não este. Ele vai para perto de ti, Morgana, para Ynys Wydryn e tu vais usar os teus conhecimentos para fazeres que ele viva. Toma, aceita o pregador.

Por fim, Morgana aceitou o pregador em forma de dragão. O bebé mutilado continuava a chorar e a mãe a lamentar-se, mas à volta das muralhas de Caer Cadern as crianças dos potes e os homens das fogueiras celebravam a notícia de que o nosso reino tinha outra vez um herdeiro. Dumnónia tinha um Príncipe Herdeiro, e o nascimento de um Príncipe Herdeiro significava uma grande festa e ofertas generosas. A palha ensanguentada foi trazida do aposento e atirada para uma fogueira fazendo as chamas crepitarem altas e brilhantes. Tinha nascido uma criança; tudo o que essa criança precisava agora era de um nome, do qual não podia haver dúvidas. Nenhuma dúvida. Uther levantou-se da sua cadeira e assomou-se enorme e ameaçador à amurada de Caer Cadarn para pronunciar o nome do seu neto recém-nascido, o nome do seu herdeiro e o nome do Príncipe Herdeiro do reino. A criança nascida no Inverno teria o nome do seu pai.

Chamar-se-ia Mordred.

Norwenna e a criança vieram para a nossa casa em Ynys Wydryn. Foram trazidos num carro de bois pela ponte do lado leste até ao sopé do Tor e lá, do cume ventoso, eu vi a mãe doente e a criança aleijada a serem tirados da cama de peles e a serem levados numa padiola de tecido pelo atalho acima até à paliçada. Estava muito frio naquele dia, um frio cortante de neve que penetrava até aos pulmões, gretava a pele e fazia Norwenna chorar enquanto era carregada com o seu bebé enfaixado e passava pelo portão do Tor em Ynys Wydryn.

E foi assim que Mordred, Príncipe Herdeiro de Dumnónia entrou no reino de Merlim.

Ynys Wydryn, apesar do seu nome que significa Ilha de Vidro, não era uma verdadeira ilha. Era mais um alto promontório que avançava sobre uma desolada enseada pantanosa e lodaçais rodeados por salgueiros onde cresciam junças e juncos em abundância. Era um lugar rico devido aos patos, aos peixes, à argila e à pedra de cal que podiam facilmente ser apanhadas nos montes à volta do pântano com ondas, atravessado por carreiros de madeira onde alguns visitantes descuidados se afogavam quando soprava um vento forte de oeste que formava ondas altas que se espalhavam pelas extensas e verdejantes terras pantanosas. Para oeste, onde o terreno se elevava, havia pomares de maçãs e campos de trigo, e para norte, onde montes brancos orlavam os pântanos, havia rebanhos de vacas e carneiros. Toda aquela terra era boa, e no seu coração estava Ynys Wydryn.

E todo aquele território pertencia a Lorde Merlim. Chamava-se Avalon e tinha sido governado pelo seu pai e pelo pai do seu pai e todos os servos e escravos que se viam do cume do Tor trabalhavam para Merlim. Fora aquela terra com os seus produtos apanhados com rede ou com armadilhas na enseada com ondas ou cultivados no solo fértil dos vales do rio que dera a Merlim a riqueza e a liberdade para ser um druida. A Grã-Bretanha já tinha sido a terra dos druidas, mas os Romanos primeiro trucidaram-nos e depois subjugaram a religião, pelo que, mesmo nesta altura, depois de duas gerações sem o governo de Roma, persiste apenas uma mão-cheia dos velhos sacerdotes. Os cristãos tomaram-lhes o lugar e a Cristandade envolve agora a velha fé como uma imensa onda conduzida pelo vento a esparrinhar-se pelos canaviais de Avalon infestados pelos demónios.

A ilha de Avalon, Ynys Wydryn, era composta por um grupo de mon-

tes cobertos de erva, mas todos desnudos, excepto o Tor que era o mais alto e o mais íngreme. No cume foi construída a casa de Merlim e, por trás deste, havia alguns edifícios mais pequenos protegidos por uma paliçada de madeira precariamente colocada no topo das íngremes encostas do Tor cobertas de erva, dispostos em terraços vindos já dos Velhos Tempos, antes de os Romanos chegarem. Um caminho estreito acompanhava os velhos terraços serpenteando em direcção ao cocuruto, e aqueles que visitavam o Tor em busca da cura ou de profecias eram obrigados a seguir esse caminho que servia para confundir os espíritos do mal que, de outra forma, trariam a desarmonia à fortaleza de Merlim. Havia mais dois caminhos que desciam a direito as encostas do Tor: um para leste onde a ponte levava a Ynys Wydryn; o outro, a oeste do portão que dava para o mar, conduzia à aldeia no sopé do Tor onde viviam pescadores, caçadores de patos, cesteiros e pastores. Eram essas as entradas habituais para o Tor e Morgana mantinha-as livres dos espíritos do mal graças a rezas e feitiçarias constantes.

Morgana dispensava uma atenção especial ao caminho de oeste, pois este levava não só à aldeia como também ao santuário cristão de Ynys Wydryn. O bisavô de Merlim deixara os cristãos vir para a ilha durante os tempos romanos e nada os conseguira expulsar de lá desde então. Nós, as crianças do Tor, éramos encorajadas a atirar pedras aos monges e a lançar excrementos de animais por cima da sua cerca de madeira ou a rir dos peregrinos que passavam a correr pelo pequeno portão para venerar um espinheiro que crescera junto à impressionante igreja de pedra construída pelos Romanos e que ainda dominava o agregado cristão. Houve um ano em que Merlim mandou erguer um espinheiro idêntico no Tor e todos nós o venerámos com cânticos, danças e vénias. Os cristãos da aldeia disseram que seríamos abatidos pelo seu Deus, mas nada aconteceu. No fim queimámos o nosso espinheiro e misturámos as cinzas com a comida dos porcos, mas mesmo assim o Deus cristão ignorou-nos. Os cristãos apregoavam que o seu espinheiro era mágico e que tinha sido trazido para Ynys Wydryn por um estrangeiro que vira o Deus cristão pregado numa árvore. Que Deus me perdoe, mas nesses tempos já tão distantes eu escarnecia dessas histórias. Nessa altura eu não entendia o que tinha o espinheiro que ver com a morte de um Deus, mas agora entendo, embora possa afirmar que o Espinheiro Sagrado, se é que ainda existe em Ynys Wydryn, não é a árvore que brotou do bastão de José de Arimateia. Sei que é assim porque, numa noite escura de Inverno em que Merlim me mandou buscar um frasco de água limpa à nascente sagrada que ficava no sopé do Tor do lado sul, eu vi os monges cristãos a enterrar um pequeno arbusto de espinheiro para substituir a árvore que tinha morrido dentro da cerca deles. O Espinheiro Sagrado estava sempre a morrer, embora eu não

saiba se era por causa dos excrementos de vaca que nós lhe atirávamos ou simplesmente porque a pobre árvore ficava soterrada pelas tiras de tecido que os peregrinos lhe amarravam. De qualquer forma, os monges do Espinheiro Sagrado ficaram ricos à custa das generosas ofertas dos peregrinos.

Os monges de Ynys Wydryn ficaram muito satisfeitos por Norwenna ter vindo para o nosso terreiro, pois agora tinham uma razão para subir a íngreme ladeira e trazer as suas rezas para o seio da fortaleza de Merlim. Apesar do desaire da Virgem Maria em dar-lhe o filho, a princesa Norwenna era ainda uma cristã irredutível e de língua afiada e exigiu que os monges fossem autorizados a lá entrar todas as manhãs. Não sei se Merlim os autorizaria, e certamente que Nimue amaldiçoou Morgana por ter dado permissão, mas Merlim nessa altura não estava em Ynys Wydryn. Não víamos o nosso mestre há mais de um ano, mas a vida no seu estranho baluarte continuava, mesmo sem ele.

E era mesmo estranho esse baluarte. Merlim era o mais excêntrico de todos os habitantes de Ynys Wydryn, mas à sua volta, e para seu prazer, juntou uma tribo de criaturas mutiladas, desfiguradas, retorcidas e meio dementes. O capitão deste conjunto de pessoas e comandante da sua guarda era Druidan, um anão. Não era mais alto do que uma criança de cinco anos, mas tinha a fúria de um guerreiro adulto e todos os dias se equipava com caneleiras, couraça, elmo, capa e armas. Queixava-se do destino que lhe tinha tolhido o crescimento e vingava-se nas únicas criaturas ainda mais pequenas do que ele: os órfãos que Merlim acolhia tão descuidadamente. Poucas eram as raparigas de Merlim que Druidan não perseguia fanaticamente, apesar de ter levado uma grande sova quando tentou levar Nimue à força para a cama. Merlim batera-lhe na cabeça partindo-lhe as orelhas, rebentando-lhe os lábios e deixando-o com os olhos todos pisados, enquanto as crianças e os guardas da paliçada aplaudiam. Os guardas que Druidan comandava eram todos coxos, cegos ou loucos, alguns eram até isso tudo ao mesmo tempo, mas nenhum era louco o bastante para gostar de Druidan.

Nimue, minha amiga e companheira de infância, era irlandesa. Os Irlandeses eram Bretões, mas nunca tinham sido governados pelos Romanos e por essa razão consideravam-se melhores do que os Bretões da ilha maior que por eles tinham sido assaltados, saqueados, escravizados e colonizados. Se os Saxões não tivessem sido inimigos tão terríveis, os Irlandeses seriam considerados as piores das criaturas de Deus, embora, de vez em quando se fizessem alianças com eles contra outras tribos bretãs. Nimue tinha sido capturada e levada da família durante um ataque que Uther levava a cabo contra os grupos de colonos irlandeses fixados em Demétia, que se estendia ao longo do extenso mar e era banhada pelo rio Severn. Nesse

ataque foram feitos dezasseis cativos que foram mandados como escravos para Dumnónia, mas quando os navios atravessavam o mar Severn foram atingidos por uma grande tempestade que fez naufragar em Ynys Wair o navio que carregava os cativos. Apenas Nimue se salvou e dizia-se que saíra do mar sem sequer se molhar. Merlim apregoava que isso era um sinal de que Nimue era amada por Manawydan, o Deus do Mar, apesar de a própria Nimue insistir que fora Don, a mais poderosa das Deusas, que lhe salvara a vida. Merlim quis chamá-la Vivien, um nome dedicado a Manawydan, mas Nimue ignorou-o e manteve o seu próprio nome. Nimue conseguia quase sempre o que pretendia. Cresceu no asilo de loucos de Merlim, dona de uma curiosidade aguçada e de uma grande autoconfiança e quando, com treze ou catorze anos, Merlim a chamou para a sua própria cama, ela foi, como se sempre tivesse sabido que o seu destino seria tornar-se amante dele e, desta forma e por esta ordem das coisas, a segunda pessoa mais importante de toda Ynys Wydryn.

Todavia, Morgana não abdicou deste posto sem luta. De todas as estranhas criaturas que habitavam a casa de Merlim, Morgana era a mais grotesca. Era viúva e tinha trinta anos quando se tornou protectora de Norwenna e de Mordred, e a nomeação era apropriada pois ela própria era também de alta linhagem. Era a primeira de quatro bastardos, três raparigas e um rapaz, que Igraine de Gwynedd tivera do Rei Supremo Uther. O seu irmão era Artur e com tal linhagem e tal irmão pensar-se-ia que alguns homens ambiciosos tudo fariam para pedir a mão da viúva, embora, quando era ainda uma jovem noiva, Morgana tenha ficado presa numa casa a arder, o que lhe matou o marido e a deixou marcada por horríveis cicatrizes. A chamas consumiram-lhe a orelha esquerda, cegaram-lhe o olho esquerdo, crestaram-lhe o cabelo do lado esquerdo, mutilaram-lhe a perna esquerda e deformaram-lhe o braço esquerdo. Nimue disse-me que quando Morgana estava nua toda a parte esquerda do seu corpo aparecia enrugada, esfoliada e desfigurada, engelhada em certos sítios, esticada noutros, mas horrível toda ela. Nimue disse-me que era como uma maçã podre, mas ainda pior. Morgana era uma criatura de pesadelo, mas para Merlim era a senhora certa para a sua casa e treinou-a para ser a sua profetisa. Ordenou a um dos ourives do Rei Supremo que lhe fizesse uma máscara que lhe assentasse como um elmo na cabeça devastada. A máscara de ouro tinha um orifício para o seu único olho e uma ranhura para a boca retorcida. Era feita de ouro muito fino gravado com espirais e dragões, e, na frente, tinha uma imagem de Cernunnos, o Deus com Chifres, protector de Merlim. Morgana, com o rosto dourado, vestia sempre de preto, usava uma luva na mão esquerda atrofiada e era muito conhecida por ter o dom da cura e da profecia. Era também a mulher com o pior génio que jamais conheci.

Sebile era a escrava e companheira de Morgana. Sebile era uma raridade, uma beldade de cabelos cor de ouro. Era uma saxónica capturada num ataque que, depois de uma temporada durante a qual foi violada por quase todo o exército, chegou em estado de choque a Ynys Wydryn onde Morgana lhe curou a mente. Mesmo assim, ela era ainda demente — não uma doida perversa, apenas uma louca além das fantasias da loucura. Deitava-se com todos os homens, não porque quisesse, mas porque receava não querer, e nada do que Morgana fizesse a poderia impedir. Dava à luz ano após ano, apesar de sobreviverem poucas dessas crianças de cabelo louro. As que sobreviviam Merlim vendia-as como escravas a homens que apreciavam crianças com o cabelo cor de ouro. Ele divertia-se com Sebile, apesar de nada na sua loucura falar dos Deuses.

Eu gostava de Sebile pois também eu era saxão e Sebile falava comigo na minha língua materna e, por isso, eu cresci em Ynys Wydryn a falar tanto o saxónico como a língua dos Bretões. Eu também devia ter sido escravo, mas quando era criança, ainda mais pequeno do que o anão Druidan, um destacamento atacou Silúria, na costa norte de Dumnónia, e levou o aglomerado onde a minha mãe estava escravizada. O rei Gundleus de Silúria comandava o ataque. A minha mãe, que eu achava parecida com Sebile, foi violada enquanto eu fui levado para o poço da morte onde Tanaburs, o druida de Silúria, estava a sacrificar uma dúzia de cativos para agradecer ao Grande Deus Bel o avultado saque que tinham conseguido com aquele ataque. Meu Deus, como me lembro dessa noite. As fogueiras, os gritos, os estupros embriagados, as danças selváticas e o momento em que Tanaburs me empurrou violentamente com a sua vara afiada para dentro do poço escuro. Sobrevivi, e saí do poço da morte tão calmamente como Nimue saíra do mar assassino. Quando Merlim me encontrou disse que eu era uma criança do Deus Bel. Pôs-me o nome de Derfel, deu-me abrigo e deixou-me crescer livre.

O Tor estava cheio de crianças assim, que foram arrebatadas aos Deuses. Merlim acreditava que éramos especiais e que devíamos crescer numa nova ordem de druidas e sacerdotisas que o poderiam ajudar a restabelecer a verdadeira religião numa Grã-Bretanha a sofrer da influência maligna de Roma. Ele, porém, nunca tinha tempo para nos ensinar e, por isso, a maior parte de nós cresceu para se tornar agricultor, pescador ou dona de casa. Durante o tempo que passei no Tor só Nimue parecia marcada pelos Deuses e estava a tornar-se uma sacerdotisa. Eu nada mais queria senão ser um guerreiro.

Pellinore fez-me ambicionar sê-lo. Pellinore era a minha preferida de todas as criaturas de Merlim. Ele era um rei, mas os Saxões tiraram-lhe as terras e os olhos e os Deuses tiraram-lhe a razão. Devia ter sido mandado

para a Ilha dos Mortos, para onde eram mandados os loucos perigosos, mas Merlim ordenou que ficasse no Tor, fechado num pequeno compartimento parecido com aquele onde Druidan tinha os seus porcos. Andava sempre nu, com uma longa cabeleira branca que lhe chegava aos joelhos e, apesar das cavidades dos olhos estarem vazias, ele chorava. Estava sempre a delirar, acusando o universo da sua desdita e Merlim escutava essa loucura e dela retirava mensagens dos Deuses. Todos temiam Pellinore. Ele era completamente doido e desabridamente selvagem. Uma vez cozinhou um dos filhos de Sebile na fogueira. No entanto, por estranho que pareça e eu não perceba porquê, Pellinore gostava de mim. Eu deslizava por entre as barras do seu cárcere e ele acarinhava-me e contava-me histórias de combates e caçadas selvagens. A mim nunca me pareceu louco nem me fez mal nenhum e também nunca fez mal a Nimue, mas, tal como Merlim dizia sempre, nós os dois éramos especialmente amados pelo Deus Bel.

Bel podia ter-nos amado, mas Guendoloen odiava-nos. Era a mulher de Merlim e já estava velha e desdentada. Tal como Morgana, tinha muito jeito para as ervas e feitiçarias, mas Merlim rejeitara-a quando a doença lhe desfigurara a cara. Isso acontecera muito antes de eu chegar ao Tor, durante um período a que todos chamavam os Maus Tempos, quando Merlim voltara do Norte louco e choroso. Mas mesmo quando recuperou a sua capacidade mental não aceitou Guendoloen de volta, apesar de a ter autorizado a viver numa pequena cabana ao lado da paliçada, onde ela passava os dias a lançar feitiços contra o marido e a insultar-nos a todos aos gritos. Odiava Druidan acima de tudo. Às vezes atacava-o com línguas de fogo e Druidan corria ligeiro por entre as cabanas com ela a correr atrás dele. Nós, as crianças, estávamos sempre a instigá-la, gritando e pedindo o sangue do anão, mas ele conseguia sempre fugir.

Foi, então, para este estranho lugar que Norwenna veio com o Príncipe Herdeiro Mordred, e apesar de eu ter dado a entender que era um lugar horroroso, ele era na verdade um bom refúgio. Nós éramos as crianças privilegiadas de Lorde Merlim, vivíamos livres, trabalhávamos pouco, ríamos e Ynys Wydryn, a Ilha de Vidro, era um lugar alegre.

Norwenna chegou no Inverno, quando os pântanos de Avalon estavam cobertos de gelo. Havia um carpinteiro em Ynys Wydryn chamado Gwlyddyn cuja mulher tinha um filho com a mesma idade de Mordred, que nos fez trenós e, quando descíamos as encostas nevadas do Tor, enchíamos o ar de gritos estridentes. Ralla, a mulher de Gwlyddyn, foi nomeada ama de leite de Mordred e o príncipe, apesar do pé aleijado, cresceu forte com o leite dela. Até a saúde de Norwenna melhorou, quando o frio penetrante começou a diminuir e as primeiras campânulas brancas de Inverno floresceram nos bosques de abrolhos em volta da Primavera sagrada que já

despontava no sopé do Tor. A princesa nunca mais se fortalecia, mas Morgana e Guendoloen davam-lhe ervas, os monges rezavam e parecia que, finalmente, a doença estava a passar. Todas as semanas um mensageiro levava notícias ao avô, o Rei Supremo, e cada boa notícia era recompensada com alguma peça em ouro ou talvez um frasco de chifre cheio de sal ou uma garrafa de um vinho raro que Druidan roubava.

Esperávamos o regresso de Merlim, mas ele não voltava e o Tor parecia vazio sem ele, ainda que a nossa vida quotidiana mal tivesse mudado. Tínhamos de manter as despensas cheias, matar as ratazanas e trazer água da nascente pelo monte acima três vezes ao dia. Gudovan, o escriba de Merlim, mantinha um registo dos pagamentos dos inquilinos enquanto Hywel, o administrador, percorria todas as propriedades para ter a certeza de que nenhuma família enganava o seu senhor ausente. Tanto Gudovan como Hywel eram homens sóbrios, práticos e trabalhadores; a prova disso, segundo Nimue me disse, é que as excentricidades de Merlim acabavam onde os rendimentos começavam. Foi Gudovan quem me ensinou a ler e a escrever. Eu não queria aprender essas coisas que nada tinham que ver com ser guerreiro, mas Nimue insistira comigo.

— Tu és órfão de pai — disse-me ela — e tens de avançar pelos teus próprios méritos.

— Quero ser soldado.

— E serás — prometeu-me ela. — Mas só se aprenderes a ler e a escrever. — E foi tal o peso da sua jovem autoridade sobre mim que acreditei nela e aprendi a ler e a escrever muito antes de descobrir que nenhum soldado precisava disso.

Assim Gudovan ensinou-me as letras e Hywel, o administrador, ensinou-me a lutar. Treinou-me com o bastão, o cacete do aldeão que podia abrir o crânio a uma pessoa, mas que também podia imitar o golpe de uma espada ou a estocada de uma lança. Antes de perder a perna com um golpe de um machado saxão, Hywel tinha sido um guerreiro famoso do exército de Uther e ele obrigou-me a treinar até os meus braços estarem suficientemente fortes para brandir uma pesada espada com a mesma velocidade com que brandia um bastão. Hywel disse-me que muitos guerreiros apostavam na força bruta e na bebida em vez de apostarem na habilidade. Disse-me também que eu enfrentaria homens a cair de bêbados, capazes de matar um touro só com o hálito, mas um homem sóbrio que conhecesse os nove golpes da espada conseguiria sempre vencer tamanhos brutamontes.

— Eu estava bêbado — admitiu ele — quando Ooctha, o *Saxão*, me arrancou a perna. Agora, mais depressa, rapaz, mais depressa! A tua espada tem de confundir-los! Mais depressa!

Ele ensinou-me bem e os primeiros a sabê-lo foram os filhos dos mon-

ges de uma das aldeolas do vale, em Ynys Wydryn. Eles ressentiam-se de nós, as crianças privilegiadas do Tor, pois nós passávamos o tempo sem fazer nada, a correr livremente de um lado para o outro, enquanto eles trabalhavam, e, para se vingarem, perseguiram-nos e tentavam bater-nos. Um dia, levei o meu bastão para a aldeia e deixei três cristãos a sangrar. Sempre fui alto para a minha idade e os Deuses fizeram-me forte como um touro. Assim, atribuí-lhes a minha vitória apesar de Hywel me castigar por isso. «Os privilegiados», disse ele, «nunca devem tirar vantagem dos seus inferiores», mas acho que mesmo assim ficou contente, pois levou-me à caça no dia seguinte e eu matei o meu primeiro javali com a lança de um adulto. Foi num bosque brumoso perto do rio Cam e eu tinha apenas doze anos. Hywel untou o meu rosto com o sangue do javali, deu-me os dentes para eu usar como um colar e depois levou a carcaça para o seu Templo de Mitra, onde deu uma festa para todos os velhos guerreiros que prestavam culto àqueles soldados de Deus. Não me deixaram participar nessa festa, mas Hywel prometeu-me que um dia, quando eu tivesse a barba grande e tivesse matado um saxão em combate, ele me iniciaria nos mistérios de Mitra.

Três anos mais tarde eu ainda sonhava em matar saxões. Algumas pessoas deviam achar estranho que eu, um jovem saxão, com o cabelo da cor dos saxões, fosse tão fervorosamente britânico na minha fidelidade, mas desde a primeira infância eu fora criado entre os Bretões e os meus amigos, os meus amores, a língua que usava todos os dias, as histórias, as inimizades e os sonhos eram todos britânicos. E nem a cor do meu cabelo era assim tão invulgar. Os Romanos tinham deixado a Grã-Bretanha povoada com toda a espécie de seres estranhos. De facto, o louco Pellinore falara-me uma vez de dois irmãos que eram pretos como o carvão e até eu conhecer Sagramor, o comandante nómada de Artur, eu pensava que as palavras dele não passavam de histórias tecidas pela sua loucura.

O Tor ficou cheio de gente quando Mordred e a mãe chegaram, pois Norwenna trouxe não só as suas servas como também um exército de guerreiros cuja tarefa era proteger a vida do Príncipe Herdeiro. Dormíamos quatro ou cinco em cada cabana, posto que nenhum de nós, a não ser Nimue e Morgana, tinha autorização para entrar nos aposentos interiores da casa. Pertenciam a Merlim e só Nimue podia lá dormir. Norwenna e a sua corte viviam na própria casa, que ficava cheia de fumo por causa das duas fogueiras acesas dia e noite. A casa era suportada por vinte postes de carvalho, tinha paredes de vime e gesso e um telhado de colmo. O chão era de terra coberto com junco que às vezes começava a arder e provocava o pânico até as chamas serem apagadas. Os aposentos de Merlim eram separados do resto da casa por uma parede interna também feita de vime e gesso e que tinha apenas uma pequena porta de madeira. Todos nós sa-

bíamos que Merlim dormia, estudava e sonhava naqueles aposentos que culminavam numa torre de madeira construída no ponto mais alto do Tor. O que acontecia dentro da torre era um mistério para todos excepto para Merlim, Morgana e Nimue, e nenhum deles alguma vez desvendaria esse mistério. Mas as pessoas da região, que conseguiam ver a Torre de Merlim a quilómetros de distância, juravam que a torre estava repleta de tesouros roubados dos túmulos do Povo Antigo.

O chefe da guarda de Mordred era um cristão chamado Ligessac, um homem alto, delgado, muito ambicioso e muito hábil com o arco. Conseguia quebrar um galho a cinquenta passos de distância quando estava sóbrio, ainda que raramente o estivesse. Ensinou-me um pouco da sua destreza, mas rapidamente ficava aborrecido com a companhia de um rapaz e preferia jogar com os seus homens. No entanto, contou-me a verdadeira história da morte do Príncipe Mordred e a razão pela qual o Rei Supremo Uther amaldiçoara Artur.

— A culpa não foi de Artur — disse Ligessac enquanto atirava uma pedra para o seu tabuleiro. Todos os soldados tinham o seu próprio tabuleiro, alguns muito bonitos feitos de osso.

— Um seis — disse ele enquanto eu esperava para ouvir o resto da história de Artur.

— Dobro — disse Menw, um dos guardas do príncipe, e depois fez rolar a sua própria pedra. A pedra bateu nas arestas do tabuleiro e decidiu-se pelo um. Ele só precisava de um dois para ganhar, por isso recolhia agora as suas pedras, não parando de praguejar.

Ligessac mandou Menw ir buscar a bolsa para lhe pagar o que tinha ganho e, depois, disse-me como Uther tinha mandado chamar Artur a Armórica para o ajudar a vencer um grande exército de saxões que tinha entrado muito dentro do nosso território. Ligessac disse que Artur trouxera os seus guerreiros, mas nenhum dos seus famosos cavalos, pois o chamamento fora urgente e não houvera tempo para arranjar barcos suficientes para os homens e para os cavalos.

— Não que os cavalos lhe fizessem falta — disse Ligessac com espanto —, porque apanhou os filhos da puta dos saxões numa armadilha no vale do Cavalo Branco. Depois Mordred decidiu que sabia mais do que Artur. Ele queria as honras todas, percebes? — Ligessac limpou o nariz à manga e olhou em redor para ter a certeza de que ninguém o estava a ouvir.

— Nessa altura, Mordred estava bêbado — continuou ele, falando mais baixo — e metade dos seus homens deliravam, completamente nus, e juravam que conseguiriam matar um número de homens dez vezes superior ao seu. Devíamos ter esperado por Artur, mas o príncipe ordenou que atacássemos.

— Estava lá? — perguntei com espanto de adolescente.

Ele assentiu com um aceno.

— Com Mordred. Santo Deus, mas como eles lutaram. Cercaram-nos e, de repente, éramos cinquenta bretões a cair como tordos ou a ficar rapidamente sóbrios. Eu atirava setas o mais depressa que podia, os nossos lanceiros tentaram fazer uma muralha de escudos, mas os guerreiros deles avançavam sobre nós dizimando-nos com as espadas e os machados. Os seus tambores continuavam a rufar, os seus feiticeiros a gritar e eu já me considerava um homem morto. Acabaram-se-me as setas e mudei para a lança. Não ficaram mais do que vinte de nós vivos e todos no limite das nossas forças. O estandarte com o dragão tinha sido capturado, Mordred esvaía-se em sangue e nós, os que sobrávamos, juntámo-nos todos à espera do fim e foi então que chegaram os homens de Artur. — Fez uma pausa e, depois, abanou a cabeça com pesar. — Sabes, meu rapaz, os bardos dizem que, naquele dia, Mordred inundou o chão com sangue saxão, mas não foi Mordred, foi Artur. Ele matou e tornou a matar. Recuperou o estandarte, chacinou os feiticeiros, queimou os tambores de guerra, perseguiu os sobreviventes até ao anoitecer e matou o seu chefe militar em Edwy's Hangstone à luz do luar. E é por isso que agora os Saxões são vizinhos cautelosos, meu rapaz, não porque Mordred os derrotou, mas porque pensam que Artur voltou para a Grã-Bretanha.

— Mas não voltou — disse eu tristemente.

— O Rei Supremo não permitirá que ele volte. O Rei Supremo culpa-o. — Ligessac fez uma pausa e olhou novamente à sua volta, para o caso de estar a ser ouvido. — O Rei Supremo considera que Artur queria que Mordred morresse para ele próprio ser o rei, mas não é verdade. Artur não é assim.

— Como é ele? — perguntei.

Ligessac encolheu os ombros como que sugerindo que a resposta era difícil, mas, então, antes que pudesse dizer fosse o que fosse, viu Menw regressar. — Nem uma palavra, rapaz — avisou-me ele. — Nem uma palavra.

Todos nós ouvíramos histórias semelhantes, apesar de Ligessac ser o primeiro homem que conheci que afirmou ter estado na batalha do Monte do Cavalo Branco. Mais tarde cheguei à conclusão de que ele nunca lá estivera e que estava apenas a inventar uma história para conseguir a admiração de um rapaz crédulo, ainda que a sua narrativa fosse suficientemente exacta. Mordred fora um louco bêbado, Artur fora o vencedor, mas mesmo assim Uther desterrara-o. Ambos eram filhos de Uther, mas Mordred era o herdeiro amado e Artur o bastardo arrogante. No entanto, o desterro de Artur não podia pôr fim às crenças que existiam em Dumnónia de que o

bastardo era a maior esperança do seu país; o jovem guerreiro de além-mar que nos salvaria dos Saxões e recuperaria as Terras Perdidas de Lloegyr.

A segunda parte do Inverno foi moderada. Foram vistos lobos do outro lado do paredão de terra que protegia a ponte de terra de Ynys Wydryn, mas nenhum se aproximou do Tor, apesar de algumas das crianças mais novas fazerem feitiços com patas de lobos que escondiam debaixo da cabana de Druidan, na esperança de que uma dessas feras saltasse a paliçada de dentes arreganhados a babar-se e levasse o anão para lhe servir de jantar. Os feitiços não resultaram e, quando o Inverno começou a afastar-se começámos a preparar-nos para o grande festival da Primavera de Beltain com as suas grandes fogueiras e os festejos da meia-noite, mas eis que uma excitação ainda maior atinge o Tor.

Chegou Gundleus da Silúria.

O bispo Bedwin chegou primeiro. Era o conselheiro de maior confiança de Uther e a sua chegada prometia grande agitação. As criadas de Norwenna saíram do quarto e foram colocados tapetes fiados sobre o junco, sinal indubitável de que alguém muito importante vinha de visita. Todos pensávamos que devia ser o próprio Uther, mas o estandarte que apareceu na ponte de terra uma semana antes de Beltain exibia a raposa de Gundleus e não o dragão de Uther. Estava uma manhã resplandecente quando vi os cavaleiros desmontar no sopé do Tor. O vento batia-lhes nas capas e fustigava o estandarte já puído onde vi a máscara de raposa, que eu odiava, o que me fez gritar em protesto e fazer o sinal para afastar o mal.

— O que é? — perguntou Nimue. Ela estava ao meu lado na plataforma de guarda do lado leste.

— É o estandarte de Gundleus — disse eu.

Vi a surpresa nos olhos de Nimue, pois Gundleus era o rei da Silúria e era aliado do rei Gorfyddyd de Powys, inimigo declarado de Dumnónia.

— Tens a certeza? — perguntou-me ela.

— Ele levou a minha mãe — disse eu — e o seu druida atirou-me para o poço da morte.

Cuspi por cima da paliçada na direcção daquele punhado de homens que começara a subir o Tor, que era íngreme demais para os cavalos. Entre eles lá estava Tanaburs, o druida de Gundleus e o meu espírito do mal. Era um velho alto com uma barba entrançada e longa cabeleira branca, com a parte da frente do crânio rapada, num corte adoptado pelos druidas e pelos padres cristãos. A meio do monte atirou a capa para o lado e iniciou uma dança de protecção não fosse Merlim ter deixado espíritos a guardar o portão. Nimue ao ver o velhote a saltar numa perna só e sem firmeza na encosta íngreme, cuspiu para o ar e correu para os aposentos de Merlim. Corri atrás dela, mas ela empurrou-me para o lado e disse que eu não perceberia o perigo.

— Perigo? — perguntei, mas ela já tinha desaparecido. Parecia não haver perigo, pois Bedwin ordenara que o portão fosse todo aberto e tentava agora organizar as boas-vindas no meio daquele caos de excitação que era o topo do Tor. Nesse dia Morgana estava fora, a meditar no templo dos sonhos nos montes de leste, mas todos os outros habitantes do Tor se apressaram para ver os visitantes. Druidan e Ligessac dispuseram em filas os seus homens, Pellinore latia nu, olhando as nuvens. Guendoloen, desdentada, cuspiu pragas contra o bispo Bedwin enquanto algumas crianças lutavam para conseguir ver melhor os visitantes. A recepção deveria ter sido digna, mas Lunete, uma criança irlandesa abandonada pelos pais e um ano mais nova do que Nimue, abriu a pocilga de Druidan e assim Tanaburs, o primeiro a entrar pelo portão da paliçada, foi recebido por um frenesim de guinchos.

Era preciso mais do que bácoros em pânico para assustar um druida. Tanaburs, vestido com uma túnica cinzenta imunda bordada com lebres e quartos crescentes, ficou na entrada e ergueu as duas mãos acima da cabeça tosquiada. Trazia um bastão com a ponta em forma de lua que rodou três vezes no ar, no sentido percorrido pelo Sol, posto o que, uivou na direcção da Torre de Merlin. Um dos bácoros cambaleou, tentou equilibrar-se na entrada enlameada acabou por se precipitar monte abaixo. Tanaburs, imóvel, uivou outra vez, verificando se no Tor não existiam inimigos ocultos.

Durante alguns segundos reinou o silêncio quebrado apenas pelo sacudir do estandarte ao vento e pela respiração pesada dos guerreiros que subiram o monte atrás do druida. Gudovan, o escriba de Merlin, viera pôr-se ao meu lado, com as mãos embrulhadas em tiras de pano sujas de tinta para se proteger do frio.

— Quem é? — perguntou e, depois, estremeceu ao ouvir um grito penetrante e choroso a responder ao desafio de Tanaburs. O grito veio de dentro da casa e eu sabia que era Nimue.

Tanaburs pareceu ficar furioso. Ladrou como uma raposa, tocou nos órgãos genitais, fez o sinal para afastar o mal e começou a saltar só numa perna em direcção à casa. Parou ao fim de cinco passos, uivou de novo em tom de desafio, mas desta vez, de lá de dentro, não veio nenhum grito como resposta, por isso ele pôs a outra perna no chão e acenou para o seu senhor.

— É seguro! — disse Tanaburs. — Vinde, meu Rei e Senhor, vinde!

— Rei? — perguntou-me Gudovan.

Disse-lhe quem eram os visitantes e depois perguntei por que razão Gundleus, um inimigo, tinha vindo ao Tor. Gudovan catou um piolho por baixo da camisa e encolheu os ombros.

— Política, rapaz, política.

— Conta-me — pedi-lhe.

Gudovan suspirou como se a minha pergunta fosse a prova da mais

crassa estupidez. Esta era a sua reacção a qualquer pergunta, mas depois deu-me resposta.

— Norwenna está em condições de contrair matrimónio, Mordred é um bebé que precisa de ser protegido, e quem pode proteger melhor um bebé do que um rei? E quem melhor do que um rei inimigo que se pode tornar amigo de Dumnónia? É, na realidade, muito simples, meu rapaz. Se pensasses durante um minuto terias conseguido encontrar a resposta sem me teres feito perder tempo. — Soprou-me levemente no ouvido como retribuição. — E não te esqueças — cacarejou —, ele vai ter de desistir de Ladwys durante algum tempo.

— Ladwys? — perguntei.

— A amante dele, seu estúpido. Julgas que algum rei dorme sozinho? Mas há quem diga que Gundleus está tão apaixonado por Ladwys que até casou com ela! Dizem que a levou para Lleu's Mound e mandou o seu druida uni-los, mas eu não acredito que ele fosse assim tão tolo. Ela não é de alta linhagem. Não devias ir hoje contar as rendas que Hywel pediu?

Ignorei a pergunta e olhei para Gundleus e os seus guardas, que transpunham cuidadosamente a traiçoeira entrada escorregadia devido à lama. O rei da Silúria era um homem alto e bem feito, talvez com trinta anos. Era ainda um jovem quando os seus bandidos capturaram a minha mãe e me atiraram para o poço da morte, mas aqueles cerca de doze anos que passaram desde essa noite escura e sangrenta tinham sido generosos para com ele, pois estava ainda atraente, com um longo cabelo negro e uma barba bifurcada que ainda nada tinha de grisalha. Trazia uma capa de pele de raposa, botas de couro que lhe chegavam aos joelhos, uma túnica castanho-avermelhada e uma espada numa bainha vermelha. Os seus guardas vestiam-se de maneira idêntica e eram todos homens altos que se elevavam acima da miserável colecção de portadores de lanças estropiados de Druidan. Os silurianos usavam espadas, mas nenhum trazia lanças ou escudos, prova de que tinham vindo em paz.

Afastei-me quando Tanaburs passou. Eu era uma criança que ainda mal sabia andar, quando ele me atirara para o poço e não havia qualquer hipótese de o velho reconhecer em mim o rapaz que enganara a morte, nem eu tinha razão para o temer depois de ele não ter conseguido matar-me. Mesmo assim afastei-me do druida siluriano. Tinha olhos azuis, um nariz adunco e uma boca descaída pingando baba. Trazia pequenos ossos pendurados nas pontas do cabelo branco longo e liso, que batiam uns nos outros enquanto caminhava arrastando os pés à frente do seu rei. O bispo Bedwin aproximou-se de Gundleus, proclamando as boas-vindas e dizendo quão honrado Tor estava com a sua visita real. Dois dos guardas silurianos carregavam uma pesada caixa que devia conter presentes para Norwenna.

A delegação desapareceu no interior da casa. O estandarte com a raposa estava enterrado na terra fora da porta onde os homens de Ligessac barravam a entrada a qualquer outra pessoa, mas nós, os que crescemos no Tor, sabíamos como entrar sorrateiramente na casa de Merlim. Corri para o lado sul, trepei a pilha de toros e afastei uma das cortinas de couro que protegiam as janelas. Depois saltei para o chão e escondi-me por detrás das arcas de verga que continham os panos para os dias de festa. Uma das escravas de Norwenna viu-me entrar e provavelmente alguns dos homens de Gundleus também, mas ninguém se deu ao trabalho de me expulsar.

Norwenna estava sentada numa cadeira de madeira no centro do aposento. A princesa viúva não era bonita: tinha um rosto redondo como a lua, uns olhos vorazes e pequenos, uma boca carrancuda e uma pele marcada por alguma doença de infância, mas nada disso importava. Os grandes homens não casam com as princesas pelo seu aspecto, mas sim pelo poder que trazem nos seus dotes. Contudo, Norwenna tinha-se preparado cuidadosamente para esta visita. As suas criadas tinham-lhe vestido uma capa de lã tingida de um azul pálido que caía no chão à sua volta. Tinham-lhe entrançado o cabelo negro e enrolado as tranças à volta da cabeça antes de lhes colocarem rebentos de abrunhos. Usava um pesado colar de ouro à volta do pescoço, três pulseiras douradas no pulso e uma cruz de madeira maciça entre os seios. Estava muito nervosa, pois a sua mão livre estava sempre a mexer na cruz de madeira, enquanto no outro braço, enfaixado em fino linho e embrulhado numa capa tingida de uma rara cor dourada repousava o Príncipe Herdeiro de Dumnónia, Mordred.

O rei Gundleus mal olhou para Norwenna. Refastelou-se na cadeira em frente a ela e parecia extremamente entediado com aquele processo. Tanaburs andava apressadamente de um pilar para o outro, murmurando feitiçarias por entre os dentes e a cuspir. Quando passou perto do meu esconderijo, encolhi-me até o cheiro dele ter desaparecido. As chamas crepitavam nas lareiras nas duas extremidades do aposento, com o fumo a misturar-se e a agitar-se até ao tecto enegrecido pela fuligem. Não havia sinal de Nimue.

Foi servido aos visitantes vinho, peixe fumado e bolos de aveia. Depois o bispo Bedwin fez um discurso explicando a Norwenna que Gundleus, rei da Silúria, em missão de paz com o Rei Supremo, passara por acaso perto de Ynys Wydryn e achara que seria cortês fazer essa visita ao Príncipe Mordred e à sua mãe. O rei trouxera alguns presentes para o príncipe, disse Bedwin, depois do que Gundleus acenou descuidadamente para que os homens que traziam a caixa se aproximassem. Os dois guardas levaram a arca para junto de Norwenna. A princesa ainda não tinha dito nada, e nem sequer agora, que os presentes estavam a ser colocados no tapete a seus

pés, disse uma palavra. Havia uma fina pele de lobo, mais duas peles, uma outra de castor e uma pele curtida de veado, um pequeno colar de ouro, alguns pregadores, um copo feito de chifre adornado com fios de prata encanestrados, um frasco romano de vidro verde pálido com um bico maravilhosamente delicado e uma asa em forma de coroa. A arca vazia foi dali levada e seguiu-se um silêncio incómodo, ninguém sabendo muito bem o que dizer. Gundleus fez um gesto descuidado na direcção dos presentes, o bispo Bedwin irradiava felicidade, Tanaburs escarrou ruidosamente como protecção para um pilar enquanto Norwenna olhava hesitante para os presentes do rei que, afinal, nem eram muito generosos. A pele de veado devia dar para fazer um bom par de luvas, as outras peles eram boas, apesar de Norwenna ter provavelmente muitas e melhores nos seus cestos de vime, e o colar que usava era quatro vezes mais pesado do que o que estava a seus pés. Os pregadores de Gundleus eram feitos de ouro fino e o copo de chifre estava lascado. Apenas o frasco romano era verdadeiramente precioso.

Bedwin quebrou aquele silêncio embaraçoso.

— Os presentes são magníficos! Raros e magníficos. Fostes verdadeiramente generoso, Senhor.

Norwenna concordou e assentiu obedientemente com a cabeça. O menino começou a chorar e Ralla, a ama de leite, pegou nele e levou-o para a sombra atrás dos pilares, onde lhe deu o peito, silenciando-o.

— O Príncipe Herdeiro está bem? — perguntou Gundleus, falando pela primeira vez desde que entrara no aposento.

— Graças a Deus e a todos os Seus Santos está — respondeu Norwenna.

— O pé esquerdo? — perguntou Gundleus sem tacto nenhum. — Poderá melhorar?

— O pé não o vai impedir de montar a cavalo, empunhar uma espada ou sentar-se num trono — respondeu Norwenna com firmeza.

— Claro que não, claro que não — disse Gundleus, lançando um olhar na direcção da criança esfomeada. Sorriu, esticou os seus longos braços e olhou em volta do aposento. Nada dissera sobre casamento, mas também não o faria naquele momento nem ali. Se quisesse casar com Norwenna pediria a sua mão a Uther, não a ela. Aquela visita era apenas uma oportunidade para inspeccionar a noiva. Lançou a Norwenna um breve olhar desinteressado e, depois, olhou mais uma vez fixamente em redor do aposento mergulhado na penumbra. — Com que então é esta a toca de Merlim? — perguntou Gundleus. — Onde está ele?

Ninguém respondeu. Tanaburs estava a esgaravatar debaixo de um dos tapetes e eu supus que estivesse a enterrar algum feitiço no chão do aposento. Mais tarde, quando a delegação siluriana já tinha partido, fui procurar e encontrei um pequeno osso de javali esculpido que atirei para a

fogueira. As chamas ficaram azuis e crepitaram furiosamente e Nimue disse que eu agira acertadamente.

— Pensamos que Lorde Merlim está na Irlanda — respondeu, finalmente, o bispo Bedwin. — Ou talvez nas regiões selvagens do Norte — acrescentou de forma vaga.

— Ou talvez morto? — sugeriu Gundleus.

— Peço a Deus que não — disse o bispo fervorosamente.

— Ai pedis? — Gundleus virou-se na cadeira para encarar o rosto idoso de Bedwin. — Aprovais Merlim, Eminência?

— Ele é um amigo, Senhor — disse Bedwin. Era um homem digno e categórico, sempre ansioso por manter a paz entre as religiões.

— Lorde Merlim é um druida, Eminência, e odeia cristãos — Gundleus estava a tentar provocar Bedwin.

— Agora há muitos cristãos na Grã-Bretanha — disse Bedwin — e poucos druidas. Acho que nós, os da verdadeira fé, nada temos a temer.

— Ouviste isto, Tanaburs? — Gundleus chamou o seu druida. — O bispo não tem medo de ti!

Tanaburs não respondeu. Na sua busca pelo aposento tinha chegado à barreira-fantasma que guardava a porta dos aposentos de Merlim. A vedação era uma coisa simples: apenas duas caveiras colocadas uma de cada lado da porta, mas apenas um druida se atreveria a transpor a barreira invisível e mesmo um druida recearia uma barreira-fantasma colocada por Merlim.

— Vão pernoitar aqui? — perguntou o bispo Bedwin a Gundleus, tentando desviar o assunto de Merlim.

— Não — respondeu Gundleus rudemente, levantando-se. Pensei que se preparava para sair, mas em vez disso passou o olhar por Norwenna e fixou-o na porta pequena e escura guardada pelas caveiras, à frente da qual Tanaburs tremia como um cão de caça a farejar um javali invisível.

— O que há para lá desta porta? — perguntou o rei.

— Os aposentos de Lorde Merlim, Senhor — disse Bedwin.

— O antro dos segredos? — perguntou Gundleus cruelmente.

— Quartos, nada mais — disse Bedwin desdenhosamente.

Tanaburs levantou o seu bastão com a ponta em forma de lua e segurou-o, a tremer, na direcção da barreira-fantasma. O rei Gundleus observava a actuação do seu druida e, depois, bebeu o vinho e atirou o copo de chifre para o chão.

— Afinal, acho que se calhar, vou dormir cá — disse o rei. — Mas primeiro vamos inspecionar os quartos.

Fez um gesto com a mão para que Tanaburs avançasse, mas o druida estava nervoso. Merlim era o maior druida da Grã-Bretanha, temido

mesmo para lá do mar da Irlanda, e ninguém se intrometia, por pouco que fosse, na sua vida. Contudo o grande homem já não era visto há muito tempo e algumas pessoas diziam à boca pequena que a morte do príncipe Mordred fora um sinal de que o poder de Merlim estava a diminuir. E Tanaburs, tal como o seu senhor, estava certamente fascinado com o que estava por detrás da porta, pois podia haver lá segredos que tornariam Tanaburs tão poderoso e sábio como o próprio grande Merlim.

— Abre a porta! — ordenou Gundleus a Tanaburs.

A extremidade do bastão-lua moveu-se receosamente na direcção de uma das caveiras, hesitante, e depois tocou a cabeça de osso amarelado. Nada aconteceu. Tanaburs cuspiu na caveira e derrubou-a antes de a espetar e puxar para trás o bastão como se estivesse a espicaçar uma cobra em hibernação. Mais uma vez nada aconteceu. Tentou, então, chegar com a mão livre ao trinco da porta de madeira.

Nisto parou aterrorizado.

Um grito ecoara na escuridão esfumada do aposento. Um grito penetrante e pavoroso como o de uma donzela a ser torturada, e esse som horrível arremessou o druida para trás. Norwenna gritou de pavor e fez o sinal da cruz. Mordred começou a chorar e nada do que Ralla fizesse o sossegava. Gundleus hesitou perante aquele barulho, mas depois, quando terminou, desatou a rir às gargalhadas.

— Um guerreiro — anunciou a todos os que ali estavam — não se assusta com o grito de uma donzela. Caminhou em direcção à porta, ignorando o bispo Bedwin que gesticulava como se tentasse impedir o avanço do rei, mas sem o tocar realmente.

Um barulho de coisas partidas soou vindo da porta guardada por um fantasma. Foi um violento som de estilhaços e foi tão repentino que todos saltaram alarmados. No início pensei que a porta tinha caído perante o avanço do rei, depois vi que uma lança tinha trespassado a porta. A cabeça prateada da lança aparecia, orgulhosa por ter passado através do velho carvalho enegrecido pelo fumo, e eu tentei imaginar que força brutal fora necessária para fazer aquele ferro aguçado penetrar tão espessa barreira.

O aparecimento repentino da lança fez que até mesmo Gundleus hesitasse, mas o seu orgulho estava ameaçado e ele não iria recuar à frente dos seus guerreiros. Fez o sinal para afastar o mal, cuspiu na lança, avançou para a porta, levantou o trinco e empurrou-a, abrindo-a.

Mas logo recuou com o horror estampado no rosto. Eu estava a olhar para ele e vi o medo vivo nos seus olhos. Afastou-se mais um passo da porta aberta e depois ouvi o chorar penetrante de Nimue enquanto ela entrava no aposento. Tanaburs fazia movimentos insistentes com o bastão, Bedwin

rezava e o menino chorava enquanto Norwenna se virara na cadeira com a angústia no olhar.

Nimue atravessou a porta e, ao ver a minha amiga, até eu estremeci. Estava nua e o seu magro corpo de pele clara estava coberto de sangue que gotejava do cabelo e escorria em arroyos, descendo pelos seios pequenos até às coxas. A cabeça estava coroada por uma máscara da morte, a pele morena do rosto de um homem imolado, acima do seu próprio rosto como um elmo com relevos e que se segurava porque a pele dos braços do homem morto estava amarrada à volta do pescoço delicado de Nimue. A máscara parecia ter uma medonha vida própria, pois contraía-se à medida que ela caminhava na direcção do rei da Silúria. A pele amarelada e seca do corpo do homem morto caía solta pelas costas de Nimue abaixo enquanto ela avançava com passo irregular. Só se via o branco dos olhos no seu rosto ensanguentado e, enquanto avançava contorcendo-se, ia lançando pragas numa linguagem mais indecorosa do que o linguajar de qualquer soldado. Nas mãos empunhava duas víboras com os corpos negros reluzentes e as cabeças frementes buscando o rei.

Gundleus recuou, fazendo o sinal para afastar o mal, mas depois lembrou-se que era um homem, um rei e um guerreiro e, por isso, levou a mão aos copos da espada. Foi então que Nimue sacudiu a cabeça e a máscara da morte lhe escorregou do cabelo, preso ao alto. Só então vimos que não era o cabelo dela, mas sim um morcego que, subitamente, estendeu as asas pretas enrugadas e mostrou, rosnando, a boca vermelha a Gundleus.

O morcego fez Norwenna gritar e correr a buscar o menino enquanto todos nós olhávamos com horror para a criatura presa ao cabelo de Nimue. Sacudia-se e agitava as asas tentando voar, rosnava e estrebuchava. As cobras contorciam-se e, de repente, o aposento ficou vazio. Norwenna foi a primeira a fugir, seguiu-se Tanaburs, e depois todos, incluindo o rei, correram para os alvares da manhã pela porta do lado leste.

Nimue ficou imóvel enquanto eles fugiam, depois os seus olhos giraram e ela pestanejou. Avançou até à lareira e, descuidadamente, atirou as duas cobras para as chamas onde sibilaram, chicoteando e chiando antes de morrer. Libertou o morcego, que voou para as traves do tecto e, depois, desamarrou a máscara de morte do pescoço e enrolou-a num feixe antes de pegar no delicado frasco romano de entre os presentes que Gundleus trouxera. Olhou fixamente para o frasco e o seu corpo hirsuto contorceu-se ao atirar violentamente o tesouro contra um pilar de carvalho, onde se despedaçou em cacos verde pálidos.

— Derfel? — disse ela, quebrando o silêncio que se seguira. — Sei que estás aqui.

— Nimue? — disse eu nervoso e depois levantei-me e saí de trás do

meu esconderijo de verga. Estava aterrorizado. A gordura de cobra sibilava na fogueira e o morcego rumorejava no tecto.

Nimue sorriu-me.

— Preciso de água, Derfel — disse ela.

— Água? — perguntei estupidamente.

— Para me lavar e tirar o sangue de galinha — explicou Nimue.

— Galinha?

— Água — disse de novo. — Há um jarro perto da porta. Traz-me alguma água.

— Dali? — perguntei atónito, porque o gesto dela parecia implicar que eu teria de trazer a água dos aposentos de Merlim.

— Por que não? — perguntou ela, depois passou pela porta ainda empalada com a grande lança e eu peguei no pesado jarro e segui-a, encontrando-a em pé diante de uma chapa de cobre que reflectia o seu corpo nu. Não parecia estar com vergonha, talvez porque todos tínhamos corrido nus quando crianças, mas eu estava desconfortavelmente ciente de que já não éramos crianças.

— Aqui? — perguntei.

Nimue acenou afirmativamente. Pousei o jarro no chão e dirigi-me de novo para a porta.

— Fica — disse ela — por favor, fica. E fecha a porta.

Tive de arrancar a lança da porta antes de a poder fechar. Preferi não perguntar como tinha conseguido fazer penetrar a cabeça da lança no carvalho, pois ela não estava disposta a responder a perguntas, por isso fiquei em silêncio enquanto libertava a arma e Nimue limpava o sangue da sua pele clara. Depois embrulhou-se num manto preto.

— Anda cá — disse ela, quando acabou.

Atravessei obedientemente o quarto até um leito de peles e cobertores de lã em cima de um pequeno estrado de madeira onde evidentemente ela dormia. A cama tinha um sobrecéu de um tecido escuro e bolorento e foi nessa escuridão que me sentei e a aconcheguei nos meus braços. Podia sentir-lhe as costelas através da suavidade do manto de lã. Ela chorava. Eu não sabia porquê e limitei-me, por isso, a abraçá-la desajeitadamente e a olhar em volta do aposento de Merlim.

Era um lugar extraordinário. Havia muitas arcas de madeira e cestos de vime empilhados para formar recantos e corredores por onde espreitava uma tribo de gatinhos escanzelados. Em alguns lugares as pilhas de cestos tinham caído como se alguém tivesse andado à procura de um objecto que estivesse numa das caixas de baixo e não se preocupando em desmanchar a pilha, tivesse apenas derrubado todo o monte de cestos. Havia pó por todo o lado. Duvidava que os juncos do chão tivessem sido mudados nos

últimos anos, apesar de em alguns lugares terem sido cobertos com tapetes ou cobertores que se tinham definhado. O fedor no quarto era excessivo: um cheiro a pó, mijo de gato, humidade, coisas apodrecidas e bolor misturava-se com os mais subtis aromas das ervas penduradas nas vigas do telhado. Havia uma mesa ao lado da porta cheia de pergaminhos enrolados e a desfazerem-se. Numa prateleira coberta de pó, por cima da mesa, havia caveiras de animais e, quando os meus olhos se habituaram àquela escuridão sepulcral, vi que entre elas estavam pelo menos duas caveiras humanas. Escudos desmerecidos estavam amontoados contra um grande vaso de argila onde estava enterrado um feixe de lanças cheio de teias de aranha. Havia uma espada pendurada na parede. Havia também um fogareiro fumegante em cima de um monte de cinzas junto ao grande espelho de cobre onde, por incrível que pareça, estava pendurado o símbolo dos cristãos, a cruz com a figura retorcida do seu Deus morto aí pregado. A cruz estava envolvida em visco branco como precaução contra o seu mal inerente. Um grande emaranhado de chifres de veado estava pendurado numa trave do tecto ao lado de ramos de visco branco seco e de uma ninhada pendente de morcegos empoleirados cujos excrementos formavam pequenos montículos no chão. Morcegos numa casa era o pior dos presságios, mas suponho que pessoas tão poderosas como Merlim e Nimue não precisavam de se preocupar com tão prosaicas ameaças. Havia uma segunda mesa cheia de bacias, almofarizes, pilões, uma balança de metal, frascos e boiões selados com cera que mais tarde descobri que continham orvalho colhido dos túmulos de homens assassinados, o pó de crânios esmagados e infusões de beladona, mandrágora e pilrito, enquanto numa curiosa urna de pedra junto à mesa se acumulava uma amálgama de pedras-d'água, pães de fada, dardos de gnomos, amotites e pedras de bruxa velha, tudo misturado com penas, conchas do mar e pinhas. Nunca vira um quarto tão repleto, tão imundo ou tão fascinante e perguntava-me se o aposento para lá da porta, a Torre de Merlim, seria tão horrivelmente espantoso.

Nimue parara de chorar e estava agora imóvel nos meus braços. Devia ter sentido a minha admiração e a minha reacção súbita ao observar o quarto.

— Ele não deita nada fora — disse ela com uma voz cansada —, nada.

Eu não falei, apenas a acalmei acariciando-a. Ela ficou-se por um momento, exausta, mas quando a minha mão tocou no manto sobre um dos seus pequenos seios, afastou-se zangada.

— Se é isso que queres — disse ela — vai procurar Sebile.

Apertou o manto à sua volta quando desceu da cama em cima do estrado e atravessou o quarto aproximando-se da mesa atravancada com os instrumentos de Merlim.

Balbuciei uma desculpa embaraçada.

— Não quero saber — disse, rejeitando as minhas desculpas. Ouviam-se vozes lá fora no Tor e mais vozes no grande aposento ao lado, mas ninguém ousou perturbar-nos. Nimue procurava alguma coisa por entre as bacias, os boiões e as grandes colheres espalhadas por cima da mesa e encontrou o que queria. Era uma faca de pedra preta, com uma lâmina de dois gumes tão afiados que eram quase brancos como osso. Voltou para junto da cama bolorenta e ajoelhou-se no estrado de forma que pudesse olhar directamente para o meu rosto. O manto tinha-se aberto e eu estava nervosamente consciente do seu corpo nu semioculto nas sombras, mas ela olhava-me fixamente nos olhos e eu nada podia fazer senão retribuir aquele olhar.

Não falou durante muito tempo e, no silêncio, eu quase podia ouvir o meu coração a bater. Ela parecia estar a tomar uma decisão, uma dessas decisões tão ameaçadoras que mudariam para sempre o equilíbrio de uma vida e, por isso, esperei temeroso e impossibilitado de me mexer da minha posição incómoda. O seu cabelo negro estava todo despenteado, emoldurando-lhe o rosto em forma de cunha. Nimue não era bonita nem feia, mas o seu rosto possuía uma vivacidade e uma energia que dispensavam qualquer beleza formal. Tinha a testa alta e larga, os olhos negros e ferozes, o nariz pontiagudo, a boca grande e o queixo fino. Era a mulher mais inteligente que alguma vez conheci, mas, mesmo nessa altura em que pouco mais era do que uma criança, invadia-a uma tristeza gerada por essa inteligência. Ela sabia demais. Já nascera a saber ou então os Deuses haviam-lhe dado esses conhecimentos quando evitaram que se afogasse. Quando criança tinha feito muitos disparates e travessuras. Agora, porém, privada da orientação de Merlim, mas tendo sobre os seus ombros as responsabilidades dele, ela estava a mudar. É claro que eu também estava a mudar, mas a minha mudança era previsível: um rapaz ossudo a tornar-se num jovem alto e espadaúdo. Nimue estava a passar da infância para a autoridade. Essa autoridade brotava do seu sonho, um sonho que partilhava com Merlim, mas com o qual ela nunca se conseguiria comprometer da forma que Merlim o fazia. Nimue era de extremos, com ela era tudo ou nada. Preferiria ver toda a terra morrer num vácuo gelado sem Deuses, a entregar-se àqueles que apagariam a sua imagem de britânica perfeita devotada aos seus Deuses britânicos. Naquele momento, ajoelhada à minha frente, eu sabia que ela estava a decidir se eu merecia fazer parte desse fervoroso sonho.

Ela tomou a sua decisão e aproximou-se mais de mim.

— Dá-me a tua mão esquerda — disse.

Eu ergui a mão.

Ela levantou-me a palma da mão com a sua mão esquerda e depois disse uma fórmula mágica. Reconheci os nomes de Camulos, o Deus da

Guerra; de Manawydan fab Llyr; o próprio Deus do Mar de Nimue; de Agrona, a Deusa da Mortandade e de Aranrhod a Dourada, a Deusa da Aurora, mas a maior parte das palavras e dos nomes eram-me estranhos e eram ditos numa voz tão hipnótica que fiquei muito calmo e reconfortado sem dar muita importância ao que Nimue dizia ou fazia, até que, de repente, ela me golpeou a mão e eu, surpreendido, gritei. Ela mandou-me calar. Por um segundo, apenas via na minha mão um fino corte de faca, depois o sangue começou a brotar.

Ela cortou a sua própria palma da mão esquerda da mesma maneira que tinha cortado a minha e pôs o seu corte sobre o meu, entrelaçando os meus dedos inertes nos seus próprios dedos. Deixou cair a faca e puxou a ponta do manto que enrolou com força à volta das duas mãos a sangrar.

— Derfel — disse suavemente — enquanto a tua mão e a minha mão estiverem marcadas pelas cicatrizes nós seremos um só. Concordas?

Olhei-a nos olhos e percebi que aquilo não era uma coisa sem significado, não era nenhum jogo de crianças, mas um juramento que me prenderia durante toda esta vida, e talvez durante a próxima. Por um instante fiquei aterrorizado com tudo o que viria a acontecer, mas depois assenti com um aceno da cabeça e, nem sei como, consegui falar.

— Concordo — articulei.

— E enquanto tiveres essa cicatriz, Derfel, a tua vida pertence-me — disse ela —, e enquanto eu tiver esta cicatriz a minha vida pertence-te. Compreendes o que eu disse?

— Sim — respondi.

A minha mão latejava. Naquele sangrento aperto de mão, sentia a minha mão quente e inchada e sentia a dela pequena e fria.

— Um dia, Derfel — disse Nimue — chamar-te-ei e, se tu não vieres, a cicatriz vai marcar-te perante os Deuses como um falso amigo, um traidor e um inimigo.

— Sim — disse eu.

Olhou para mim em silêncio durante alguns segundos e, depois, subiu para o monte de peles e cobertores onde se enrolou nos meus braços. Era incómodo deitar-nos ali juntos, pois as nossas mãos esquerdas ainda estavam presas uma à outra, mas conseguimos arranjar uma posição confortável e ali ficámos deitados e quietos. Ouviam-se vozes lá fora e o pó flutuava naquele quarto alto e escuro onde os morcegos dormiam e os gatos caçavam. Estava frio, mas Nimue puxou uma pele para cima de nós e adormeceu com o seu corpo magro entorpecendo o meu braço direito. Eu fiquei acordado, receoso e confuso com o que a faca tinha originado entre nós.

Ela acordou a meio da tarde.

— Gundleus já se foi embora — disse ela com sonolência, apesar de eu não saber como ela o sabia.

Depois soltou-se do meu abraço e das peles emaranhadas antes de desembrulhar o manto que estava ainda enrolado à volta das nossas mãos. O sangue tinha formado uma crosta que saiu das nossa feridas, provocando dor, quando separámos as mãos. Nimue dirigiu-se ao vaso com as lanças e trouxe uma mão-cheia de teias de aranha que colocou por cima da minha palma da mão ensanguentada.

— Vai sarar depressa — disse descuidadamente e, mantendo a sua própria mão embrulhada num pedaço de tecido, procurou algum pão e um pedaço de queijo.

— Não tens fome? — perguntou ela.

— Sempre.

Partilhámos a refeição. O pão estava seco e duro e o queijo tinha sido mordiscado pelos ratos. Pelo menos Nimue pensava que tivessem sido os ratos.

— Talvez os morcegos tenham cortado o queijo com os dentes — disse ela. — Os morcegos comem queijo?

— Não sei — respondi, mas depois hesitei. — Era um morcego domesticado?

Eu referia-me ao animal que ela prendera ao cabelo. É claro que eu já tinha visto coisas assim antes, mas nem Merlim nem os seus acólitos falavam delas, mas eu tinha a impressão de que a estranha cerimónia com as nossas mãos ensanguentadas me faria merecer a confiança de Nimue.

E assim foi, pois ela abanou a cabeça.

— É um velho truque para assustar os tolos — disse ela desdenhosamente. — Foi Merlim quem mo ensinou. Põem-se peias nos pés do morcego, peias como as dos falcões, depois ata-se as peias ao cabelo. — Passou a mão pelo cabelo negro e depois riu-se. — E assustou Tanaburs! Imagina só! E é ele um druida!

Eu não fiquei nada divertido. Queria acreditar na magia dela e não vê-la explicada como um truque feito com trelas de falcões.

— E as cobras? — perguntei.

— Merlim guarda-as num cesto e eu tenho de as alimentar. — Ela encolheu os ombros, depois viu o meu desapontamento. — O que foi?

— Foi tudo uma aldrabice? — perguntei.

Ela franziu as sobrancelhas e ficou-se em silêncio durante muito tempo. Pensei que nem sequer fosse responder, mas, finalmente, explicou-se e, à medida que a ouvia, ia percebendo que estava a ouvir as coisas que Merlim lhe ensinara. Ela disse que a magia acontecia nos momentos

em que as vidas dos Deuses e dos homens se tocavam, mas que esses momentos não eram comandados pelo homem.

— Eu não posso estalar os dedos e encher o quarto de brumas — disse ela. — Mas já vi isso acontecer. Não posso fazer os mortos levantarem-se, se bem que Merlim diga que já viu isso ser feito. Não posso ordenar que um raio de luz mate Gundleus, apesar de desejar poder fazê-lo, porque só os Deuses o podem fazer. Mas houve um tempo, Derfel, em que podíamos fazer essas coisas, quando vivíamos com os Deuses, lhes agradávamos e podíamos usar o seu poder para manter a Grã-Bretanha da forma que eles queriam. Nós cumpríamos as suas ordens, percebes, mas as suas ordens eram os nossos desejos.

Apertou as duas mãos uma contra a outra para demonstrar o que dizia, mas estremeceu, pois a pressão magoou-lhe a palma da mão esquerda por causa do corte.

— Mas, então, vieram os Romanos e quebraram o pacto — disse ela.

— Porquê? — interrompi-a impaciente, pois já tinha ouvido de mais sobre aquele assunto.

Merlim estava sempre a dizer como Roma tinha quebrado o laço entre a Grã-Bretanha e os seus Deuses, mas nunca explicara como isso poderia ter acontecido se os Deuses tinham tanto poder.

— Porque é que não derrotámos os Romanos? — perguntei a Nimue.

— Porque os Deuses não quiseram que assim fosse. Alguns Deuses são maus, Derfel. Além disso, eles não têm qualquer dever para connosco, só nós é que temos para com eles. Talvez isso os divertisse. Ou talvez os nossos antepassados tenham quebrado o pacto e os Deuses tenham mandado os Romanos para puni-los. Não sabemos, o que sabemos é que os Romanos se foram embora e Merlim diz que temos uma oportunidade, apenas uma oportunidade de restaurar a Grã-Bretanha. — Ela falava com a voz baixa, mas intensa. — Temos de refazer a velha Grã-Bretanha, a verdadeira Grã-Bretanha, a terra dos Deuses e dos homens, e, se o fizermos, Derfel, se o fizermos, então teremos de novo o poder dos Deuses.

Eu queria acreditar nela. Como eu queria acreditar que as nossas curtas vidas, dominadas pelas doenças e perseguidas pela morte, poderiam receber uma nova esperança graças à boa vontade de criaturas sobrenaturais possuidoras de uma força gloriosa.

— Mas tens de fazer aldrabices para o conseguires? — perguntei, não escondendo a minha desilusão.

— Oh, Derfel. — Nimue deixou descair os ombros. — Repara! Nem todas as pessoas conseguem sentir a presença dos Deuses. Por isso, aquelas que o conseguem têm um dever especial. Se eu mostrar fraqueza, se

mostrar um momento de descrença, então que esperança há para as pessoas que querem acreditar? Não são mesmo truques, são... — fez uma pausa, procurando a palavra certa — ... insígnias. Tal e qual como a coroa de Uther, os seus colares, o seu estandarte e a sua pedra em Caer Cadarn. Essas coisas dizem-nos que Uther é o Rei Supremo e como tal o tratamos. Quando Merlim anda por entre o seu povo, também tem de usar as suas insígnias. As insígnias dizem às pessoas que ele toca os Deuses e as pessoas temem-no por isso. — Apontou para a porta estilhada com o buraco da lança. — Quando atravessei aquela porta, nua, com duas cobras e um morcego escondido por debaixo da pele de um homem morto, eu estava a enfrentar um rei, o seu druida e os seus guerreiros. Uma rapariga, Derfel, contra um rei, um druida e um exército real. Quem ganhou?

— Tu.

— Então, o truque funcionou, mas não foi o meu poder que o fez funcionar. Foi o poder dos Deuses. Mas eu tinha de acreditar nesse poder para o fazer funcionar. E acreditar, Derfel, é aquilo a que deves dedicar a tua vida. — Falava agora com uma rara e intensa paixão. — Em todos os minutos de todos os dias e em todos os momentos de todas as noites deves estar aberto para os Deuses, e se estiveres, então eles virão. É claro que não virão sempre que tu os queiras, mas se nunca os chamares eles nunca responderão. Porém, quando respondem, Derfel, oh, quando respondem, é tão espantoso e tão aterrador. É como ter asas que te fazem voar alto até à glória.

Os olhos dela brilhavam enquanto falava. Nunca a ouvira falar destas coisas. Ainda não há muito tempo ela fora uma criança, mas agora que se deitara na cama de Merlim e aceitara os seus ensinamentos e o seu poder, eu ressentia-me disso. Tinha ciúmes, estava zangado e não compreendia. Ela estava a crescer e a afastar-se de mim e eu nada podia fazer para o evitar.

— Eu estou aberto para os Deuses — disse eu com ressentimento. — Acredito neles. Quero a sua ajuda.

Ela tocou o meu rosto com a mão ligada.

— Vais ser um guerreiro, Derfel, um grande guerreiro. És uma boa pessoa, honesto, firme como a Torre de Merlim e não há em ti qualquer sinal de loucura. Nem o mais pequeno traço de loucura, nem sequer um pingo desesperado de loucura. Achas que eu quero seguir Merlim?

— Acho — disse eu, magoado. — Sei que é isso que queres! — É claro que eu estava magoado por ela não se querer dedicar a mim.

Ela respirou fundo e olhou para o tecto coberto de sombras onde dois pombos que tinham entrado por um dos buracos do fumo se passeavam agora ao longo de uma trave.

— Às vezes — disse ela — penso que gostaria de casar, ter filhos, vê-los crescer, eu própria envelhecer e morrer, mas de todas estas coisas, Derfel

— olhou outra vez para mim —, só vou ter a última. Não suporto pensar no que me acontecerá. Não suporto pensar em suportar as Três Chagas da Sabedoria, mas eu tenho de o fazer. Devo fazê-lo!

— As Três Chagas? — perguntei, nunca tendo ouvido falar delas.

— A Chaga do Corpo — explicou Nimue —, a Chaga do Orgulho — e tocou entre as suas pernas — e a Chaga da Mente, que é a loucura. — Fez uma pausa e um olhar de terror perpassou-lhe o rosto. — Merlim sofreu as três, por isso ele é um homem tão sábio. Morgana teve a pior Chaga do Corpo que alguém possa imaginar, mas nunca sofreu as outras duas chagas e é por essa razão que nunca vai pertencer realmente aos Deuses. Eu não sofri nenhuma das três, mas vou sofrer. Tenho de sofrer! — Falava agora arrebatadamente. — Tenho de sofrer, porque fui escolhida.

— Porque é que eu não fui escolhido? — perguntei eu.

Ela abanou a cabeça.

— Tu não entendes, Derfel. Ninguém me escolheu, senão eu. Tu próprio tens de escolher. Podia acontecer com qualquer um de nós aqui. É por isso que Merlim recolhe crianças abandonadas, porque acredita que as crianças órfãs poderão ter poderes especiais, mas muito poucas os têm.

— E tu tens — disse eu.

— Eu vejo os Deuses por todo o lado — disse Nimue simplesmente.

— E eles vêem-me.

— Eu nunca vi um Deus — disse eu teimosamente.

Ela sorriu do meu ressentimento.

— Mas hás-de ver — disse ela. — Porque deves pensar na Grã-Bretanha, Derfel, como se ela estivesse atada com as fitas de uma bruma delicada. Apenas uns fios ténues aqui e ali, arrastados pelo vento e a enfraquecer, mas esses fios são os Deuses e, se os conseguirmos encontrar, agradar-lhes e fazer esta terra pertencer-lhes de novo, então os fios vão ficar mais grossos e vão juntar-se para formar uma grande e maravilhosa bruma que cobrirá toda a terra e nos protegerá do que existe lá fora. É por isso que vivemos aqui no Tor. Merlim sabe que os Deuses adoram este lugar e aqui a bruma sagrada é espessa, mas a nossa tarefa é espalhá-la.

— É isso que Merlim está a fazer?

Ela sorriu.

— Neste preciso momento, Derfel, Merlim está a dormir. E eu também tenho de dormir. Não tens trabalho para fazer?

— As rendas para contar — disse eu, contrafeito.

Os armazéns mais de baixo estavam cheios de peixe fumado, enguias fumadas, jarros de sal, cestos de vime, tecidos de lã, lingotes de chumbo, barris de carvão e até pedaços de âmbar e âmbar negro. Eram as rendas de

Inverno pagas em Beltain que Hywel tinha de verificar, registrar e depois dividir em duas partes: a parte de Merlim e o quinhão que seria entregue aos cobradores de impostos do Rei Supremo.

— Então, vai contá-las — disse Nimue, como se nada de estranho tivesse acontecido entre nós, apesar de se ter aproximado e me ter dado um beijo fraternal.

— Vai — repetiu ela e eu saí aos tropeções dos aposentos de Merlim tendo de enfrentar os olhares curiosos e ressentidos das criadas de Norwenna que tinham voltado para o grande quarto.

Chegou o equinócio. Os cristãos celebraram a festa da morte do seu Deus enquanto nós acendíamos as grandes fogueiras de Beltain. As nossas chamas troavam na escuridão para trazer vida nova ao mundo que renascia. Viram-se os primeiros assaltantes saxões ao longe, a leste, mas nenhum se aproximou de Ynys Wydryn. Também nunca mais vimos Gundleus da Silúria. Gudovan, o escrivão, supunha que a proposta de casamento dera em nada e, melancolicamente, previa uma nova guerra contra os reinos do Norte.

Merlim não regressou nem tivemos notícias dele.

Começaram a nascer os dentes ao príncipe Mordred. O primeiro a aparecer foi na gengiva inferior, um bom presságio de uma longa vida. Mordred usava os dentes novos para morder os mamilos de Ralla até os pôr a sangrar, se bem que ela continuasse a amamentá-lo para que o seu filho rechonchudo sugasse sangue do príncipe juntamente com o leite da sua mãe. Os espíritos de Nimue iluminavam-se à medida que os dias cresciam. As cicatrizes nas nossas mãos passaram de cor de rosa a brancas e, depois, a linhas que pareciam sombras. Nimue nunca falou delas.

O Rei Supremo passou uma semana em Caer Cadarn e o Príncipe Herdeiro foi levado lá para ser inspeccionado pelo avô. Uther deve ter aprovado o que viu e os presságios da Primavera foram todos favoráveis, pois três semanas depois de Beltain soube-se que o futuro do reino, o futuro de Norwenna e o futuro de Mordred seriam decididos num grande Conselho Supremo, o primeiro a ser realizado na Grã-Bretanha desde há mais de sessenta anos.

Estávamos na Primavera, as folhas vestiam-se de verde e brotavam grandes esperanças da terra renovada.

O Conselho Supremo teve lugar em Glevum, uma cidade romana que se estendia na margem do rio Severn, mesmo do outro lado da fronteira do norte entre Dumnónia e Gwent. Uther foi levado até lá numa carroça puxada por quatro bois, cada animal enfeitado com raminhos de mimosas, os tradicionais raminhos de Maio e selados com tecidos verdes. O Rei Supremo desfrutava da lenta viagem pelo seu reino em início de Verão, talvez porque soubesse que esta seria a última vez que veria a beleza da Grã-Bretanha antes de partir para a Gruta de Cruachan e passar sob a ponte da espada para o Outro Mundo. As sebes de arbustos, por entre as quais os seus bois marchavam lentamente, estavam salpicadas de branco com os pilriteiros, os bosques estavam carregados de campainhas enquanto as papoilas resplandeciam por entre o trigo, o centeio e a cevada e pelos campos de feno quase pronto a ser colhido onde os pintos-bravos não paravam de piar. O Rei Supremo viajava devagar, parando frequentemente em aldeolas e quintas onde inspeccionava os terrenos e a casa da quinta e dava conselhos a homens que sabiam melhor do que ele como construir um tanque de pisoar ou como capar um porco. Tomou banho nas nascentes de água quente em Aquae Sulis e sentia-se tão recuperado da viagem quando saiu da cidade que andou mais de um quilómetro e meio a pé antes de o ajudarem a subir de novo para a carroça revestida de peles. Acompanhavam-no os seus bardos, os seus conselheiros, o seu médico, o seu coro, uma comitiva de servos e uma escolta de guerreiros comandados por Owain, o seu campeão e chefe da guarda. Todos traziam flores e os guerreiros mantinham os escudos virados de pernas para o ar para mostrar que marchavam em paz, apesar de Uther estar velho de mais e ser cauteloso de mais para não deixar de se certificar de que, todos os dias, os seus lanceiros se mantinham bem alerta.

Eu fui a Glevum. Não tinha nada para lá fazer, mas Uther convocara Morgana para o Conselho Supremo. Normalmente as mulheres não eram bem aceites em nenhum Conselho, supremo ou não, mas Uther achava que ninguém falava tão bem por Merlim como Morgana e, então, no seu desespero perante a ausência de Merlim, convocou-a. Além disso, ela era filha natural de Uther, e o Rei Supremo gostava de dizer que havia mais inteligência na cabeça dourada de Morgana do que em todos os cérebros juntos de metade dos seus conselheiros. Morgana era também responsá-

vel pela saúde de Norwenna e era o futuro de Norwenna que estava a ser decidido, ainda que a própria Norwenna não tivesse sido convocada nem consultada. Ela ficara em Ynys Wydryn sob os cuidados de Gundoloen, a mulher de Merlim. Morgana não levaria ninguém a Glevum, excepto a sua escrava Sebile, mas, no último instante, Nimue, calmamente, anunciou que também ela viajaria para Glevum e que eu a acompanharia.

É claro que Morgana provocou um grande reboiço, mas Nimue enfrentou a indignação da mulher mais velha com uma calma irritante.

— Recebi instruções — disse ela a Morgana e quando Morgana, com uma voz esgançada, lhe perguntou de quem, Nimue limitou-se a sorrir.

Morgana tinha o dobro do tamanho e o dobro da idade de Nimue, mas quando Merlim levava Nimue para a sua cama todo o poder de Ynys Wydryn passara para ela e, perante essa autoridade, a mulher mais velha ficava sem nada poder fazer. Ainda se opôs à minha ida. Exigiu saber por que razão Nimue não levava Lunete, a outra rapariga irlandesa, uma das crianças abandonadas de Merlim. Morgana dizia que um rapaz como eu não era boa companhia para uma jovem, e quando Nimue nada mais fez do que sorrir de novo, Morgana, a transbordar de cólera, disse que iria contar a Merlim do afecto de Nimue por mim e que isso seria o fim dela. Perante esta ameaça idiota Nimue limitou-se a rir e a afastar-se.

Eu não me preocupei com a discussão. Só queria ir a Glevum para ver o torneio, ouvir os bardos, ver as danças e, acima de tudo, estar com Nimue.

E lá fomos nós, um quarteto mal afinado, para Glevum. Morgana, com o bastão de espinheiro negro na mão e a máscara de ouro a luzir ao sol de Verão, caminhava pesada e ruidosamente à frente e o seu coxear fazia de cada passo um enfático gesto de desaprovação perante a companhia de Nimue. Sebile, a escrava saxónica, caminhava depressa, dois passos atrás da sua ama dobrada sob o fardo de mantas para as camas, ervas secas e potes. Nimue e eu caminhávamos atrás, descalços, de cabeça descoberta e sem nenhuma carga. Nimue levava uma longa capa preta sobre uma túnica branca amarrada na cintura com uma corda, das usadas pelos escravos. Tinha o longo cabelo negro apanhado ao alto com ganchos e não usava nenhuma jóia, nem sequer um alfinete de osso para apertar a capa. Morgana tinha à volta do pescoço um pesado colar de ouro e a sua capa castanho-escura estava apertada sobre o peito com dois pregadores de ouro, um com a forma de um veado com três chifres e o outro era o pesado ornamento em forma de dragão que Uther lhe dera em Caer Cadarn.

Gostei muito da viagem. Demorámos três dias; seguíamos em passo lento, pois Morgana caminhava de forma desastrada, mas o Sol iluminava-nos e a estrada romana facilitou a nossa viagem. Quando escurecia procurávamos a casa de um chefe mais próxima e dormíamos como

convidados de honra nos seus celeiros cheios de palha. Havia poucos viajantes e todos davam lugar ao brasão brilhante da máscara dourada de Morgana, pois esse era o símbolo da sua alta condição social. Avisaram-nos sobre homens sem dono e sem terra que assaltavam os mercados nas estradas, mas nenhum nos ameaçou, talvez porque os soldados de Uther se tenham preparado para o Conselho Supremo, esquadrinhando os bosques e os montes à procura de salteadores. Nós passámos por mais de uma dúzia de corpos já em decomposição espetados em estacas nas bermas das estradas como avisos. Os servos e escravos que encontrávamos ajoelhavam-se perante Morgana, os mercadores davam-lhe o lugar e apenas um viajante ousou desafiar a nossa autoridade. Foi um padre de longa barba e olhar feroz, com o seu séquito andrajoso de mulheres despenheadas. O grupo cristão dançava rua abaixo, glorificando o seu Deus pregado na cruz, mas quando o padre viu a máscara dourada a cobrir o rosto de Morgana e os três chifres do veado e o dragão de asas amplas dos pregadores dela, começou a falar em tom declamatório dizendo que ela era a criatura do Diabo. O padre deve ter pensado que uma criatura tão desfigurada e a coxear tanto seria presa fácil para o seu escárnio, mas um pregador errante acompanhado pela mulher e por prostitutas sagradas não era desafio para a filha de Igraine, protegida de Merlim e irmã de Artur. Morgana limitou-se a desferir-lhe um golpe na orelha com o seu pesado bastão, um golpe que o atirou para o lado, fazendo-o cair numa vala cheia de urtigas, e depois seguiu o seu caminho sem sequer olhar para trás. As mulheres do padre fugiram a gritar. Algumas rezavam, outras lançavam-lhe pragas, mas Nimue deslizou por entre a sua malevolência como um espírito.

Eu não levava nenhuma arma, excepto um bastão e uma faca considerados como acessórios indispensáveis de todo o guerreiro. Eu queria levar uma espada e uma lança, para parecer um adulto, mas Hywel, zombando de mim, dissera que um homem não se faz pelos seus quereres, mas sim pelos seus feitos. Para minha protecção deu-me um colar grosso de bronze rematado com a figura do Deus chifrudo de Merlim, dizendo que ninguém ousaria desafiar Merlim. Mesmo assim, sem as armas de um homem, eu sentia-me inútil. Perguntei a Nimue por que razão estava eu ali.

— Porque tu és o meu amigo jurado, pequeno — disse Nimue. Eu já era mais alto do que ela, mas ela usava essa palavra afectuosamente. — E porque tu e eu somos os escolhidos de Bel e, se Ele nos escolheu, então temos de nos escolher um ao outro.

— Então porque vamos os dois para Glevum? — quis saber.

— Porque Merlim quer-nos lá, claro.

— Ele vai lá estar? — perguntei ansioso. Merlim estava ausente há já muito tempo e, sem ele, Ynys Wydryn era como um céu sem Sol.

— Não — disse ela calmamente, apesar de eu não saber como é que ela conhecia a vontade de Merlim em relação a este assunto, pois Merlim estava muito longe e a convocação do Conselho Supremo tinha sido feita muito depois de ele ter partido.

— E o que vamos fazer quando chegarmos a Glevum?

— Logo saberemos quando lá chegarmos — disse ela de forma misteriosa, não explicando mais nada.

Visto que eu crescera habituado ao cheiro pestilento e excessivo da água das fossas, Glevum parecia-me maravilhosamente estranha. Além de algumas quintas que eram parte das propriedades de Merlim, era a primeira vez que eu ia a um local verdadeiramente romano e fiquei de boca aberta como um pintainho acabado de sair do ovo perante o que via. As estradas eram pavimentadas com pedras calibradas e, apesar de algumas se terem soltado ao longo dos anos após a partida dos Romanos, os homens do rei Tewdric fizeram o seu melhor para reparar os estragos arrancando as ervas daninhas e limpando a sujidade, fazendo as nove estradas da cidade parecerem rios de pedra na estação seca. Era difícil andar nessas estradas e ver os cavalos a tentar galgar aquelas pedras traiçoeiras fez-me rir, a mim e à Nimue. Os edifícios eram tão esquisitos como as estradas. Nós fazíamos as nossas casas com madeira, colmo, argila e vimes, mas estes edifícios romanos estavam todos juntos e eram feitos de pedra e pequenos tijolos muito estranhos, apesar de, ao longo dos anos alguns terem caído, deixando buracos nas longas filas de casas baixinhas que, curiosamente, eram cobertas com telhas de argila cozida. Dentro da cidade rodeada por muralhas podia fazer-se a travessia do rio Severn. Esta cidade ficava entre dois reinos e perto de um terceiro e, por isso, era um famoso estrepito comercial. Havia oleiros a trabalhar nas casas, ourives inclinados sobre as suas mesas de trabalho e vitelos a mugir no matadouro por detrás do mercado cheio de aldeões a vender manteiga, nozes, couro, peixe fumado, mel, tecidos tingidos e lã acabada de tosquiar. O melhor de tudo, pelo menos para os meus olhos deslumbrados, eram os soldados do rei Tewdric. Nimue disse-me que eles eram romanos, ou pelo menos bretões ensinados à maneira romana. Todos tinham a barba curta e usavam como os Romanos robustas sandálias de couro e calções de lã por baixo de um saio de couro curto. Os soldados de categoria superior tinham placas de bronze cosidas nos saios e, quando andavam, as placas da armadura faziam um barulho parecido com as campainhas das vacas. Cada homem trazia uma couraça muito bem polida, uma capa comprida castanho-avermelhada e um elmo de couro cosido em cima. Alguns dos elmos tinham penas tingidas de várias cores. Os soldados traziam espadas curtas, mas com lâmina larga, lanças compridas com as hastes bem polidas e escudos rectangulares feitos de madeira e couro e com um touro, o sím-

bolo de Tewdric, pintado. Os escudos eram todos do mesmo tamanho, as lanças todas do mesmo comprimento e os soldados marchavam todos a passo certo, o que a princípio me fez rir, apesar de, depois, acabar por me habituar.

No centro da cidade, onde as quatro estradas que vinham dos quatro portões da cidade se encontravam formando uma grande praça, havia um edifício enorme, verdadeiramente incrível. Até mesmo Nimue ficou de boca aberta, pois certamente nenhuma pessoa conseguia construir tal edifício: assim tão alto, tão branco e com as esquinas tão bem delineadas. O telhado muito alto era sustentado por colunas e em todo o espaço triangular entre o cimo do telhado e o topo das colunas havia figuras fantásticas esculpidas em pedra branca que mostravam homens prodigiosos esmagando os inimigos sob os cascos dos seus cavalos. Os homens de pedra traziam lanças de pedra e usavam elmos de pedra com plumas de pedra altaneiras. Algumas das figuras tinham desaparecido ou tinham rachado com a geada. Mesmo assim, aquilo, para mim, era um milagre, se bem que Nimue, depois de ter olhado fixamente para o edifício, cuspiu para afastar o mal.

— Não gostas? — perguntei-lhe com ressentimento.

— Os Romanos tentaram ser deuses — disse ela —, e é por isso que os Deuses os humilharam. O Conselho não se devia realizar aqui.

No entanto, o Conselho Supremo fora convocado para Glevum e Nimue nada podia fazer. Ali, rodeado por muralhas romanas de terra e madeira, seria decidido o destino do reino de Uther.

Quando chegámos à cidade, o Rei Supremo já lá estava. Estava alojado num outro edifício alto que ficava em frente ao edifício das colunas. Não se mostrou nem surpreso nem aborrecido com a vinda de Nimue, talvez por pensar que ela viera apenas acompanhar Morgana, e disponibilizou apenas um quarto para todos nós nas traseiras da casa onde vinha parar o fumo das cozinhas e onde os escravos se engalinhavam em constantes brigas. Os soldados do Rei Supremo pareciam imundos ao lado dos homens reluzentes de Tewdric. Os nossos soldados usavam o cabelo comprido e a barba cortada à toa, tinham as capas todas de cores diferentes, puídas e remendadas e traziam espadas pesadas e compridas, lanças com hastes irregulares e escudos redondos com o dragão de Uther, que era um símbolo tosco ao lado dos touros de Tewdric cuidadosamente pintados.

Durante os primeiros dois dias sucederam-se os festejos. Campeões dos dois reinos fizeram simulacros de combates fora das muralhas, se bem que quando Owain, o campeão de Uther, entrou na arena, o rei Tewdric teve de obrigar dois dos seus melhores homens a lutar com ele. O famoso herói de Dumnónia tinha a reputação de ser invencível, e parecia sê-lo quando estava no meio da arena com o sol de Verão a reluzir na sua longa

espada. Era um homem enorme com os braços cheios de tatuagens, um peito nu muito peludo e uma barba hirsuta decorada com anéis de guerreiro feitos das armas dos inimigos que vencera. A sua luta contra os dois campeões de Tewdríc era para ser uma simulação, mas não se vislumbrava qualquer simulação quando os heróis de Gwent se revezavam para o atacar. Os três homens lutavam como se estivessem cheios de ódio e trocavam golpes de espada que se deviam ter ouvido na distante Powys e, depois de alguns minutos, o suor misturava-se com o sangue, as lâminas das espadas estavam amolgadas e todos três coxeavam, mas Owain ainda ganhava a luta. Apesar do seu tamanho, era rápido com a espada e os seus golpes eram bastante pesados. A multidão que se tinha juntado vinda dos arredores e que não pertencia nem ao reino de Uther nem ao de Tewdríc, ululava como bestas selvagens para incitar os homens ao massacre, e Tewdríc, ao ver aquele entusiasmo, atirou o seu bastão para acabar o combate.

— Lembrem-se de que somos amigos — disse ele aos três homens, e Uther, sentado um degrau acima de Tewdríc como convinha ao Rei Supremo, meneou a cabeça, em sinal de assentimento.

Uther tinha um ar pesado e doente. Tinha o corpo inchado pelo excesso de líquidos, o rosto amarelado e apático e respirava com esforço. Fora levado para o campo de batalha numa liteira e estava sentado no seu trono envolvido num manto muito pesado que escondia o seu cinto cravejado de pedras preciosas e o seu colar cintilante. O rei Tewdríc vestia-se como um romano, na verdade o seu avô fora mesmo romano, o que talvez explicasse o seu nome que parecia estrangeiro. O rei usava o cabelo cortado muito curto, não tinha barba e usava uma toga branca amarrada de forma confusa num ombro. Era alto, magro e gracioso nos movimentos e, apesar de ser ainda um homem novo, o aspecto triste e circunspecto do seu rosto faziam-no parecer muito mais velho. A sua rainha, Enid, usava o cabelo entrançado, formando uma estranha espiral precariamente segura no cimo da cabeça, obrigando-a a caminhar com a inépcia angular de um potro recém-nascido. Tinha o rosto coberto com uma pasta branca que lhe dava uma expressão vaga de perplexo aborrecimento. O seu filho Meurig, o Príncipe Herdeiro de Gwent, era uma endiabrada criança de dez anos que se sentava aos pés da mãe e que apanhava uma bofetada do pai cada vez que metia o dedo no nariz.

Depois da luta houve um concurso de harpistas e bardos. Cynyr, o bardo de Gwent, cantou a notável história da vitória de Uther sobre os Saxões em Caer Idern. Mais tarde percebi que Tewdríc deve tê-lo mandado cantar em homenagem ao Rei Supremo, e certamente que a actuação agradou a Uther que sorria à medida que os versos se iam desenrolando

e assentia com a cabeça cada vez que um determinado guerreiro era louvado. Cynyr declamava a vitória numa voz vibrante e quando chegou aos versos que diziam como Owain tinha matado mais de mil saxões, virou-se para o cansado lutador e um dos campeões de Tewdric, que apenas uma hora antes tentara derrubar o homenzarrão, levantou-se e ergueu o braço de Owain que segurava a espada. A multidão berrou e depois começou a rir quando Cynyr começou a falar como uma mulher para descrever os Saxões a implorar por piedade. Cynyr começou a correr à volta do campo com pequenos passos apavorados, inclinando-se como se se estivesse a esconder, e a multidão adorou. Eu também gostei, pois quase se podiam ver os odiados Saxões a encolher-se aterrorizados, sentir o cheiro pestilento do seu sangue e ouvir as asas dos corvos que vinham, vorazes, comer-lhes a carne. Depois Cynyr endireitou-se e deixou cair o manto, revelando o seu corpo nu pintado de azul e cantou a música de homenagem dos Deuses que viram o seu campeão, Uther, o Rei Supremo de Dumnónia, o Pendragon da Grã-Bretanha, derrotar reis, chefes e campeões inimigos. Depois, ainda nu, o bardo ajoelhou-se ante o trono de Uther.

Uther procurou desajeitadamente por baixo da sua capa de peles até encontrar um colar de ouro amarelo que atirou na direcção de Cynyr. Atirou-o com pouca força e o colar caiu na beira do estrado de madeira onde estavam sentados os dois reis. Nimue empalideceu perante o mau presságio, mas Tewdric apanhou calmamente o colar e levou-o ao bardo de cabelo branco, fazendo-o levantar com as próprias mãos.

Depois dos bardos terem cantado, e precisamente na altura em que o Sol se estava a pôr por detrás do escuro veio de montes baixos do lado ocidental, que marcava o início dos domínios silurianos, uma procissão de donzelas trouxe flores para as rainhas, mas só havia uma rainha no estrado, Enid. Durante alguns segundos as raparigas que traziam os ramos de flores destinados à rainha de Uther ficaram sem saber o que fazer, mas Uther moveu-se e apontou para Morgana, que ocupava o seu lugar ao lado do estrado. Então as raparigas desviaram-se para o lado e colocaram as íris, as ulmárias e as orquídeas em frente dela.

— Ela parece uma tarte coroada com salsa — disse-me Nimue ao ouvido com uma voz sibilante.

Na noite anterior ao Conselho Supremo houve um serviço cristão no salão do grandioso edifício do centro da cidade. Tewdric era um cristão entusiasta e os seus seguidores encheram o salão iluminado por tochas chamejantes colocadas em argolas de ferro nas paredes. Chovera nessa noite e o salão cheio de gente tresandava a suor, lá húmida e fumo de lenha. As mulheres ficavam no lado esquerdo do salão e os homens no lado direito, mas Nimue ignorou muito calmamente aquela disposição e subiu para um pedestal que

ficava por trás da escura multidão de homens com capas e sem chapéus. Havia outros pedestais, a maior parte deles com estátuas, mas o nosso plinto estava vazio e tinha espaço suficiente para nos sentarmos os dois a assistir aos rituais cristãos. Ao princípio eu estava mais admirado com o amplo interior do salão, que era mais alto, mais largo e mais comprido do que todos os salões de festas que eu já vira; era tão grande que viviam lá dentro pardais que deviam considerar o edifício romano um verdadeiro mundo. O céu dos pardais era um telhado curvo suportado por colunas baixas de tijolo outrora revestidas com camadas de estuque onde tinham sido pintadas algumas figuras. Ainda restavam alguns fragmentos das pinturas: conseguia ver o contorno vermelho de um veado a correr, uma criatura do mar com chifres e uma cauda bifurcada e duas mulheres a segurar uma taça com duas asas iguais.

Uther não estava no salão, mas os guerreiros cristãos assistiram e o bispo Bedwin, conselheiro do Rei Supremo, ajudou nas cerimónias, a que Nimue e eu assistíamos do nosso ninho altaneiro como duas crianças travessas a escutar atrás das portas as conversas das pessoas mais velhas. O rei Tewdric estava lá e com ele alguns dos reis e príncipes que estariam presentes no Conselho Supremo do dia seguinte. Essas pessoas importantes tinham assento na parte da frente do salão, mas a luz do fogo brilhava não à volta deles, mas sim à volta dos padres cristãos reunidos ao redor de uma mesa. Foi a primeira vez que vi tais criaturas nos seus ritos.

— O que é exactamente um bispo? — perguntei a Nimue.

— É como um druida — disse ela, e, na realidade, os padres cristãos usavam o cabelo rapado à frente. — Só que eles não têm formação e não sabem nada — acrescentou Nimue com ironia.

— Eles são todos bispos? — perguntei, pois havia muitos homens de cabelo rapado a andar de um lado para o outro, para cima e para baixo e à volta da mesa iluminada ao fundo do salão.

— Não. Alguns são só padres. Sabem ainda menos do que os bispos. — Ela riu-se.

— Não há sacerdotisas? — perguntei.

— Na religião deles — disse com desdém —, as mulheres têm de obedecer aos homens.

Cuspiu para afugentar esse mal e alguns dos guerreiros ali à volta lançaram-lhe olhares desaprovadores. Nimue ignorou-os. Estava envolta no seu manto negro com os braços à volta dos joelhos dobrados. Morgana proibira-nos de assistir às cerimónias cristãs, mas Nimue já não obedecia às ordens de Morgana. À luz do fogo, o seu rosto magro ensombrou-se e os seus olhos faiscavam.

Os padres estranhos entoavam cânticos na língua grega que a nós nada

dizia. Estavam sempre a inclinar-se e, perante isso, a multidão ajoelhava-se e levantava-se de novo com esforço. Cada movimento para baixo era marcado no lado direito do salão por um barulho desleixado, quando cem ou mais espadas batiam no chão coberto com ladrilhos. Os padres, tal como os druidas, levantavam muito os braços quando rezavam. Usavam umas túnicas estranhas, algo parecidas com a toga de Tewdric e cobertas com umas capas curtas decoradas. Cantavam e a multidão cantava em resposta e algumas das mulheres atrás da frágil rainha Enid de rosto branco começaram a soltar gritos agudos e a tremer em êxtase, mas os padres ignoravam a agitação e continuavam a entoar os cânticos. Havia uma cruz muito simples em cima da mesa, diante da qual se inclinavam e à qual Nimue fez o sinal para afastar o mal enquanto murmurava por entredentes uma reza protectora. Rapidamente nos aborrecemos com tudo aquilo e eu só queria escapulir-me para ter a certeza de que arranjaríamos um bom lugar para conseguir comer alguma coisa do grande banquete que teria lugar depois da cerimónia, em casa de Uther. Mas, depois, a linguagem da noite mudou para a língua falada na Grã-Bretanha quando um jovem padre se dirigiu à multidão.

O jovem padre era Sansum, e aquela noite foi a primeira vez que eu vi o santo. Era muito novo, muito mais novo do que os bispos, mas era considerado um homem de futuro, a esperança do porvir cristão, e os bispos deram-lhe deliberadamente a honra de pregar aquele sermão, como forma de o ajudarem a progredir na carreira.

Sansum foi sempre um homem magro, baixo, com um queixo sem barba e aguçado e uma testa recolhida, acima da qual o seu cabelo tonsurado se elevava hirsuto e negro como uma sebe de espinheiros, apesar da sebe ter sido mais aparada em cima do que nos lados, deixando-o assim com uns tufos de cabelo negro e espetado mesmo em cima das orelhas.

— Parece *Lughtigern* — murmurou Nimue e eu ri-me alto, pois *Lughtigern* é o *Lorde Rato* das histórias das crianças, uma criatura com muita garganta, mas que foge sempre que o gato aparece. No entanto, este *Lorde Rato* tonsurado sabia mesmo pregar. Eu nunca tinha ouvido o Evangelho sagrado de Nosso Senhor Jesus Cristo e, por vezes estremeço, quando penso quão mal recebi aquele primeiro sermão. Porém, jamais esquecerei o modo como ele o pronunciou. Sansum estava em cima de uma plataforma para que pudesse ver e ser visto, e, às vezes, no entusiasmo da sua pregação, quase caía e tinha de ser segurado pelos outros padres. Eu estava à espera que ele caísse, no entanto ele conseguia sempre recuperar o equilíbrio.

A sua pregação começou de uma forma muito convencional. Agradeceu a Deus a presença dos grandes reis e dos poderosos príncipes que tinham vindo escutar o Evangelho, depois teceu alguns elogios ao rei Tewdric

antes de se lançar numa censura que expunha a visão cristã do estado em que estava a Grã-Bretanha. Mais tarde percebi que se tratava mais de um discurso político do que de um sermão.

Sansum disse que a ilha da Grã-Bretanha era amada por Deus. Era uma terra especial, separada de outras terras e rodeada por um mar resplandecente para a defender das pestes, das heresias e dos inimigos. E continuou, dizendo que a Grã-Bretanha também era abençoada por grandes governantes e guerreiros poderosos. Todavia, ultimamente a ilha fora despedaçada por estranhos, e os seus campos, celeiros e aldeias foram devastados pela espada. Os Sais pagãos, os Saxões, estavam a apoderar-se da terra dos nossos antepassados e a transformá-la em lixo. Sansum declarava que os terríveis Sais profanavam os túmulos dos nossos pais, violavam as nossas mulheres e assassinavam as nossas crianças e que coisas como estas não podiam acontecer, a não ser que fossem a vontade de Deus, e perguntava por que razão viraria Deus as costas aos seus filhos, tão amados e tão especiais.

Porque, dizia ele, os seus filhos recusaram-se a ouvir a Sua mensagem sagrada. Os seus filhos da Grã-Bretanha ainda se inclinavam perante um pedaço de madeira ou uma pedra. Ainda existiam as chamadas matas sagradas e os seus santuários ainda tinham as caveiras dos mortos e eram lavados com o sangue dos sacrifícios. Sansum dizia que estas coisas poderiam não ser vistas nas cidades, pois a maior parte delas estava cheia de cristãos, mas avisou-nos de que as aldeias estavam infestadas de pagãos. Já deviam ser poucos os druidas na Grã-Bretanha, no entanto em todos os vales e quintas havia homens e mulheres que agiam como druidas, que sacrificavam seres vivos a uma pedra morta e que usavam feitiçarias e amuletos para iludir os simplórios. Até os cristãos — e neste momento Sansum lançou um olhar carrancudo à sua congregação — levavam as suas doenças a bruxas idólatras e os seus sonhos a profetisas pagãs, e enquanto estas práticas do mal fossem encorajadas Deus amaldiçoaria a Grã-Bretanha com violações, assassinios e Saxões. — Fez uma pausa para respirar e eu toquei no colar que trazia à volta do pescoço porque sabia que aquele *Lorde Rato* palavroso era inimigo do meu mestre Merlim e da minha amiga Nimue. — Pecámos! — gritou Sansum de repente, abrindo os braços e baloiçando na beira da plataforma; e todos tínhamos de nos arrepender. E continuou, dizendo que os reis da Grã-Bretanha deviam amar Cristo e a sua abençoada Mãe, e que só quando toda a raça britânica estivesse unida em Deus é que Deus uniria toda a Grã-Bretanha. Por esta altura já a multidão respondia ao seu sermão, concordando e implorando misericórdia ao seu Deus, gritando e pedindo a morte dos druidas e dos seus seguidores. Era terrífico.

— Vamos — murmurou Nimue —, já ouvi o suficiente.

Descemos do pedestal e abrimos caminho por entre a multidão que

enchia o vestíbulo por baixo dos pilares exteriores do salão. Para minha vergonha segurei a capa junto ao queixo sem barba para que ninguém visse o meu colar, enquanto seguia Nimue pelas escadas que levavam à praça batida pelo vento e iluminada com tochas a toda a volta. Caía uma chuva miudinha de Oeste que fazia as pedras da praça brilhar à luz dos archotes. Os guardas uniformizados de Tewdric estavam imóveis à volta da praça quando Nimue me levou mesmo até ao centro daquele espaço amplo, onde parou e, de repente, desatou a rir. A princípio era um riso abafado, depois um riso de zombaria que logo se tornou em gargalhadas ferozes de escárnio, que depois se transformaram em gritos de provocação que vibravam pelos telhados de Glevum, ecoavam pelos céus e acabavam num grito louco e furioso, tão feroz como o grito de morte de um animal apanhado numa armadilha. Ela descrevia círculos enquanto gritava, seguindo a rota do Sol, de Norte para Este, para Sul e para Oeste e de novo para Norte, e nem um só soldado se moveu. Alguns dos cristãos no pórtico do grande edifício olharam para nós enfurecidos, mas não interferiram. Até os cristãos reconheciam alguém tocado pelos Deuses e nenhum se atreveu a pôr a mão em Nimue.

Quando já não tinha fôlego, Nimue deixou-se cair nas pedras, em silêncio, uma figura minúscula anichada por baixo da capa preta, uma coisa sem forma a tremer a meus pés.

— Oh, pequeno — disse finalmente numa voz cansada — oh, meu pequenino.

— O que foi? — perguntei.

Confesso que estava mais tentado pelo cheirinho a porco assado que vinha da casa de Uther do que por qualquer tipo de transe que tanto cansara Nimue.

Ela levantou a mão esquerda com a cicatriz e eu ajudei-a a pôr-se de pé.

— Temos uma oportunidade — disse ela em voz baixa e assustada — apenas uma oportunidade e, se a perdermos, os Deuses deixam-nos. Seremos abandonados pelos Deuses e deixados às feras. E aqueles malucos, o *Lorde Rato* e os seus seguidores, vão arruinar essa oportunidade, a não ser que lutemos contra eles. E eles são tantos e nós tão poucos. — Olhava para o meu rosto, gritando de desespero.

Eu não sabia o que dizer. Não tinha muitos conhecimentos do mundo espiritual apesar de ser uma das crianças enjeitadas de Merlim e o filho dilecto de Bel.

— Bel vai ajudar-nos, não vai? — perguntei, sem saber o que fazer. — Ele ama-nos, não ama?

— Ama-nos! — Ela arrancou a sua mão da minha. — Ama-nos! —

repetiu com desprezo. — Não é tarefa dos Deuses amar-nos. Tu amas os porcos do Druidan? Por que razão, em nome de Bel, deveria um Deus amar-nos. O que sabes tu do amor, Derfel, filho de um saxão?

— Sei que te amo — disse eu.

Ainda agora coro quando penso num jovem desesperado à procura do afecto de uma mulher. Precisei de toda a força do meu corpo para dizer aquilo, de todos os bocadinhos de coragem que eu esperava ter e, depois de ter deixado escapar aquelas palavras, corei à luz do fogo varrido pela chuva e desejei ter ficado calado.

Nimue sorriu-me.

— Eu sei — disse ela — eu sei. Agora vamos. Temos um banquete para a ceia.

Nestes dias, nestes dias que me restam e que eu passo a escrever neste mosteiro nos montes de Powy, às vezes fecho os olhos e vejo Nimue. Não aquilo em que ela se tornou, mas como era na altura: tão cheia de fogo, tão viva, tão confiante. Sei que ganhei Cristo e que através da Sua bênção ganhei o mundo todo, mas não tem conta tudo o que perdi, tudo o que todos nós perdemos. Perdemos tudo.

O banquete foi magnífico.

O Conselho Supremo começou a meio da manhã, depois dos cristãos realizarem mais uma cerimónia. Eu achava que realizavam cerimónias de mais, pois todas as horas do dia pareciam exigir uma nova adoração da cruz, mas o atraso serviu para dar tempo aos príncipes e aos guerreiros para se recomparam da noite de bebida, gabarolice e lutas. O Conselho Supremo teve lugar no grande salão que estava de novo iluminado por tochas, pois apesar do sol da Primavera brilhar, as poucas janelas do salão eram pequenas e estavam muito altas, menos apropriadas para deixar o sol entrar do que para deixar o fumo sair, apesar de nem para isso serem muito boas.

Uther, o Rei Supremo, estava sentado numa tribuna acima do estrado reservado aos reis, príncipes herdeiros e príncipes. Tewdric de Gwent, o anfitrião do Conselho, sentava-se abaixo de Uther e do outro lado do trono de Tewdric havia uma dúzia de outros tronos, ocupados nesse dia por reis ou príncipes que pagavam tributo a Uther ou a Tewdric. Estavam lá o príncipe Cadwy de Isca, o rei Melwas de Belgae e o príncipe Gereint, Senhor das Pedras, enquanto o distante Kernow, o reino selvagem da extremidade ocidental da Grã-Bretanha, enviara o seu Príncipe Herdeiro, o príncipe Tristan, que se sentava enrolado em peles de lobo na extremidade do estrado ao lado de dois tronos vazios.

Na verdade, os tronos nada mais eram do que cadeiras trazidas da

sala do banquete disfarçadas com xairéis, e no chão à frente de cada cadeira e encostados ao estrado estavam os escudos dos reinos. Tempos houvera em que eram trinta e três os escudos encostados ao estrado, mas agora as tribos da Grã-Bretanha lutavam umas contra as outras e alguns dos reinos tinham sido enterrados em Loegyr pelas lâminas saxónicas. Um dos objectivos deste Conselho Supremo era estabelecer a paz entre os restantes reinos britânicos, uma paz que já estava ameaçada pois Powys e Silúria não compareceram ao Conselho. Os seus tronos estavam vazios, testemunho mudo de que continuava a existir a hostilidade destes reinos em relação a Gwent e a Dumnónia.

Mesmo em frente aos reis e aos príncipes, e para lá de um pequeno espaço aberto deixado para os discursos, estavam sentados os conselheiros e os magistrados-chefes dos reinos. Alguns dos grupos de conselheiros, como os de Gwent e os de Dumnónia, eram enormes, enquanto outros se reduziam a uma mão-cheia de homens. Os magistrados e os conselheiros sentavam-se no chão, que estava decorado com milhares de minúsculas pedrinhas coloridas ordenadas de modo a formar uma imagem enorme que aparecia por entre os corpos sentados. Todos os conselheiros tinham trazido cobertores para fazerem de almofadas, pois sabiam que as deliberações do Conselho Supremo podiam durar até depois do anoitecer. Além dos conselheiros e presentes apenas como observadores estavam os guerreiros armados, alguns com os seus cães de caça favoritos ao lado, presos com as trelas. Eu fiquei ao lado desses guerreiros armados. O meu colar de bronze com a figura da cabeça de Cernunnos dava-me toda a autoridade de que eu precisava para estar presente.

Estavam duas mulheres no Conselho, apenas duas, e mesmo assim a sua presença causara rumores de protesto entre os homens que aguardavam, até que um pestanejar de olhos de Uther acalmou o murmúrio de descontentamento.

Morgana estava sentada mesmo à frente de Uther. Os conselheiros afastaram-se cautelosamente dela e assim ela estava sentada sozinha até Nimue entrar com ousadia pela porta do salão e abrir caminho através de todos aqueles homens sentados para arranjar um lugar ao lado dela. Nimue entrara com tanta calma e tanta firmeza que ninguém tentou impedi-la. Depois de se sentar olhou para Uther, o Rei Supremo, como que a desafiá-lo a expulsá-la, mas o rei ignorou a sua chegada. Morgana também ignorou a sua jovem rival que se sentou muito quieta e muito direita. Vestia a sua túnica branca de linho com o cinto de escrava de couro muito fino e, entre aqueles homens de cabelo grisalho e grossas capas parecia, delicada e vulnerável.

O Conselho Supremo começou, tal como começam todos os conselhos, com uma oração. Se Merlim estivesse presente invocaria os Deuses,

mas em vez disso o bispo Conrad de Gwent ofereceu uma oração ao Deus cristão. Vi Sansum sentado entre as fileiras dos conselheiros de Gwent e notei o feroz olhar de ódio que lançou às duas mulheres, quando elas não inclinaram a cabeça enquanto o bispo rezava. Sansum sabia que as mulheres tinham vindo no lugar de Merlin.

Depois da oração foi lançado um desafio por Owain, o campeão de Dumnónia que tinha lutado com os dois melhores homens de Tewdric dois dias antes. Merlin sempre chamara a Owain animal, e realmente ele parecia mesmo um animal, ali de pé em frente ao Rei Supremo, ainda com crostas de sangue na cara por causa da luta, com a espada na mão e uma capa grossa de pele de lobo enrolada à volta dos músculos dos seus ombros espadaúdos.

— Há aqui algum homem — rosnou ele — que dispute o direito de Uther ao Trono Supremo?

Ninguém disputava. Owain, de alguma forma desapontado por lhe ser negada a oportunidade de matar alguém que o desafiasse, embainhou a espada e sentou-se desconfortavelmente entre os conselheiros, pois preferia ficar em pé ao lado dos seus guerreiros.

Em seguida foram dadas notícias da Grã-Bretanha. O bispo Bedwin, falando em nome do Rei Supremo, informou que a ameaça saxónica a Leste de Dumnónia fora cerceada, se bem que por um preço alto de mais para ser contemplado. O príncipe Mordred, Príncipe Herdeiro de Dumnónia e um guerreiro cuja fama alcançara os confins da terra, fora morto na hora da vitória. O rosto de Uther não demonstrou a mais pequena emoção ao escutar a já tão contada e recontada história da morte do seu filho. O nome de Artur não foi mencionado, apesar de ter sido Artur quem arrebatara a vitória ao inepto comando de Mordred e todos naquela sala o sabiam. Bedwin informou que os saxões vencidos vieram dos territórios outrora governados pela tribo Catuvelane e que, apesar de não terem sido expulsos de todo aquele velho território, eles tinham concordado em pagar um tributo anual em ouro, trigo e bois ao Rei Supremo. Acrescentou ainda que se rezasse a Deus para que a paz fosse duradoura.

— Rezemos a Deus — interveio o rei Tewdric — para que os Saxões sejam expulsos daquelas terras!

As suas palavras levaram os guerreiros na parte de trás e nos lados do salão a bater com as hastes das lanças no pavimento e pelo menos uma lança partiu os pequenos ladrilhos. Os cães uivaram.

Quando os ruidosos aplausos terminaram, Bedwin continuou calmamente dizendo que a norte de Dumnónia reinava a paz graças ao sensato tratado de amizade entre o rei Supremo e o nobre Rei Tewdric. A Oeste, e aqui Bedwin fez uma pausa para conceder um sorriso ao jovem e atraente príncipe Tristan, também havia paz.

— O reino de Kernow — disse Bedwin — fecha-se sobre si próprio. Soubemos que o rei Mark tem uma nova mulher e rezamos para que ela, tal como as suas distintas antecessoras, mantenha o seu senhor completamente ocupado.

Este comentário provocou um burburinho de risos.

— Qual é esta mulher? — perguntou Uther de repente. — A quarta ou a quinta?

— Creio que até mesmo o meu pai já perdeu a conta, Senhor Supremo — disse Tristan e o salão retumbou com gargalhadas.

Partiram-se mais ladrilhos sob os batimentos das lanças e um dos pequenos fragmentos deslizou pelo chão e cravou-se no meu pé.

Depois falou Agricola. O seu nome era romano e era famoso pela sua adesão aos métodos romanos. Agricola era o comandante de Tewdric e, apesar de já estar velho, era temido pela sua destreza no campo de batalha. A idade não fizera vergar a sua figura alta apesar de lhe ter deixado o cabelo curto tão cinzento como a lâmina de uma espada. O seu rosto cheio de cicatrizes estava muito bem barbeado, usava um uniforme romano e debaixo do braço trazia um elmo prateado ornamentado com crina de cavalo tingida que formava uma crista escarlate. Também ele informou que os Saxões a Leste do reino do seu Senhor tinham sido vencidos, mas as notícias que vinham das Terras Perdidas de Lloegyr eram inquietantes, pois ouvira dizer que tinham chegado mais barcos vindos dos territórios saxões pelo mar germânico e acrescentou em tom de aviso que mais barcos na costa saxónica significavam mais guerreiros a pressionar para Oeste e a entrar na Grã-Bretanha. Agricola também nos avisou sobre um novo chefe saxão chamado Aelle que lutava pelo poder entre os Sais. Foi a primeira vez que ouvi o nome de Aelle e só os Deuses sabiam então o quanto ele nos viria assombrar no decorrer dos anos.

Agricola continuou dizendo que os Saxões podiam estar temporariamente calmos, mas que isso não trouxera paz ao reino de Gwent. Grupos guerreiros tinham vindo de Powys para Sul enquanto outros tinham marchado da Silúria para Oeste para atacar o território de Tewdric. Tinham sido enviados mensageiros a esses dois reinos, convidando os seus monarcas a comparecer ao Conselho, mas, e aqui Agricola fez um gesto na direcção das duas cadeiras vazias no estrado real, nem Gorfyddydd de Powys nem Gundleus da Silúria tinham aceiteado o convite. Tewdric não conseguia esconder o seu desapontamento, pois tinha esperado sinceramente que Gwent e Dumnónia pudessem celebrar a paz com os seus dois vizinhos do Norte. Eu supunha que aquela esperança de paz tinha também sido o motivo do convite de Uther a Gundleus para visitar Norwenna na Primavera, mas os tronos vazios pareciam falar apenas da continuação das hos-

tilidades. Se fosse para não haver paz, avisou Agrícola severamente, então o rei de Gwent não teria outra alternativa senão lutar contra Gorfyddyd de Powys e o seu aliado, Gundleus da Silúria. Uther assentiu com um meneio de cabeça, dando o seu consentimento à ameaça.

Agrícola continuou o seu relatório dizendo que de algures mais a norte, haviam chegado notícias de que Leodegan, rei de Henis Wyren, tinha sido afastado do seu reino por Diwrnach, o invasor irlandês que dera o nome de Lleyrn aos seus territórios recém-conquistados. Agrícola acrescentou que o desalojado Leodegan se tinha refugiado junto do rei Gorfyddyd de Powys, porque Cadwallon de Gwynedd não o aceitara. Soaram mais risos com esta notícia, pois o rei Leodegan era famoso pela sua tolice.

— Também ouvi — continuou Agrícola quando as gargalhadas abrandaram — que estão a entrar mais invasores irlandeses por Demétia e que estão a pressionar bastante as fronteiras ocidentais de Powys e da Silúria.

— Só eu falarei por Silúria — interveio uma voz forte vinda da porta — e mais ninguém.

Houve um grande reboliço quando todos os homens da sala se viraram para olhar para a porta. Gundleus viera.

O rei da Silúria entrou na sala como um herói. Não havia hesitação nem pedidos de desculpa no seu comportamento, apesar de os seus guerreiros terem atacado muitas vezes as terras de Tewdric, tal como tinham atacado mais para Sul, atravessando o mar Severn para perturbar o país de Uther. Tinha um ar tão confiante que tive de fazer um esforço para me lembrar como tinha fugido de Nimue em casa de Merlim. Atrás de Gundleus, a arrastar os pés e a babar-se todo, vinha Tanaburs, *o Druida*, e mais uma vez escondi-me quando me lembrei do poço da morte. Merlim dissera-me uma vez que o insucesso de Tanaburs em matar-me tinha colocado a sua alma nas minhas mãos, mas mesmo assim tremi de medo quando vi o velho entrar na sala com o cabelo a dar estalidos por causa dos pequenos ossos que tinha amarrados aos rabichos.

Atrás de Tanaburs, com as espadas enfiadas nas bainhas de tecido vermelho, entrou a passos largos o séquito de Gundleus. Usavam o cabelo e os bigodes entrançados e a barba comprida. Ficaram em pé com os outros guerreiros, afastando-os para o lado para formarem uma frente de batalha de homens orgulhosos no Conselho Supremo dos seus inimigos, enquanto Tanaburs, enrolado na sua imunda túnica cinzenta enfeitada com quartos crescentes e lebres a correr, encontrou um espaço entre os conselheiros. Owain, farejando sangue, levantou-se para barrar o caminho a Gundleus, mas Gundleus ofereceu ao campeão do Rei Supremo os copos da sua espada para mostrar que viera em paz, depois prostrou-se no chão de mosaico em frente ao trono de Uther.

— Levanta-te, Gundleus ap Meilyr, rei da Silúria — ordenou Uther, erguendo a mão em seguida num gesto de boas-vindas. Gundleus subiu o estrado e beijou-lhe a mão antes de tirar de trás das costas o escudo com o seu brasão, a máscara de uma raposa. Colocou-o junto aos outros escudos, sentou-se no seu trono e olhou a toda a volta do salão como se estivesse muito contente por estar presente. Acenou com a cabeça a conhecidos, fez esgares de surpresa ao ver alguns e sorriu a outros. Todos os homens que cumprimentou eram seus inimigos, mesmo assim sentou-se na cadeira com uma atitude desleixada, como se estivesse sentado em sua própria casa. Até pôs uma perna por cima do braço da cadeira. Ergueu o sobrolho quando viu as duas mulheres e pensou ter detectado um olhar carrancudo quando ele reconheceu Nimue, mas esse olhar desapareceu quando pestanejou e continuou a olhar para a multidão. Tewdric convidou-o cordialmente a dar notícias do seu reino ao Conselho Supremo, mas Gundleus limitou-se a sorrir e a dizer que tudo estava bem na Silúria.

Não vos aborreço mais com outros assuntos tratados nesse dia. Formaram-se nuvens sobre Glevum enquanto se resolviam disputas, se arranjavam casamentos e se ditavam sentenças. Gundleus, apesar de nunca admitir as suas transgressões, consentiu em pagar a Tewdric um feudo de vacas, ovelhas e ouro, com a mesma compensação para o Rei Supremo, e foram resolvidas de forma idêntica muitas outras queixas menores. As argumentações eram longas e as defesas complicadas, mas um a um os assuntos foram sendo resolvidos. Tewdric fez a maior parte do trabalho, apesar de nunca deixar de olhar de lado para o Rei Supremo para detectar qualquer gesto que deixasse entrever a decisão de Uther. Além destes gestos Uther quase não se mexia, a não ser quando um escravo lhe trazia água, pão ou um remédio que Morgana fizera com pata de potro embebido em hidromel para lhe acalmar a tosse. Saiu do estrado apenas uma vez para mijar contra a parede das traseiras enquanto Tewdric, sempre paciente e sempre cuidadoso, considerava uma disputa de fronteiras entre dois chefes do seu próprio reino. Uther cuspiu na sua urina para afastar o mal, depois subiu de novo para o estrado enquanto Tewdric ditava a sua sentença, que, tal como todas as outras, foi registada em pergaminhos por três escribas sentados a uma mesa atrás do estrado.

Uther estava a guardar a pouca energia que lhe restava para a questão mais importante do dia, que veio já depois do escurecer. Como estava escuro, os servos de Tewdric trouxeram mais uma dúzia de tochas para o salão. Tinha também começado a chover muito e o salão ficou gelado, pois a água entrava pelos buracos do tecto, pingando para o chão ou correndo em arreios pelas paredes de tijolo abaixo. De repente, o frio era tanto que se encheu uma braseira, uma grande bacia de ferro, com cepos de madeira e

que foi colocada acesa aos pés do Rei Supremo. Removeram-se os escudos reais e deslocou-se o trono de Tewdric para o lado para que o calor da braseira chegasse até Uther. O fumo da lenha espalhou-se pela sala, formando redemoinhos nas sombras do tecto alto como se procurasse uma saída que o levasse para a chuva forte que caía lá fora.

Finalmente Uther levantou-se para falar ao Conselho Supremo. Como tinha dificuldade em manter-se em pé, encostou-se a uma grande lança enquanto falava com franqueza sobre o seu reino. Disse que Dumnónia tinha um novo Príncipe Herdeiro e que se devia agradecer aos Deuses por essa graça, mas o Príncipe Herdeiro era débil, ainda um bebé e tinha um pé defeituoso. Levantaram-se murmúrios que se faziam eco da confirmação dos rumores sobre esse mau presságio, mas que abrandaram quando Uther levantou a mão pedindo silêncio. O fumo envolvia-o, dando-lhe um aspecto espectral, como se a sua alma já estivesse revestida pelo corpo-sombra do Outro Mundo. O ouro brilhava em volta do seu pescoço e dos pulsos, e uma pequena fita de ouro, a coroa do Rei Supremo, cingia os seus ralos cabelos brancos.

— Estou velho — disse ele —, e não vou viver muito tempo.

Acalmou os protestos com outro débil aceno da mão.

— Eu não digo que o meu reino esteja acima de qualquer outro deste país, mas digo que se Dumnónia cai nas mãos dos Saxões, então toda a Grã-Bretanha cairá. Se Dumnónia cair perdemos os nossos laços com Armórica e com os nossos irmãos de além-mar. Se Dumnónia cair, então os Saxões terão dividido a Grã-Bretanha e um país dividido não consegue sobreviver.

Fez uma pausa e, por um momento, pensei que estivesse cansado de mais para continuar; mas depois, a grande cabeça de touro ergueu-se e ele voltou a falar.

— Os Saxões não podem chegar ao mar Severn! — disse, clamando em alta voz aquele credo que durante tantos anos tinha estado bem no centro das suas ambições.

Enquanto os Saxões estivessem rodeados por Bretões havia sempre a possibilidade de algum dia serem empurrados de volta para o mar Germânico, mas se chegassem à nossa costa ocidental então teriam separado Dumnónia de Gwent e os Bretões do Sul dos Bretões do Norte.

— Os homens de Gwent — continuou Uther — são os nossos melhores guerreiros — e aqui acenou com a cabeça em honra de Agricola —, mas não é segredo para ninguém que Gwent vive do pão que Dumnónia lhe envia. Dumnónia tem de ser mantida ou a Grã-Bretanha estará perdida. Eu tenho um neto e o reino pertence-lhe! O reino será governado por Mordred quando eu morrer. É esta a minha lei.

Nesse momento bateu com a lança no estrado e por um momento a antiga força do Pendragon brilhou-lhe nos olhos. Independentemente do que mais ali ficasse decidido o reino não sairia da família de Uther, pois aquela era a lei de Uther e todos os presentes o sabiam. Faltava apenas decidir como seria protegida a criança estropiada até ter idade suficiente para assumir a realeza.

E assim começaram as conversações, embora já toda a gente soubesse o que fora decidido. Por que outra razão estaria Gundleus sentado no seu trono daquela forma tão desleixada e tão seguro de si? No entanto, alguns homens ainda avançaram o nome de outros candidatos à mão de Norwenna. O príncipe Gereint, o Senhor das Pedras, que defendia as terras da fronteira entre Dumnónia e os Saxões, propôs Meurig ap Tewdric, o Príncipe Herdeiro de Gwent, mas todos os presentes sabiam que a proposta era apenas uma forma de lisonjear Tewdric e que nunca seria aceite, porque Meurig era apenas uma criança sempre com o dedo no nariz e sem qualquer hipótese de defender Dumnónia dos Saxões. Gereint, tendo cumprido o seu dever, sentou-se e escutou com atenção enquanto um dos conselheiros de Tewdric propunha o príncipe Cuneglas, o filho mais velho de Gorfyddyd e, por isso, o Príncipe Herdeiro de Powys. O conselheiro afirmava que um casamento com o Príncipe Herdeiro do inimigo forjaria a paz entre Powys e Dumnónia, os dois reinos britânicos mais poderosos. Mas esta sugestão foi implacavelmente rejeitada pelo bispo Bedwin que sabia que o seu senhor nunca legaria o seu reino ao filho do pior inimigo de Tewdric.

Tristan, príncipe de Kernow, era outro candidato, mas ele colocou objecções pois sabia muito bem que ninguém em Dumnónia confiaria em seu pai, o rei Mark. Foi então sugerido Meriadoc, príncipe de Stronggore, mas Stronggore já estava meio perdido para os Saxões e se um homem não conseguia defender o seu próprio reino, como poderia defender ainda outro? Alguém perguntou porque não alguém das casas reais de Armórica, mas ninguém sabia se os príncipes do outro lado do mar abandonariam as suas novas terras da Bretanha para defender Dumnónia.

Gundleus. E voltou-se a Gundleus.

Mas, então, Agrícola proferiu o nome que quase todos os homens no salão tanto queriam como temiam ouvir. O velho soldado levantou-se, com a sua armadura romana a brilhar e os ombros firmes, e olhou directamente nos olhos remelosos de Uther, o Pendragon.

— Artur — disse Agrícola. — Proponho Artur.

Artur. O nome ressoou pelo salão e, depois, o eco moribundo foi abafado pelo barulho repentino de bordões a bater no chão. Os lanceiros que aplaudiam eram guerreiros de Dumnónia, homens que tinham seguido Artur na batalha e que conheciam o seu valor, mas a rebelião foi breve.

Uther, o Pendragon, Rei Supremo de Grã-Bretanha, levantou a sua própria lança e baixou-a de uma só vez. Fez-se imediatamente silêncio, no qual apenas Agricola ainda se atreveu a desafiar o Rei Supremo.

— Proponho que Artur case com Norwenna — disse respeitosa-mente, e até mesmo eu, novo como era, sabia que Agricola devia estar a falar pelo seu senhor, o rei Tewdric, e isso baralhou-me pois pensara que Gundleus era o candidato de Tewdric.

Se Gundleus pudesse ser separado da sua amizade com Powys, então a nova aliança entre Dumnónia, Gwent e Silúria defenderia todas as terras das duas margens do mar Severn e essa tripla aliança seria um Baluarte contra Powys e contra os Saxões. Eu deveria saber, claro, que Tewdric, ao sugerir Artur estava à espera de uma recusa que teria de ser recompensada com um favor.

— Artur ap Neb — disse Uther, e esta última palavra foi pronunciada com um suspiro de surpresa e horror — não é de alta linhagem.

Não podia haver argumento contra tal decreto e Agricola, aceitando a sua derrota, fez uma vénia e sentou-se. *Neb* significava «ninguém», e Uther estava a negar ser o pai de Artur, declarando desse modo que Artur não tinha sangue real e que, portanto, não podia casar com Norwenna. Um bispo de Belgae argumentou por Artur protestando que os reis já tinham sido escolhidos de entre a nobreza e que os costumes que tinham servido para o passado deviam servir para o futuro, mas a sua objecção impertinente foi mitigada por um olhar feroz de Uther. A chuva entrava em turbilhões por uma das altas janelas e sibilava no fogo.

O bispo Bedwin levantou-se de novo. Parecia que até àquele momento toda a conversa sobre o futuro de Norwenna tinha sido tempo perdido, pelo menos nenhuma das alternativas tinha fundamento e qualquer homem de bom senso podia assim entender o raciocínio por detrás da anunciação que Bedwin então fez.

Gundleus da Silúria, disse Bedwin suavemente, era um homem sem mulher. Houve murmúrios na sala quando aqueles homens se lembraram dos rumores do casamento escandaloso de Gundleus com a sua amada de baixa linhagem, Ladwys, mas Bedwin ignorou os distúrbios com jovialidade. E continuou, dizendo que algumas semanas antes Gundleus visitara Uther e fizera as pazes com o Rei Supremo e era agora do gosto de Uther que Gundleus casasse com Norwenna e se tornasse o protector, e repetiu a palavra, o protector do reino de Mordred. Como garantia da sua boa fé Gundleus pagara já um preço em ouro ao rei Uther e esse preço fora aceite como apropriado. Poderia haver alguém, admitiu o bispo Bedwin com desenvoltura, que não confiasse num homem que até há tão pouco tempo fora um inimigo, mas, como mais uma garantia da sua mudança de atitude,

Gundleus da Silúria concordara em abandonar a sua antiga reivindicação em relação ao reino de Gwent, e, mais ainda, converter-se-ia ao cristianismo e seria publicamente batizado na manhã seguinte no rio Severn sob as muralhas de Glevum. Todos os cristãos presentes gritaram aleluia, mas eu não tirava os olhos do druida Tanaburs, imaginando por que razão aquele velho louco malvado não dava sinais de desaprovação enquanto o seu mestre repudiava publicamente a antiga religião.

Também me perguntava por que os adultos recebiam tão rapidamente um antigo inimigo, mas era óbvio que estavam desesperados. Um reino estava a ser passado para uma criança estropiada e Gundleus, apesar do seu passado traiçoeiro, era um guerreiro famoso. Se ele provasse ser verdadeiro, então a paz de Dumnónia e Gwent estava assegurada. No entanto, Uther não era tolo e, por isso, fez o melhor que pôde para proteger o seu neto, caso Gundleus provasse ser falso. Uther decretou que Dumnónia seria governada por um conselho até Mordred ter idade para empunhar a espada. Gundleus presidiria ao conselho e teria como conselheiros meia dúzia de homens que teriam como chefe o bispo Bedwin. Tewdric de Gwent, um aliado firme de Dumnónia, foi convidado a enviar dois dos seus homens, e o conselho, assim composto, teria a última palavra sobre o governo do reino. Gundleus não ficou satisfeito com esta decisão. Ele não tinha pago dois cestos de ouro para se sentar num conselho de velhos, mas era esperto de mais para protestar. Calou-se enquanto o reino da sua noiva e do seu enteado era rodeado de regras.

E foram estabelecidas ainda mais regras. Uther disse que Mordred teria três protectores ajuramentados; homens obrigados por juramentos de morte a defender com a própria vida a vida do rapaz. Se algum homem ofendesse Mordred, então os ajuramentados vingariam a ofensa ou sacrificariam as suas próprias vidas. Gundleus manteve-se sentado e imóvel enquanto o édito era lavrado, mas moveu-se desconfortavelmente quando os ajuramentados foram nomeados. Um era o rei Tewdric de Gwent, o segundo era Owain, o Campeão de Dumnónia e o terceiro era Merlim, Lorde de Avalon.

Merlim. As pessoas naquela sala estiveram à espera de ouvir aquele nome tal como tinham estado à espera de ouvir o nome de Artur. Normalmente Uther não tomava grandes decisões sem o conselho de Merlim. No entanto, Merlim não estava presente. Havia meses que Merlim não era visto em Dumnónia. Pelo que se sabia, Merlim até podia estar morto.

Foi então que Uther olhou para Morgana pela primeira vez. Ela deve ter-se contorcido toda, quando a paternidade do seu irmão foi negada e, conseqüentemente, a dela própria, mas fora convocada para o Conselho Supremo não como filha bastarda de Uther, mas sim como profetisa da

confiança de Merlim. Depois de Tewdric e Owain terem feito os seus juramentos de morte, Uther olhou para a mulher estropiada e só com um olho. Os cristãos presentes na sala fizeram o sinal da cruz, que era a forma de se protegerem contra os maus espíritos.

— Então? — incitou-a Uther.

Morgana estava nervosa. O que precisavam dela era uma garantia de que Merlim, o seu companheiro nos mistérios, aceitasse o grande encargo imposto pelo juramento. Ela estava ali como sacerdotisa, não como conselheira, e devia ter respondido como sacerdotisa. Mas não o fez e a sua resposta foi insuficiente.

— O meu Mestre, Merlim, ficará honrado com a nomeação, Senhor Supremo — disse ela.

Nimue gritou. O som foi tão repentino e arrepiante que por toda a sala os homens estremeeceram e agarraram as lanças com firmeza e até os pêlos dos dorsos dos cães de caça se eriçaram. Depois o grito extinguiu-se deixando o silêncio entre os homens. O fumo arrastava-se furiosamente pelo tecto escuro do salão cujas telhas eram fustigadas pela chuva e, depois, na esteira do grito e bem longe naquela noite abalada pela tempestade, ouviu-se o som de trovões.

Trovões! Os cristãos fizeram outra vez o sinal da cruz, mas ninguém ali duvidava do sinal. Taranis, o Deus do Trovão, falara, prova de que os Deuses tinham entrado no Conselho Supremo e, além disso, tinham vindo por ordem de uma rapariga que, apesar do frio que obrigou os homens a vestirem as capas, nada mais usava além de uma túnica branca e uma correia de escravos.

Ninguém se mexeu, ninguém falou, ninguém ficou sequer inquieto. Os copos de chifre com hidromel estavam pousados e os homens deixaram de catar os piolhos. Ali já não havia reis nem guerreiros. Não havia bispos nem padres tonsurados nem sábios. Havia apenas uma multidão muda e apavorada que olhava com receio para a jovem que se levantou e soltou o cabelo, deixando-o cair longo e negro pelas costas magras abaixo. Morgana baixou os olhos para o chão, Tanaburs estava boquiaberto e o bispo Bedwin declamava orações em voz baixa enquanto Nimue caminhava para o espaço reservado aos discursos, ao lado da braseira. Ergueu os braços ao alto e começou a andar à roda muito devagar, seguindo a rota do Sol, para que todos os homens vissem o seu rosto. Era um rosto marcado pelo horror. Só se via o branco dos olhos, nada mais, e a língua pendia de uma boca distorcida. Ela rodou uma e outra vez, cada vez mais depressa, e juro que a multidão foi atravessada por um arrepio comunal. Ela tremia agora enquanto girava, aproximando-se cada vez mais da grande fogueira até quase cair em cima das chamas, mas, de repente, elevou-se no ar e gritou antes de

cair, no chão, em cima dos ladrilhos. Depois, como um animal, começou a correr de gatas, buscando o seu caminho para trás e para a frente ao longo da linha de escudos que fora dividida para deixar o calor do fogo aquecer as pernas do Rei Supremo e, quando chegou ao escudo com uma raposa de Gundleus, empinou-se qual cobra admirável e cuspiu uma vez.

O cuspo atingiu a raposa.

Gundleus tentou levantar-se do trono, mas Tewdric impediu-o. Tanaburs levantou-se também com grande esforço, mas Nimue virou-se para ele, ainda com os olhos em alvo, e soltou um grito. Apontou para ele, o grito ainda ululava e ecoava pelo grande salão romano e o poder da sua magia fez Tanaburs afundar-se outra vez no chão.

Depois Nimue estremeceu, os olhos rolaram e já se podiam ver outra vez as suas pupilas castanhas. Pestanejou perante a sala cheia de gente como se estivesse surpresa de se encontrar ali e, depois, com as costas voltadas para o Rei Supremo ficou completamente imóvel. Aquela quietude mostrava que ela estava possuída pelos Deuses e que, quando falasse, falaria por eles.

— Merlim está vivo? — perguntou Tewdric respeitosamente.

— É claro que está vivo — a voz de Nimue estava cheia de desprezo e não deu nenhum título ao rei que a tinha questionado. Ela estava com os Deuses e não precisava de mostrar respeito por meros mortais.

— Onde está ele?

— Partiu — disse Nimue, virando-se para fitar o rei que usava toga, em cima do estrado.

— Partiu para onde?

— Foi procurar a Sabedoria da Grã-Bretanha — disse Nimue.

Todos tentavam escutar o que ela dizia, pois, finalmente, ouviam-se notícias reais. Pude ver Sansum, *o Lorde Rato*, a contorcer-se na sua necessidade desesperada de protestar contra aquela interferência pagã no Conselho Supremo, mas enquanto o rei Tewdric estivesse a interrogar a rapariga um simples padre não podia interferir.

— O que é a Sabedoria da Grã-Bretanha? — perguntou o rei Uther.

Nimue rodou de novo, dando uma volta completa, mas rodou apenas para poder ordenar os pensamentos pois a resposta foi dada numa voz cantada e hipnótica.

— A Sabedoria da Grã-Bretanha é o saber dos nossos antepassados, as ofertas dos nossos Deuses, as Treze Riquezas dos Treze Tesouros que, quando reunidos, nos darão o poder de reclamar a nossa terra.

Fez uma pausa e quando falou de novo a voz voltara ao seu timbre normal.

— Merlim luta para unir de novo esta terra, uma terra britânica — e aqui Nimue rodopiou para fitar directamente os olhos pequenos, brilhantes

e indignados de Sansum — com Deuses britânicos. — Voltou-se de novo para o Rei Supremo. — E se Lorde Merlim falhar, Uther de Dumnônia, morreremos todos.

Levantaram-se murmúrios por todo o salão. Sansum e os cristãos começaram a protestar, mas Tewdric, o rei cristão, fez-lhes sinal para que se calassem.

— Essas palavras são de Merlim? — perguntou ele a Nimue.

Nimue encolheu os ombros, como se aquela pergunta fosse irrelevante.

— Não são minhas — respondeu com insolência.

Uther não tinha dúvidas de que Nimue, apenas uma criança a entrar na idade adulta, não falava por si, mas sim pelo seu mestre e, por isso, inclinou-se para a frente e mostrou-lhe um semblante severo.

— Pergunta a Merlim se ele aceita o meu juramento. Pergunta-lhe! Ele protegerá o meu neto?

Nimue fez uma longa pausa. Penso que ela sentiu a verdade da Grã-Bretanha antes de qualquer um de nós, antes mesmo de Merlim e certamente muito antes de Artur, se é que Artur alguma vez conheceu essa verdade. Mas algum instinto não a deixou dizer essa verdade àquele homem velho, teimoso e prestes a morrer.

— Merlim, meu Senhor — disse ela finalmente com uma voz cansada que indicava que cumprira um dever necessário, mas que era perda de tempo — promete neste momento, pela vida da sua alma, que aceitará o juramento de morte para proteger o teu neto.

— Desde que... — Morgana deixou-nos a todos atónitos com a sua interjeição. Pôs-se de pé, com um aspecto atarracado e soturno ao lado de Nimue. A luz do fogo fazia brilhar o seu elmo de ouro.

— Desde que... — gritou de novo e, depois, pôs-se a balançar de um lado para o outro no meio do fumo da braseira como se a sugerir que os Deuses estavam a tomar conta do seu corpo.

— Desde que, diz Merlim, Artur partilhe o juramento. Artur e os seus homens devem ser os protectores do teu neto. Merlim falou! — Ela proferiu aquelas palavras com a dignidade de alguém acostumado a ser oráculo e profetisa, mas eu, e não sei se mais alguém, não ouvi nenhum trovão na noite batida pela chuva.

Gundleus levantou-se, protestando contra a declaração de Morgana. Já tinha suportado que um conselho de seis homens e um trio de ajuramentados fossem impostos ao seu poder, mas agora fora proposto que o seu novo reino suportasse um bando de guerreiros possivelmente inimigos.

— Não — gritou de novo, mas Tewdric ignorou o protesto descendo do estrado para se colocar ao lado de Morgana e encarar o Rei Supremo. Assim, ficou claro para a maior parte dos presentes que Morgana, mesmo

que tivesse falado pela voz de Merlim, dissera o que Tewdric queria que ela dissesse. O rei Tewdric de Gwent podia ser um bom cristão, mas era melhor político e sabia exactamente quando ter os velhos Deuses a apoiar os seus pedidos.

— Artur ap Neb e os seus guerreiros — disse Tewdric ao Rei Supremo — representarão uma maior segurança para a vida do teu neto do que qualquer juramento meu, ainda que, e Deus sabe-o, o meu juramento seja solene.

O príncipe Gereint, sobrinho de Uther e, depois de Owain, o segundo mais poderoso senhor da guerra de Dumnónia, podia protestar contra a nomeação de Artur, mas o Senhor das Pedras era um homem honesto de ambição limitada que duvidava da sua habilidade para chefiar todos os exércitos de Dumnónia. Por isso, ficou de pé ao lado de Tewdric e deu-lhe também o seu apoio. Owain, chefe da Guarda Real de Uther e campeão do Rei Supremo, parecia menos satisfeito com a nomeação de um rival, mas, mesmo assim, também ele se pôs ao lado de Tewdric e rosnou o seu assentimento.

Uther ainda hesitava. Três era um número da sorte e três ajuramentados deviam chegar; acrescentar um quarto podia desagradar aos Deuses, mas Uther devia um favor a Tewdric por ter rejeitado a sua proposta de Artur para marido de Norwenna e, nesse momento, o Rei Supremo pagava a sua dívida.

— Artur deve aceitar o juramento — concordou, e só os Deuses sabiam como foi duro para ele nomear assim o homem que acreditava ter sido o responsável pela morte do seu amado filho, mas nomeou-o e todo o salão aclamou. Apenas os silurianos de Gundleus ficaram em silêncio enquanto as lanças estilhaçavam o pavimento e os vivas dos guerreiros ecoavam na escuridão fumarenta e cavernosa.

E, assim, chegado ao fim o Conselho Supremo, Artur, filho de ninguém, foi escolhido para ser um dos protectores ajuramentados de Mordred.

Norwenna e Gundleus casaram duas semanas após o Conselho Supremo ter terminado. A cerimónia teve lugar numa capela cristã em Abona, uma cidade portuária na nossa costa norte junto ao mar Severn, em frente a Silúria, e não pode ter sido uma ocasião especial pois Norwenna regressou a Ynys Wydryn nessa mesma noite. Ninguém do Tor esteve presente na cerimónia, apesar de alguns monges de Ynys Wydryn e as respectivas mulheres terem acompanhado a princesa. Voltou para nós como rainha Norwenna da Silúria, se bem que essa honra não lhe trouxesse nem novos guardas nem mais aias. Gundleus fez-se de novo ao mar rumo ao seu próprio país onde, segundo ouvimos, havia escaramuças contra Ui Liatháin, o Blackshield irlandês que colonizara o antigo reino britânico de Dyfed que os Blackshields chamavam Demétia.

Termos uma rainha entre nós não alterou em quase nada a nossa vida. Podia parecer que nós, os do Tor, comparados com as gentes do sopé do monte, não tínhamos nada para fazer, mas ainda tínhamos os nossos deveres. Cortávamos feno e espalhávamo-lo em camadas para secar, acabávamos de tosquiar as ovelhas e colocávamos o linho acabado de cortar em tanques de maceração malcheirosos para fazer o linho propriamente dito. Todas as mulheres de Ynys Wydryn tinham roca e fuso onde fiavam a lã recém-tosquiada e apenas a rainha, Morgana e Nimue eram poupadas a esta interminável tarefa. Druidan capava porcos, Pellinore comandava exércitos imaginários e Hywel, o administrador, preparava as suas varas para marcar e contabilizar as rendas de Verão. Merlim não regressou a Avalon, nem recebemos notícias dele. Uther descansava no seu palácio em Durnovária, enquanto Mordred, o seu herdeiro, crescia sob os cuidados de Morgana e Guendoloen.

Artur estava na Armórica. Disseram-nos que, acabaria por vir para Dumnónia, mas só depois de cumprir o seu dever para com Ban, cujo reino de Benoic era vizinho de Broceliande, o reino do rei Budic que era casado com Anna, irmã de Artur. Aqueles reinos da Bretanha eram um mistério para nós, pois ninguém de Ynys Wydryn tinha jamais atravessado o mar para explorar os lugares onde tantos bretões se tinham refugiado dos Saxões. Sabíamos que Artur era o senhor da guerra de Ban e que tinha devastado o país a ocidente de Benoic para não dar tréguas ao inimigo, pois as nossas noites de Inverno eram animadas pelas histórias das proezas de

Artur contadas pelos viajantes, tal como eles ficavam roídos de inveja com as histórias do rei Ban. O rei de Benoit era casado com uma rainha chamada Elaine e ambos construíram um reino espantoso onde a justiça era rápida e certa e onde, em tempo de Inverno, até mesmo o servo mais pobre era alimentado com produtos dos armazéns reais. Tudo parecia bom de mais para ser verdade. Mas, mais tarde, eu visitei o reino de Ban e descobri que as histórias não eram exageradas. Ban edificara a sua capital numa ilha-fortaleza, Ynys Trebes, famosa pelos seus bardos. O rei esbanjava afecto e dinheiro na cidade que tinha a reputação de ser mais bonita do que a própria Roma. Dizia-se que havia nascentes de água em Ynys Trebes a partir das quais Ban mandou fazer canais e diques para que todos os chefes de família tivessem água limpa não muito longe da porta, as balanças dos mercadores eram testadas para haver exactidão, o palácio do rei estava dia e noite aberto para alguém que viesse em busca da reparação de alguma injustiça, e todas as religiões foram ordenadas a viver em paz ou então os seus templos e igrejas seriam destruídos e transformados em pó. Ynys Trebes era um refúgio de paz, mas apenas enquanto os soldados de Ban mantivessem o inimigo afastado das suas muralhas. E essa era a razão pela qual o rei Ban se mostrava tão relutante em deixar Artur partir para a Grã-Bretanha. E talvez Artur também não quisesse vir para Dumnonia enquanto Uther fosse vivo.

Em Dumnonia aquele Verão foi ditoso. Juntámos o feno seco em grandes medas que erguemos sobre grossas camadas de fetos que impediriam a humidade de subir e manteriam as ratazanas em apuros. O centeio e a cevada amadureceram nos campos que cobriam toda a terra entre os charcos de Avalon e Caer Cadarn, as maçãs cresciam bastas nos pomares de leste, enquanto as enguias e os lúcius engordavam nos nossos lagos e enseadas. Não houve epidemias nem lobos e foram poucos os saxões. De vez em quando viam-se piras de fumo distantes no horizonte a Sudeste e supunha-se que um ataque de piratas saxões apoiado por barcos tinha incendiado alguma aldeia, mas depois do terceiro fogo o príncipe Gereint conduziu um grupo guerreiro para vingar Dumnonia e os ataques pararam. O chefe saxão até pagou o seu tributo pontualmente, apesar daquele ter sido o último tributo que recebemos de um saxão em mais de um ano e sem dúvida que a maior parte desse pagamento fora pilhado das aldeias das nossas próprias fronteiras. Mesmo assim esse Verão foi um bom período e, diziam os homens, Artur morreria de tédio se trouxesse os seus famosos soldados a cavalo para a pacífica Dumnonia. Até Powys estava calma. O rei Gorfyddyd perdera a aliança da Silúria, mas em vez de se virar contra Gundleus ignorou o casamento dumnoniano e concentrou as suas lanças contra os Saxões que ameaçavam o seu território a Norte. Gwynedd, o reino a norte de Powys, estava enredado com os terríveis soldados irlandeses de Diwrnach de Lleyn, mas

em Dumnónia, o mais abençoado dos reinos da Grã-Bretanha, havia paz e céus cálidos.

No entanto, foi nesse Verão, nesse idílico Verão quente que matei o meu primeiro inimigo e me tornei, assim, um homem.

É que a paz não dura para sempre e a nossa foi quebrada da forma mais cruel. Uther, o Rei Supremo e Pendragon da Grã-Bretanha, morreu. Nós sabíamos que ele estava doente, sabíamos que em breve morreria, até sabíamos que ele fizera tudo o que pudera para preparar a sua própria morte, no entanto, ainda, pensávamos que esse momento nunca chegaria. Ele fora rei durante tanto tempo e sob o seu governo Dumnónia prosperara; parecera-nos que nada mudaria. Mas eis que mesmo antes das colheitas, o Pendragon morreu. Nimue disse que ouviu o grito de uma lebre ao Sol do meio-dia no preciso momento da morte, enquanto Morgana, privada do pai, se fechou na sua cabana e chorou como uma criança.

O corpo de Uther foi cremado à maneira antiga. Bedwin preferia dar ao Rei Supremo um enterro cristão, mas o resto do conselho recusou aprovar tal sacrilégio e, por isso, o seu corpo inchado foi colocado numa pira funerária no cume de Caer Maes e aí incendiado. A sua espada foi derretida pelo ferreiro Ystrwth e o aço derretido foi lançado num lago para que Gofannon, o Deus ferreiro do Outro Mundo, pudesse de novo forjar a espada para a alma renascida de Uther. O metal ardente sibilava ao bater na água e o vapor pairava em nuvem espessa enquanto as videntes se inclinavam sobre o lago para predizer o futuro do reino através das tortuosas formas adoptadas pelo metal ao arrefecer. Deram boas notícias, mas apesar disso o bispo Bedwin foi cuidadoso ao mandar os seus mais velozes mensageiros para Sul até à Armórica para convocarem Artur e homens mais lentos para Norte até à Silúria, para dizerem a Gundleus que o reino do seu enteado estava agora a precisar do seu protector oficial.

A pira funerária de Uther ardeu durante três noites. Só depois se permitiu que as chamas morressem, um processo acelerado por uma poderosa tempestade que varreu a terra vinda do mar Ocidental. No céu amontoaram-se grandes nuvens, os relâmpagos devastaram a terra do homem morto e chuvas pesadas castigaram as amplas colheitas que cresciam. Em Ynys Wydryn escondemo-nos nas cabanas a ouvir a chuva barulhenta e os trovões a retumbar e a ver a água que caía em cascatas dos telhados de colmo. Foi durante essa tempestade que o mensageiro do bispo Bedwin trouxe a Mordred o estandarte maior com o dragão do reino. O mensageiro teve de gritar como um louco para atrair a atenção de alguém do lado de dentro da paliçada, mas finalmente Hywel e eu abrimos o portão e assim que a tempestade passou e o vento amainou colocámos a bandeira em frente à casa de Merlim como sinal de que Mordred era agora rei de Dumnónia. O bebé

não era o Rei Supremo, claro, pois essa era uma honra apenas concedida a um rei reconhecido por outros reis como estando acima de todos eles, nem era o Pendragon pois esse título pertencia apenas a um Rei Supremo que tivesse ganho a sua posição durante uma batalha. Na realidade, Mordred ainda nem era o verdadeiro rei de Dumnónia, nem o seria até ser levado até Caer Cadarn e aí proclamado rei com a espada, entre vivas, sobre a pedra real do reino, mas era o dono do estandarte e, por isso, o dragão vermelho tremulava ao vento em frente à casa de Merlim.

O estandarte era um quadrado de linho branco que, tanto de altura como de largura, tinha o tamanho da lança de um guerreiro. Mantinha-se esticado entre ramos de salgueiro enfiados nas bainhas e presos a um bastão de elmo coroadado com a figura dourada de um dragão. O dragão bordado no estandarte era feito de lã vermelha que com a chuva desbotou, manchando o linho de cor-de-rosa. A chegada do estandarte foi seguida, alguns dias depois, pela Guarda do Rei, cem homens chefiados por Owain, o campeão, cuja tarefa era proteger Mordred, rei de Dumnónia. Owain trouxe a sugestão do bispo Bedwin de que Norwenna e Mordred se deviam mudar para Sul, para Durnovária, uma sugestão que Norwenna aceitou avidamente, pois preferia criar o filho numa comunidade cristã em vez de no ambiente evidentemente pagão do Tor, mas antes que se pudessem fazer os preparativos chegaram más notícias do norte do país. Gorfyddyd de Powys, sabendo da notícia da morte do Rei Supremo, mandara os seus lanceiros atacar Gwent e os homens de Powys andavam agora a queimar, a pilhar e a capturar pessoas mesmo no interior do território de Tewdric. Agrícola, o comandante romano de Tewdric, respondia aos ataques, mas os saxões traiçoeiros, sem dúvida aliados a Gorfyddyd, trouxeram os seus próprios grupos guerreiros para Gwent e, de repente, o nosso velho aliado viu-se a lutar pela própria existência do seu reino. Owain, devia escoltar Norwenna e o menino até Durnovária, mas em vez disso levou os seus guerreiros para norte para ajudar o rei Tewdric. Ligessac, que era mais uma vez o comandante da guarda de Mordred, insistiu que o menino estaria mais seguro por detrás da ponte de terra de Ynys Wydryn facilmente defendida do que em Caer Cadarn ou Durnovária, e assim Norwenna permaneceu relutantemente no Tor.

Retivemos o fôlego para ver que lado Gundleus da Silúria escolheria e a resposta não se fez tardar. Lutaria por Tewdric contra o seu antigo aliado Gorfyddyd. Gundleus mandou uma mensagem a Norwenna dizendo que as suas tropas atravessariam a montanha para atacar os homens de Gorfyddyd pela retaguarda e que assim que os grupos guerreiros de Powys fossem vencidos ele viria para Sul para proteger a sua noiva e o seu real filho.

Aguardámos notícias, observando os montes distantes dia e noite, em

busca de sinais que nos diriam se houvera algum desastre ou se os inimigos se estavam a aproximar. No entanto, e apesar das incertezas da guerra, aqueles foram dias felizes. O Sol curava a terra fustigada pela tempestade e secava os cereais, enquanto Norwenna, mesmo estando presa no Tor pagão, parecia mais confiante agora que o seu filho era rei. Mordred foi sempre uma criança terrível, de cabelo ruivo e um coração teimoso, mas naqueles dias amenos ele parecia bem feliz quando brincava com a mãe ou com Ralla, a sua ama de leite e o seu filho de cabelo negro. O marido de Ralla, Gwlyddyn, o carpinteiro, fez para Mordred um conjunto de animais: patos, porcos, vacas e veados, e o rei adorava brincar com eles mesmo sendo ainda muito novo para saber o que eram. Norwenna estava feliz quando o filho estava feliz. Eu costumava vê-la a fazer cócegas a Mordred para o fazer rir, a embalá-lo quando ele se magoava e a dar-lhe sempre o seu amor. Ela chamava-o o seu pequenino rei, o seu mais-que-tudo, o seu milagre e Mordred ria-se e aquecia o coração infeliz da mãe. Ele gatinhava nu ao sol e todos podíamos ver como o seu pé esquerdo estava deformado e crescia virado para dentro como um punho fechado, mas tirando isso ele crescia forte com o leite de Ralla e o amor da sua mãe. Foi baptizado na igreja de pedra ao lado do Espinheiro Sagrado.

Chegaram notícias da guerra e eram boas. O príncipe Gereint tinha dizimado um grupo guerreiro saxão na fronteira leste de Dumnónia, enquanto mais ao norte Tewdric destruíra uma outra força de assaltantes saxões. Agrícola, chefiando o resto do exército de Gwent e aliado a Owain de Dumnónia rechaçara os invasores de Gorfyddyd de novo para os montes de Powys. Depois veio um mensageiro de Gundleus que disse que Gorfyddyd de Powys queria a paz e o mensageiro atirou duas espadas capturadas powysianas aos pés de Norwenna como sinal da vitória do seu marido. E o melhor, informou o homem, é que Gundleus de Silúria vinha agora para Sul para vir buscar a sua noiva e o seu precioso filho. Gundleus dizia que era tempo de Mordred ser proclamado rei em Caer Cadarn. Nada podia ser mais doce aos ouvidos de Norwenna e, na sua alegria, deu ao mensageiro uma grossa pulseira de ouro antes de o mandar para Sul, para levar a mensagem do seu marido a Bedwin e ao conselho.

— Diz a Bedwin — ordenou ela ao mensageiro — que devemos aclamar Mordred antes das colheitas. Que Deus dê asas ao teu cavalo!

O mensageiro cavalgou para Sul e Norwenna começou a preparar-se para a cerimónia de aclamação em Caer Cadarn. Ordenou aos monges do Espinheiro Sagrado para se prepararem para viajar com ela, embora tivesse terminantemente proibido Morgana e Nimue de comparecerem porque, como ela própria afirmou, daquele dia em diante Dumnónia seria um reino cristão e as bruxas pagãs seriam afastadas do trono de seu filho. A vitória

de Gundleus animara Norwenna, encorajando-a a exercer uma autoridade que Uther nunca lhe teria permitido.

Esperámos que Morgana e Nimue protestassem contra a sua exclusão da cerimónia de aclamação, mas ambas aceitaram a proibição com uma calma surpreendente. Na realidade Morgana apenas encolheu os ombros negros, embora nessa noite levasse um caldeirão de bronze para os aposentos de Merlim e aí se isolasse com Nimue. Norwenna, que convidara o monge principal do Espinheiro Sagrado e a sua mulher para jantar no Tor, comentou que as bruxas estavam a preparar o mal e todos os presentes na sala se riram. Os cristãos sentiam-se vitoriosos.

Eu não estava certo da sua vitória. Nimue e Morgana não gostavam uma da outra, mas agora estavam fechadas juntas e eu suspeitava de que só um assunto da mais extrema gravidade podia provocar tal reconciliação. Mas Norwenna não tinha dúvidas. A morte de Uther e a vitória do seu marido traziam-lhe uma liberdade abençoada e em breve deixaria o Tor e assumiria o seu lugar de direito como mãe do rei numa corte cristã onde o seu filho cresceria à imagem de Cristo. Nunca estivera tão feliz como estava nessa noite em que governava de forma suprema: uma cristã dentro da casa pagã de Merlim.

Mas, entretanto, Morgana e Nimue reapareceram.

Fez-se silêncio na sala quando as duas mulheres se dirigiram à cadeira de Norwenna, junto à qual, com a devida humildade, elas se ajoelharam. O monge, um homem pequeno, mas de ar severo e barba eriçada, que fora curtidor antes de se converter a Cristo e que ainda tresandava a excremento de animal, de que precisava na sua antiga actividade, perguntou ao que vinham. A mulher dele defendeu-se do mal fazendo o sinal da cruz, apesar de também cuspir, para jogar pelo seguro.

Morgana respondeu ao monge de trás da sua máscara de ouro. Falou com uma deferência não usual, dizendo que o mensageiro de Gundleus mentira. Morgana continuou dizendo que ela e Nimue tinham espreitado para o caldeirão e tinham visto a verdade reflectida no espelho de água. Não havia vitória nenhuma no Norte nem nenhuma derrota, mas Morgana avisou que o inimigo estava mais próximo de Ynys Wydryn do que algum de nós podia imaginar e que todos devíamos estar prontos para deixar o Tor ao amanhecer e procurar segurança no interior de Dumnónia. Morgana falou calma e profundamente e quando terminou fez uma vénia à rainha e depois inclinou-se desajeitadamente para a frente para beijar a bainha do vestido azul de Norwenna.

Norwenna agarrou no vestido e afastou-o. Ouvira em silêncio a severa profecia, mas depois começou a chorar e com as lágrimas repentinas veio a cólera.

— Não passas de uma bruxa estropiada — gritou para Morgana — e queres que o teu irmão bastardo seja rei. Isso não acontecerá! Ouviste? Isso não vai acontecer. O meu menino é o rei!

— Senhora — Nimue tentou intervir, mas foi imediatamente interrompida.

— Tu não és nada! — Norwenna virou-se furiosa para Nimue. — Não passas de uma filha do diabo, histérica e perversa. Rogaste uma praga ao meu filho! Sei que rogaste! Ele nasceu com o pé torto porque tu assististe ao nascimento. Oh, meu Deus! O meu filho!

Ela gritava, chorava e batia com os punhos na mesa enquanto lançava todo o seu ódio sobre Nimue e Morgana.

— Agora, saiam! As duas! Saiam!

Fez-se silêncio na sala, quando Nimue e Morgana saíram para a noite.

E na manhã seguinte parecia que Norwenna estava certa, pois não havia sinais de fogo nos montes a norte. Na verdade, era o mais bonito dia daquele bonito Verão. A terra estava pesada com o aproximar das colheitas, os montes cobertos pelo calor sonolento e o céu quase sem nuvens. Centáureas azuis e papoilas cresciam nos matagais de espinheiros no sopé do Tor e as borboletas brancas deslocavam-se suavemente com as correntes de ar quente que subiam as nossas encostas verdejantes. Norwenna, absorta da beleza do dia, entoou as suas orações matinais com os monges visitantes e, depois, decretou que se mudaria do Tor e esperaria a chegada do marido nos aposentos dos peregrinos na capela do Espinheiro Sagrado.

— Vivi tempo de mais no meio do mal — anunciou de modo imponente, ao mesmo tempo que o guarda da muralha de leste gritava um aviso.

— Cavaleiros! — gritou o guarda. — Cavaleiros!

Norwenna correu para a cerca onde se juntava uma multidão para ver um grande número de homens armados a atravessar a ponte de terra que fazia a ligação entre a estrada romana e os montes verdejantes de Ynys Wydryn. Ligessac, comandante da guarda de Mordred, parecia saber quem estava a chegar, pois deu ordens aos seus homens para que deixassem entrar os cavaleiros pela muralha de terra. Os cavaleiros entraram pelo portão da muralha e dirigiram-se para nós atrás de um brilhante estandarte que mostrava a divisa vermelha da raposa. Era o próprio Gundleus e Norwenna riu de alegria ao ver o marido cavalgar vitorioso da guerra, com o despontar de um novo reino cristão a brilhar na ponta da sua lança.

— Vês! — ela virou-se para Morgana. — Vês, o teu caldeirão mentiu. Há mesmo vitória!

Mordred começou a chorar com toda aquela agitação e Norwenna ordenou bruscamente que o entregassem a Ralla. Em seguida mandou buscar

a sua melhor capa e que lhe fosse colocado o aro de ouro na cabeça, e assim, vestida como uma rainha, ficou à espera do seu rei em frente à porta da casa de Merlim.

Ligessac abriu o portão do Tor. A decrepita guarda de Druidan formou uma linha bastante torta enquanto o pobre Pellinore, completamente doido, guinchava na sua jaula à espera de notícias. Nimue correu para os aposentos de Merlim enquanto eu fui buscar Hywel, o administrador de Merlim, que eu sabia ia querer dar as boas-vindas ao rei.

Os vinte cavaleiros silurianos desmontaram no sopé do Tor. Vinham da guerra e, por isso, traziam lanças, escudos e espadas. Hywel, só com uma perna, apoiado na sua própria grande espada, franziu as sobrancelhas quando viu que o druida Tanaburs fazia parte do grupo siluriano.

— Pensei que Gundleus tinha abandonado a velha fé! — disse o administrador.

— E eu pensei que ele tinha abandonado Ladwys! — resmungou Gudovan, o escriba, que depois apontou com o queixo para os cavaleiros que tinham começado a subir o estreito e íngreme caminho do Tor. — Vês? — disse Gudovan, e havia mesmo uma mulher entre os homens com armaduras de couro. A mulher estava vestida de homem, mas trazia soltos os longos cabelos negros. Trazia uma espada, mas não trazia escudo e Gudovan soltou uma risada abafada ao vê-la. — A nossa rainha vai ter a sua tarefa reduzida competindo com este diabinho de Satã.

— Quem é Satã? — perguntei e Gudovan deu-me uma sapatada na cabeça por fazê-lo perder tempo com perguntas estúpidas.

Hywel tinha o semblante carregado e a mão apertava os copos da espada enquanto os guerreiros silurianos se aproximavam dos últimos degraus íngremes que conduziam ao portão onde os nossos guardas tão diferentes uns dos outros esperavam em duas filas irregulares. Depois o instinto de Hywel, ainda tão aguçado como quando ele era guerreiro, acendeu-lhe o receio.

— Ligessac! — gritou ele. — Fecha o portão! Fecha-o! Já!

Mas, em vez disso Ligessac puxou da espada. Depois voltou-se e pôs a mão no ouvido como se não tivesse ouvido bem Hywel.

— Fecha o portão! — gritou Hywel.

Um dos homens de Ligessac moveu-se para obedecer à ordem, mas Ligessac impediu o homem e olhou para Norwenna à espera de ordens.

Norwenna virou-se para Hywel lançando-lhe um olhar carregado e mostrando o seu descontentamento pela ordem dada.

— É o meu marido que está a chegar — disse ela — não um inimigo. — Olhou de novo para Ligessac. — Deixa o portão aberto — ordenou autoritariamente, e Ligessac fez uma vénia obedecendo.

Hywel praguejou e, depois, desceu desajeitadamente da muralha e foi aos saltos e apoiando-se na muleta até à cabana de Morgana enquanto eu me limitei a olhar para o portão vazio e iluminado pelo sol, imaginando o que iria acontecer. Hywel sentira algo de anormal no ar de Verão, mas como, nunca o descobri.

Gundleus chegou ao portão aberto. Cuspiu na soleira, depois sorriu para Norwenna que o esperava a alguns passos do portão. Ela levantou os braços rechonchudos para saudar o seu Senhor que estava a transpirar e sem fôlego, e não admirava, pois tinha subido o íngreme Tor vestido com todo o seu equipamento de guerra. Envergava uma couraça de couro, polainas almofadadas, botas, um elmo de ferro ornamentado com uma cauda de raposa e uma grossa capa vermelha à volta dos ombros. Trazia o escudo com o brasão da raposa do lado esquerdo, a espada à ilharga e uma pesada lança de combate na mão direita. Ligessac ajoelhou-se e ofereceu ao rei os copos da sua espada desembainhada e Gundleus deu um passo em frente para tocar o punho da espada com a mão coberta com uma luva de couro.

Hywel tinha ido à cabana de Morgana, mas nesse preciso momento Sebile saiu a correr da cabana segurando Mordred nos braços. Sebile? Não era Ralla? Fiquei baralhado, e Norwenna também deve ter ficado baralhada quando a escrava saxónica correu para o lado dela com o pequeno Mordred envolvido no seu rico vestido de tecido dourado. Norwenna, porém, não teve tempo para interrogar Sebile, pois Gundleus caminhava agora a passos largos para ela.

— Ofereço-te a minha espada, querida rainha! — disse ele numa voz sonora, e Norwenna sorriu, feliz, talvez porque ainda não tivesse reparado nem em Tanaburs nem em Ladwys que entraram pelo portão aberto de Merlim juntamente com os guerreiros de Gundleus.

Gundleus enterrou a lança na erva e desembainhou a espada, mas em vez de a oferecer a Norwenna com os copos virados para ela, elevou a ponta da lâmina afiada até ao seu rosto. Norwenna, sem saber o que fazer, tentou tocar na ponta brilhante da espada.

— Alegro-me com o vosso regresso, meu Senhor — disse ela respeitosamente e, depois, ajoelhou-se aos pés dele como mandava a tradição.

— Beija a espada que defenderá o reino do teu filho — ordenou Gundleus, e Norwenna inclinou-se acanhadamente para a frente para tocar o aço oferecido com os seus lábios finos.

Beijou a espada como lhe tinha sido ordenado, e assim que os seus lábios tocaram o aço cinzento Gundleus enterrou a lança bem fundo. Ele ria-se enquanto matava a noiva, ria-se enquanto fazia a espada deslizar pelo queixo dela e penetrar na cavidade da garganta e continuava a rir-se enquanto empurrava a longa lâmina, atravessando a resistência sufocan-

te do seu corpo contorcido. Norwenna não teve tempo de gritar nem voz para gritar quando a lâmina lhe rasgou a garganta e se enterrou no coração. Gundleus grunhia enquanto enterrava a espada. Atirara o pesado escudo de guerra para o chão para ter as duas mãos enluvadas livres para empurrar a espada para baixo, torcendo a lâmina. Havia sangue na espada, sangue na erva, sangue na capa azul da rainha moribunda e ainda mais sangue quando Gundleus puxou brusca e violentamente a longa lâmina. O corpo de Norwenna, privado do apoio da espada, tombou para o lado, estremeceu por alguns segundos e depois ficou completamente imóvel.

Sebile deixou cair a criança e fugiu a gritar. Mordred chorava alto, mas a espada de Gundleus cortou abruptamente o choro do bebê. Apunhalou-o apenas uma vez com a lâmina vermelha de sangue e rapidamente o tecido vermelho ficou totalmente manchado de escarlate. Tanto sangue de uma criança tão pequena.

Aconteceu tudo tão depressa. Gudovan, ao meu lado, estava de boca aberta, sem poder acreditar no que via, enquanto Ladwys, que era uma bela mulher alta, de longos cabelos, olhos negros e um rosto nitidamente arrogante, se ria com a vitória do seu amante. Tanaburs, com um olho fechado e uma mão levantada para o céu, saltava numa perna só, sinais de que estava em comunhão sagrada com os Deuses enquanto lançava os seus feitiços da morte. Os guardas de Gundleus espalhavam-se por todo o lado com as lanças na horizontal para transformar esses feitiços da morte em realidade. Ligessac juntara-se aos soldados silurianos e ajudava os lanceiros a massacrar os seus próprios homens. Alguns dumnonianos tentaram lutar, mas tinham sido mobilizados para respeitar Gundleus e não para se oporem a ele e, por isso, os lanceiros silurianos acabaram rapidamente com os guardas de Mordred e ainda mais rapidamente com os miseráveis soldados de Druidan. Pela primeira vez na minha vida adulta vi homens a morrer nas pontas das lanças e ouvi os gritos terríveis dados por um homem quando a sua alma é mandada por uma lança para o Outro Mundo.

Durante alguns segundos fiquei sem saber o que fazer, completamente em pânico. Norwenna e Mordred estavam mortos, o Tor gritava e o inimigo corria em direcção à casa e à Torre de Merlim. Morgana e Hywel apareceram ao lado da torre, mas enquanto Hywel saltou para a frente empunhando a espada, Morgana fugiu pelo portão que dava para o mar. Uma multidão de mulheres, crianças e escravos fugiram com ela; um enorme e aterrorizado grupo de pessoas que Gundleus pareceu contente em deixar escapar. Ralla, Sebile e os deformados guardas de Druidan que conseguiram evitar os cruéis guerreiros silurianos também fugiram com eles. Pellinore, completamente nu, saltava na sua jaula dando gargalhadas e delirando com todo aquele horror.

Eu saltei das muralhas e corri para a casa. Não era a coragem que me levava a fazê-lo, era o amor que sentia por Nimue. Queria ter a certeza de que ela estava a salvo antes de eu próprio fugir do Tor. Os guardas de Ligessac estavam mortos e os homens de Gundleus começavam a pilhar as cabanas quando eu passei pela porta e corri em direcção aos aposentos de Merlim. Porém, antes de conseguir chegar à pequena porta preta tropecei no cabo de uma lança, caí pesadamente no chão e, depois, uma pequena mão agarrou-me pelo colarinho e, com uma força impressionante, arrastou-me para o meu antigo esconderijo, por detrás dos cestos com os panos para as festas.

— Não a podes ajudar, seu tolo — disse a voz de Druidan ao meu ouvido. — Agora, fica calado e quieto!

Passados alguns segundos, Gundleus e Tanaburs entraram na sala e eu nada mais podia fazer senão ver o rei, o seu druida e três homens com um elmo a encaminharem-se para a porta de Merlim. Sabia o que ia acontecer e não o podia evitar, pois Druidan tapou-me a boca com a sua pequena, mas pesada, mão para que eu não gritasse. Duvidava que Druidan tivesse corrido para a casa para salvar Nimue. Provavelmente tinha vindo para deitar a mão a todo o ouro que pudesse antes de fugir com o resto dos seus homens, mas a sua presença tinha, pelo menos, salvado a minha vida. Mas não salvou Nimue.

Tanaburs deu um pontapé na barreira-fantasma e, depois, empurrou a porta, abrindo-a. Gundleus meteu-se lá dentro, seguido pelos seus lanceiros.

Ouvi Nimue gritar. Não sei se estava a usar truques para defender o quarto de Merlim ou se já tinha abandonado toda a esperança. Mas sei que o orgulho e o poder a fizeram ficar para proteger os segredos do seu mestre e agora estava a pagar por esse orgulho. Ouvi Gundleus a rir-se, depois pouco mais ouvi excepto o som dos silurianos a mexer nas caixas, nos pacotes e nos cestos de Merlim. Nimue choramingava, Gundleus deu um grito de triunfo e, depois, de repente, ouvi Nimue gritar de dor.

— Isto vai ensinar-te a cuspir no meu escudo, rapariga — disse Gundleus a Nimue que soluçava indefesa.

— Já foi violada — disse Druidan ao meu ouvido com um prazer perverso.

Mais lanceiros de Gundleus passaram a correr pela sala e entraram no quarto de Merlim. Druidan tinha aberto um buraco na parede de vimes com a sua lança e agora ordenava-me que passasse pelo buraco e o seguisse pelo monte abaixo, mas eu não iria enquanto Nimue ainda vivesse.

— Não tarda nada vão remexer nestes cestos — avisou-me o anão, mas mesmo assim eu disse que não ia com ele.

— És ainda mais tolo do que eu pensava, rapaz — disse Druidan.

Depois passou pelo buraco e desatou a correr na direcção de um espaço escondido entre uma cabana e uma capoeira.

Eu fui salvo por Ligessac. Não por ele me ter visto, mas porque disse aos silurianos que não havia nada nos cestos que me escondiam excepto panos para banquetes.

— Todo o tesouro está lá dentro — disse ele aos seus novos aliados, e eu encolhi-me, não me atrevendo a mexer, enquanto os soldados vitoriosos de Gundleus saqueavam os aposentos de Merlim. Só os Deuses sabem o que eles encontraram: peles de homens mortos, ossos velhos, feitiçarias novas e antigos dardos de gnomos, mas que constituíam um precioso tesouro. E só os Deuses sabiam o que eles tinham feito a Nimue, pois ela nunca o diria, embora nem precisasse. Fizeram o que os soldados sempre fazem às mulheres que capturam e, quando terminaram, deixaram-na a sangrar e meio louca.

Deixaram-na também para morrer, pois após terem saqueado o quarto do tesouro e o terem encontrado cheio de porcarias bolorentas e apenas um pouco de ouro, agarraram num tição da lareira e atiraram-no para os cestos partidos. O fumo começou a sair por debaixo da porta. Atiraram outro tição a arder para os cestos onde eu estava escondido, depois os homens de Gundleus fugiram dali para fora. Alguns levavam ouro, outros tinham encontrado alguns objectos de prata, mas a maioria fugiu com as mãos vazias. Quando o último homem saiu, tapei a boca com uma ponta do meu colete de couro e corri por entre a fumarada sufocante para a porta de Merlim, e encontrei Nimue mesmo dentro do quarto.

— Anda — disse-lhe desesperado.

O ar estava cheio de fumo enquanto as chamas consumiam selvaticamente os cestos onde havia gatos a gritar e morcegos a esvoaçar dum lado para o outro em pânico.

Nimue não se mexia. Estava deitada de barriga para baixo, com as mãos a cobrir o rosto, nua e cheia de sangue nas pernas. Estava a chorar.

Corri para a porta que levava à Torre de Merlim, pensando que podíamos fugir por ali, mas quando abri a porta vi que nas paredes não havia nenhuma porta nem nenhuma janela. Também descobri que a torre, longe de ser uma sala do tesouro, estava praticamente vazia. O chão era de terra completamente vazio, as paredes de vimes e não tinha telhado. Era um aposento aberto para o céu, mas a metade da altura daquele funil, apoiada num par de vigas e para onde se subia por uma resistente escada, havia uma plataforma que o fumo obscurecia rapidamente. A torre era um aposento dos sonhos, um lugar sagrado onde chegariam em forma de eco os murmúrios dos Deuses. Olhei para a plataforma dos sonhos durante um segundo, mas

logo apareceu mais fumo por trás de mim, subindo pela torre dos sonhos e eu corri outra vez para onde estava Nimue, agarrei na capa preta dela que estava em cima da cama em desalinho e enrolei o tecido de lã à volta dela como se fosse um animal ferido. Agarrei nas pontas da capa e, segurando o seu pequeno corpo como se fosse uma trouxa, atravessei com muito esforço o quarto dirigindo-me para a porta que parecia tão distante. O fogo rugia, com as labaredas esfomeadas a regalar-se com a madeira seca e eu sentia os olhos a chorar e os pulmões inflamados pelo fumo cerrado que se espalhava até à porta principal dos aposentos. Por isso arrastei Nimue com o corpo a bater no chão de terra atrás de mim, até onde Druidan tinha feito o buraco na parede. O meu coração batia forte por causa do terror que sentia quando espreitei pelo buraco da parede, mas não vi nenhum inimigo. Alarguei mais o buraco a pontapé, dobrando os ramos de salgueiro e partindo pedaços da cobertura de estuque e, depois, fiz um esforço sobre-humano para passar pelo buraco arrastando Nimue atrás de mim. Ela protestou quase sem se ouvir, quando a puxei bruscamente pelo tosco buraco, mas o ar fresco pareceu fazê-la voltar à vida, pois, finalmente fez um esforço para se recompor. Foi então que eu vi, quando ela tirou as mãos do rosto, porque é que o seu último grito fora tão terrível. Gundleus arrancara-lhe um dos olhos. A cavidade do olho era um poço de sangue sobre o qual ela colocou de novo a mão ensanguentada. A luta para passar no buraco defeituoso deixara-a nua. Arranquei, por isso, a capa que ficara presa num ramo quebrado e enrolei-lha à volta dos ombros antes de lhe segurar com força a mão livre e correr para a cabana mais próxima.

Um dos homens de Gundleus viu-nos e, depois, o próprio Gundleus reconheceu Nimue e gritou que a bruxa devia ser atirada viva para as chamas. O grito de perseguição foi ficando cada vez mais alto, transformando-se numa grande algazarra que parecia o som de caçadores a perseguir até à morte um javali ferido, e teríamos certamente sido apanhados se alguns dos outros fugitivos não tivessem rasgado uma abertura na paliçada do lado sul do Tor. Corri para o novo buraco, dando de caras com Hywel, o bom Hywel, que ali jazia morto com a muleta ao lado, com a cabeça cortada e a espada ainda na mão. Arranquei-lhe a espada da mão e continuei a puxar Nimue. Chegámos à íngreme encosta do lado sul e atirámo-nos para o chão, começando os dois a gritar enquanto escorregávamos pela erva em precipício. Nimue estava cega de um olho e completamente enlouquecida pela dor que sentia e eu estava completamente aterrorizado. No entanto, sem saber como, consegui agarrar na espada de guerra de Hywel e ajudar Nimue a levantar-se ao chegarmos ao sopé do Tor. Passámos a correr aos tropeções pelo poço sagrado, pelo pomar dos cristãos, por um matagal de amieiros e descemos até ao local onde eu sabia que estava atracado, ao lado da caba-

na de um pescador, o barco dos pântanos de Hywel. Atirei Nimue para o pequeno barco feito de feixes de juncos, cortei o cabo com a minha nova espada e empurrei o barco afastando-o da plataforma de madeira, só então me apercebendo de que não tinha a vara para guiar o tosco barco pelo complexo labirinto de canais e lagos que compunham o pântano. Usei então a espada. A lâmina de Hywel era uma péssima vara, mas era tudo o que eu tinha, até o primeiro perseguidor de Gundleus chegar à margem de canaviais e, incapaz de nos seguir pela água devido à glutinosa lama do pântano, nos ter atirado a lança.

A lança sibilou ao passar por mim. Durante um segundo não me consegui mexer, trespassado pela visão daquela pesada vara com a sua cabeça brilhante a ser lançada contra nós, mas depois a arma passou ao meu lado enterrando a lâmina na borda de cana do barco. Agarrei na haste da lança que abanava e usei-a como vara para conduzir rapidamente o barco em direcção aos cursos de água. Ali estávamos seguros. Alguns dos homens de Gundleus corriam por um passadiço de madeira paralelo ao curso que seguíamos, mas afastei-me rapidamente deles. Outros saltaram para pequenos botes só para uma pessoa, servindo-se das espadas como remos, mas nenhum bote daquele tipo conseguia igualar em velocidade um barco de juncos, pelo que os deixámos muito para trás. Ligessac lançou uma seta a arder, mas já estávamos fora do alcance dele e o seu míssil mergulhou sem ruído na água escura. Para trás dos nossos perseguidores frustrados, no cimo do verde Tor, as chamas devoravam as cabanas, a casa e a torre, fazendo elevar-se no céu azul de Verão colunas de fumo cinzento.

— Duas chagas — Nimue falou pela primeira vez desde que a tinha arrebatado das chamas.

— O quê? — perguntei, virando-me para ela.

Estava enroscada na proa, com a capa preta enrolada à volta do corpo franzino e com uma mão sobre o olho vazio.

— Já sofri duas Chagas da Sabedoria, Derfel — disse ela numa voz de assombro enlouquecido. — A Chaga do Corpo e a Chaga do Orgulho. Agora tenho de enfrentar a loucura e, então, serei tão sábia como Merlim.

Tentou sorrir, mas havia uma ferocidade histérica na sua voz, o que me fez pensar se ela não estaria já sob o feitiço da loucura.

— Mordred está morto — disse-lhe eu —, assim como Norwenna e Hywel. O Tor está a arder.

Todo o nosso mundo estava a ser destruído. No entanto, Nimue parecia estranhamente inabalável com aquela calamidade. Pelo contrário, ela quase parecia exultar por ter já suportado dois dos três testes da sabedoria.

Passei por uma linha de armadilhas para peixes e, depois, virei para o lago de Lissa, um grande lago escuro na ponta sul dos pântanos. Dirigia-me

para a Aldeia de Ermid, uma aldeola de casebres de madeira onde Ermid, o chefe de uma tribo local, tinha a sua família. Eu sabia que Ermid não estava na povoação, pois tinha ido para Norte com Owain, mas o seu povo ajudar-nos-ia e eu também sabia que o nosso barco chegaria à povoação muito antes dos cavaleiros mais velozes de Gundleus conseguirem contornar, mesmo que a galopar, o lago, os canaviais e os pântanos. Teriam de ir quase até à estrada Fosse, a grande estrada romana que saía do Tor para Leste, antes de contornarem a extremidade leste do lago e galoparem até à Aldeia de Ermid. Por essa altura já nós teríamos fugido para Sul. Eu via outros barcos à minha frente no lago e supus que os fugitivos do Tor estavam a ser levados para um lugar seguro pelos pescadores de Ynys Wydryn.

Contei a Nimue o meu plano de alcançar a Aldeia de Ermid e depois continuar para Sul até ao cair da noite ou até encontrarmos amigos.

— Muito bem — disse ela completamente indiferente, apesar de eu não estar certo de que ela tivesse entendido o que eu dissera. — Meu bom Derfel — acrescentou ela. — Agora sei por que razão os Deuses me fizeram confiar em ti.

— Tu confias em mim — disse eu amargamente, e empurrei a lança até ao fundo do lago lamacento para impelir o barco para a frente — porque eu te amo e isso dá-te poder sobre mim.

— Muito bem — disse ela outra vez, e nada mais disse até o nosso barco de canas deslizar até ao cais de desembarque sombreado pelas árvores, abaixo da paliçada de Ermid, onde, enquanto puxava ainda mais o barco para as sombras do ancoradouro, vi os outros fugitivos do Tor. Estava lá Morgana com Sebile, e também, Ralla que chorava com o seu filho a salvo nos braços ao lado de Gwlyddyn, o marido. Também lá estava Lunete, a rapariga irlandesa que correu a chorar para a margem para ajudar Nimue. Contei a Morgana da morte de Hywel e ela disse que vira Guendoloen, a mulher de Merlim, a ser retalhada por um siluriano. Gudovan estava salvo, mas ninguém sabia o que acontecera ao pobre Pellinore ou a Druidan. Nenhum dos guardas de Norwenna tinha sobrevivido, apesar de uma mão-cheia dos miseráveis soldados de Druidan ter alcançado a segurança incerta da Aldeia de Ermid, tal como três das aias de Norwenna, que não paravam de chorar, e uma dúzia das crianças abandonadas de Merlim.

— Temos de partir imediatamente — disse eu a Morgana. — Eles andam atrás de Nimue.

As servas de Ermid puseram uma ligadura no olho de Nimue e deram-lhe roupa para vestir.

— Não é atrás de Nimue que eles andam, idiota — disse-me Morgana com brusquidão —, mas sim de Mordred.

— Mordred morreu! — protestei, mas Morgana respondeu virando-se

e pegando no bebé que Ralla tinha nos braços. Puxou o tecido castanho do corpo da criança e eu vi o pé torcido.

— Por acaso achas, meu idiota — disse-me Morgana — que eu permitiria que matassem o nosso rei?

Olhei para Ralla e Gwlyddyn, perguntando-me como podiam ter deixado morrer o próprio filho. Foi Gwlyddyn quem respondeu ao meu olhar mudo.

— Ele é um rei — explicou ele simplesmente, apontando para Mordred — ao passo que o nosso menino era apenas o filho de um carpinteiro.

— E não tarda — disse Morgana furiosa — Gundleus vai descobrir que a criança que matou tem os dois pés perfeitos, e, então, vai trazer todos os homens que puder para nos procurar. Vamos para Sul.

Não estávamos em segurança na Aldeia de Ermid. O chefe e os seus guerreiros tinham ido para a guerra, deixando apenas uma mão-cheia de servos e de crianças na aldeola.

Partimos pouco depois do meio-dia, mergulhando nos bosques verdes a sul da povoação de Ermid. Um dos batedores de Ermid conduziu-nos por carreiros estreitos e caminhos secretos. Éramos um grupo de trinta pessoas, a maior parte mulheres e crianças, só com meia dúzia de homens capazes de carregar armas e desses apenas Gwlyddyn já tinha matado homens numa batalha. Os poucos loucos sobreviventes de Druidan não serviriam para nada e eu nunca tinha lutado com fúria, se bem que fosse agora a guardar a retaguarda com a espada de Hywel enfiada no meu cinto de corda e a pesada lança siluriana apertada na mão direita.

Passámos devagar pelos carvalhos e aveleiras. Da Aldeia de Ermid até Caer Cadarn não eram mais do que quatro horas a pé, se bem que nos fosse levar muito mais tempo, pois viajávamos em segredo, por caminhos indirectos e as crianças obrigavam-nos a abrandar. Morgana não dissera que tentaria chegar até Caer Cadarn, mas eu sabia que o santuário real era o seu provável destino, pois lá podíamos encontrar soldados dumnonianos. Mas Gundleus chegara sem dúvida à mesma conclusão e ele estava tão desesperado como nós. Morgana, que possuía uma sagaz capacidade de compreensão da maldade deste mundo, supunha que o rei siluriano estivera a preparar-se para esta guerra desde o Conselho Supremo, esperando apenas a morte de Uther para atacar, aliando-se a Gorfyddyd. Fôramos todos enganados. Considerávamos Gundleus um amigo e, por isso, ninguém tinha mantido guarda nas suas fronteiras e, agora, Gundleus procurava chegar a nada menos do que ao próprio trono de Dumnónia. Mas, disse-nos Morgana, para ele ganhar esse trono precisaria de mais do que um monte de cavaleiros, razão pela qual os seus lanceiros deviam estar a vir apressadamente pela comprida estrada romana que partia da costa norte de

Dumnónia, para se encontrar com o seu rei. Os silurianos andavam à solta pelo nosso país, mas antes de Gundleus estar certo da sua vitória tinha de matar Mordred. Ele tinha de nos encontrar ou então todo o seu audacioso plano falharia.

O grande bosque amortecia os nossos passos. De vez em quando um pombo fazia barulho por entre as folhas das árvores, outras vezes, não muito longe, um pica-pau matraqueava um tronco de árvore. A determinada altura ouviu-se um grande barulho e o som de passadas por entre a vegetação rasteira, ali bem perto. Parámos todos, completamente imóveis, temendo um cavaleiro siluriano, mas era apenas um javali de longas presas que andava por ali aos tropeções, que olhou para nós e depois se foi embora. Mordred chorava e não aceitava o peito de Ralla. Algumas das crianças mais pequenas também choravam de medo e cansaço, mas calaram-se quando Morgana ameaçou transformá-los em sapos fedorentos.

Nimue coxeava à minha frente. Eu sabia que ela estava a sofrer, mas que não se queixaria. Às vezes chorava baixinho e nada do que Lunete dissesse a confortava. Lunete era uma rapariga magra e morena, da mesma idade de Nimue e até parecida com ela na aparência, mas não tinha os conhecimentos de Nimue nem o seu espírito visionário. Nimue conseguia olhar para um regato e vê-lo como a casa dos espíritos da água, enquanto Lunete o veria apenas como um bom lugar para lavar roupa. Algum tempo depois Lunete deixou-se ficar para trás para caminhar a meu lado.

— O que nos vai acontecer agora, Derfel? — perguntou.

— Não sei.

— Será que Merlim vai voltar?

— Espero bem que sim — disse eu. — Ou talvez Artur volte.

Falei com uma esperança fervorosa, mas incrédula, porque o que nós precisávamos era de um milagre. Mas, em vez disso, parecia que estávamos a viver um pesadelo em pleno dia, pois quando, ao fim de duas horas de caminhada, fomos obrigados a sair do bosque para atravessar um ribeiro profundo e sinuoso que corria por entre pastagens salpicadas de flores, vimos mais piras fumegantes no horizonte distante, para leste, embora não soubéssemos se os fogos tinham sido ateados por assaltantes silurianos ou por saxões que podiam estar a tirar vantagem da nossa fraqueza.

Um veado saiu a correr do bosque alguns metros para leste do sítio onde nos encontrávamos.

— Para baixo — sibilou a voz do batedor e todos nos afundámos na erva, na orla do bosque. Ralla obrigou Mordred a mamar para o silenciar e ele retaliou mordendo-a com tanta força que o sangue lhe pingou até à cintura, mas nem ela nem Mordred fizeram barulho quando o cavaleiro que assustara o veado apareceu no limiar do arvoredo. O cavaleiro estava

também a leste, mas muito mais perto do que as piras, tão perto que se podia ver a máscara de raposa no seu escudo redondo. Trazia uma longa lança e uma corneta que fez soar depois de ter estado a olhar durante muito tempo na nossa direcção. Todos tínhamos que aquele sinal significasse que o cavaleiro nos tinha visto e que num instante aparecesse um grande grupo de cavaleiros silurianos, mas quando o homem conduziu de novo o cavalo para o meio das árvores, percebemos que aquele lento sinal da corneta significava que não nos tinha visto. Lá ao longe soou outra corneta e, depois, fez-se silêncio.

Esperámos longos minutos. As abelhas zumbiam por entre os pastos que guarneciam o rio. Todos olhávamos para a linha de árvores, temendo ver mais cavaleiros armados, mas não apareceu nenhum inimigo e, passado algum tempo, o nosso guia disse em surdina que tínhamos de rastejar até ao ribeiro, atravessá-lo e rastejar outra vez até às árvores da margem oposta.

Foi difícil e lenta a deslocação, principalmente para Morgana com a sua perna esquerda torcida, mas pelo menos tivemos a oportunidade de beber água enquanto atravessávamos o ribeiro, chapinhando. Já no bosque do outro lado do ribeiro, prosseguimos com as roupas encharcadas, mas também com um sentimento de alívio de que talvez tivéssemos deixado os nossos inimigos para trás. Mas não as nossas preocupações.

— Será que nos vão transformar em escravos? — perguntou-me Lunete.

Tal como muitos de nós, ela tinha sido inicialmente capturada para o mercado de escravos de Dumnónia e só a intervenção de Merlim a tinha mantido em liberdade. Agora temia que a perda da protecção de Merlim a levasse à morte.

— Acho que não — disse eu. — Só se Gundleus ou os Saxões nos capturarem. Tu serias levada como escrava, mas a mim provavelmente matavam-me. — Senti-me muito corajoso ao dizer aquilo.

Lunete meteu o braço no meu, buscando conforto, e eu senti-me lisonjeado com o gesto dela. Era uma rapariga bonita e até àquele dia tinha-me sempre tratado com desdém, preferindo a companhia dos jovens pescadores estouvados de Ynys Wydryn.

— Eu quero que Merlim volte — disse ela. — Não quero deixar o Tor.

— Lá, agora, já não há nada — respondi. — Vamos ter de encontrar um novo lugar para viver. Ou então voltar e reconstruir o Tor, se pudermos.

Mas só, pensei eu, se Dumnónia sobreviver. Talvez, naquele preciso momento, naquela tarde infestada pelo fumo, o reino estivesse a morrer. Perguntava-me como pudera ser tão cego que não vira os horrores que a morte de Uther traria. Os reinos precisam de reis e sem eles nada mais são do que terras vazias convidando as lanças dos conquistadores.

A meio da tarde atravessámos um ribeiro mais largo, quase um rio, tão profundo que a água me chegava ao peito enquanto a atravessava com dificuldade. Já na outra margem, sequei a espada de Hywel o melhor que pude. Era uma bela espada, feita pelos famosos ferreiros de Gwent e decorada com desenhos ondulados e círculos interligados. A lâmina era direita e estendia-se da minha garganta até às pontas dos dedos quando eu esticava o braço. A peça em cruz era feita de ferro grosso com remates redondos, enquanto os copos eram de madeira de macieira, fixados ao espigão e depois envolvidos em longas tiras de couro fino que tinham sido oleadas para ficarem mais suaves. O botão do punho era uma bola redonda envolvida em arame de prata que se estava sempre a soltar. Acabei por tirar o arame e fazer uma tosca pulseira para Lunete.

A sul do rio havia mais um vasto pasto, onde bois castrados andavam a pastar, deslocando-se pesadamente enquanto observavam a nossa passagem. Se calhar foi o movimento dos bois que atraiu os problemas, pois pouco tempo depois de termos entrado no bosque para lá do pasto ouvi cascos soar bem alto atrás de nós. Mandeí um aviso para a frente e, depois, voltei-me, com a espada e a lança nas mãos, para observar o carreiro.

Naquele lugar os ramos das árvores cresciam muito baixos, tão baixos que um cavaleiro não podia cavalgar pelo carreiro. Fosse quem fosse que nos perseguisse teria de abandonar os cavalos e seguir-nos a pé. Nós não seguíamos pelos caminhos mais largos do bosque, mas sim pelos trilhos mais escondidos que abriam carreiros estreitos por entre as árvores, tão estreitos que os nossos perseguidores, tal como nós, teriam de seguir em fila. Eu temia que fossem batedores silurianos mandados à frente do pequeno batalhão de Gundleus. Quem mais estaria interessado em saber o que teria levado os bois da margem do rio a moverem-se naquela tarde indolente?

Gwlyddyn chegou ao pé de mim e tirou-me a pesada lança da mão. Ouviu as passadas distantes, depois acenou com a cabeça como se estivesse satisfeito.

— São só dois — disse calmamente. — Deixaram os cavalos e vêm a pé. Eu fico com o primeiro e tu aguentas o segundo até eu o poder matar. — Falava de uma forma tão extraordinariamente calma que ajudou a abrandar o meu medo.

— E lembra-te, Derfel — acrescentou —, eles também estão assustados.

Empurrou-me para as sombras e, depois, agachou-se no carreiro, por detrás da massa de raízes de uma faia tombada.

— Baixa-te — disse-me com uma voz sibilante. — Esconde-te!

Baixei-me e, de repente, todo o terror brotou de novo dentro de mim. Tinha as mãos a transpirar, a perna direita a tremer, a garganta seca, queria

vomitou e sentia as entranhas a desfazer-se. Hywel ensinara-me bem, mas eu nunca enfrentara um homem que me quisesse matar. Ouvia os homens a aproximar-se, mas não os conseguia ver e o meu mais forte instinto era virar-me e correr atrás das mulheres. Mas fiquei ali. Não tinha escolha. Desde a infância que ouvia histórias de guerreiros e sempre me tinham ensinado que um homem nunca dava meia volta e desatava a correr. Um homem lutava pelo seu Senhor, um homem enfrentava corajosamente o seu inimigo e um homem nunca fugia. Agora o meu Senhor estava a mamar no peito de Ralla e eu enfrentava os seus inimigos, mas como eu queria ser uma criança e desatar a correr! E se houvesse mais do que dois lanceiros inimigos? E mesmo que só fossem dois seriam obrigatoriamente guerreiros experientes, habilidosos, insensíveis e que não temiam a própria morte.

— Calma, rapaz, calma — disse Gwlyddyn suavemente.

Ele lutara nas batalhas de Uther. Enfrentara os Saxões e erguera a sua lança contra os homens de Powys. Agora, no interior da sua terra natal, estava inclinado sobre um emaranhado de raízes com um meio sorriso no rosto e a minha longa lança nas suas mãos morenas e robustas.

— Esta é a vingança pelo meu filho — disse-me de modo sinistro — e os Deuses estão do nosso lado.

Eu estava acorado atrás de espinheiros e flanqueado por fetos. As minhas roupas molhadas estavam pesadas e eram desconfortáveis. Olhei para as árvores cobertas de líquenes e emaranhadas de folhas. Um pica-pau matraqueou perto dali e eu dei um salto, assustado. O meu esconderijo era melhor do que o de Gwlyddyn, mas mesmo assim sentia-me exposto, e muito mais me senti quando, finalmente, os nossos dois perseguidores apareceram a apenas uma dúzia de passos do meu abrigo de folhagem.

Eram dois lanceiros ágeis, ainda novos, com couraças de couro, polainas às tiras e longas capas castanho-avermelhadas atiradas sobre os ombros. Usavam a barba entrançada bem longa e o cabelo negro amarrado atrás com tiras de couro. Ambos traziam longas lanças e o segundo tinha também uma espada à cinta, apesar de ainda não a ter desembainhado. Sustive a respiração.

O homem da frente levantou um braço e ambos estacaram, ficando durante algum tempo à escuta antes de continuarem. O rosto do homem mais próximo estava coberto de cicatrizes de uma antiga luta e tinha a boca aberta, revelando as falhas nos dentes amarelados. Parecia imensamente forte, experiente e assustador e, de repente, senti-me completamente dominado por um desejo terrível de fugir, mas, depois, a cicatriz da minha mão esquerda, a cicatriz que Nimue fizera, latejou e aquela pulsação quente incutiu-me uma grande coragem.

— O que ouvimos foi um veado — disse o segundo homem depreciativamente.

Os dois avançavam em passo furtivo, pousando os pés com cuidado e observando as folhas à sua frente à espera do menor movimento.

— Não, o que ouvimos foi uma criança — insistiu o primeiro homem.

Estava dois passos à frente do outro que, aos meus olhos assustados, parecia ainda mais alto e mais ameaçador do que o companheiro.

— Os filhos da puta desapareceram — disse o segundo homem. Vi o suor a escorrer-lhe do rosto e reparei que apertava repetidamente a haste de freixo da sua lança, percebendo que ele estava nervoso. Eu repetia vezes sem conta o nome de Bel na minha cabeça, pedindo coragem ao Deus e pedindo-lhe que fizesse de mim um homem. O inimigo estava agora a meia dúzia de passos, continuando a avançar, e à nossa volta o bosque verde estava quente e esbaforido e eu conseguia sentir o cheiro dos dois homens, o cheiro do couro e o cheiro que vinha dos seus cavalos enquanto o suor me escorria para os olhos e eu quase gritava de terror. Mas, nisto, Gwlyddyn saltou do seu esconderijo e deu um grito de guerra precipitando-se sobre eles.

Eu precipitei-me com ele e, de repente, libertei-me completamente do medo quando a louca alegria da batalha, conferida por Deus, me invadiu pela primeira vez. Mais tarde, muito mais tarde, aprendi que a alegria e o medo são exactamente a mesma coisa e que é a acção que faz passar do medo à alegria, mas naquela tarde de Verão senti-me subitamente exaltado. Que Deus e os seus anjos me perdoem, mas nesse dia descobri a alegria que existe na batalha e durante muito tempo ansiei por ela tal como um homem sequioso anseia por água. Corri para a frente, a gritar como Gwlyddyn, mas não estava louco a ponto de o seguir às cegas. Desviei-me para o lado direito do estreito caminho para poder passar por ele quando ele atingiu o siluriano que estava mais próximo.

O homem tentou esquivar-se à lança de Gwlyddyn, mas o carpinteiro esperava o golpe baixo da haste de freixo e levantou a sua própria arma acima dela empurrando-a. Aconteceu tudo num ápice! Num momento o siluriano era uma figura ameaçadora vestido para a guerra e, no momento seguinte, estava a arquejar e a contrair-se enquanto Gwlyddyn enterrava profundamente a pesada lança no seu peito, trespassando a armadura de couro. E eu já tinha passado por ele, gritando e agitando no ar a espada de Hywel. Nesse momento não sentia medo, talvez porque a alma de Hywel morto tivesse voltado do Outro Mundo para me possuir, porque, de repente, eu sabia exactamente o que tinha de fazer e o meu grito de guerra era um grito de triunfo.

O segundo homem era de mais rija ténpera do que o companheiro moribundo e, por isso, tinha-se colocado na posição característica de um

lanceiro, o que lhe permitiria saltar para a frente com um ímpeto mortal. Eu saltei sobre ele e, quando a lança se dirigiu a mim sob a forma de uma brilhante estocada de aço batida pelo sol, enrolei-me para o lado e desviei o golpe com a minha espada, não com muita força para não perder o controlo do aço, mas o suficiente para fazer a arma do homem passar ao meu lado direito enquanto eu fazia rodar a espada. «Está tudo nos pulsos, rapaz, tudo nos pulsos», ouvi Hywel dizer e gritei o seu nome quando enfiei com força a espada no lado do pescoço do siluriano.

Foi tudo muito rápido, muito rápido. O pulso manobra a espada, mas o braço dá-lhe força e, nessa tarde, o meu braço possuía a força portentosa de Hywel. O aço da minha espada enterrou-se no pescoço do siluriano como machado em madeira apodrecida. Como eu era inexperiente, a princípio pensei que o homem não tinha morrido e puxei a espada para o golpear de novo. Dei o segundo golpe e vi o sangue avivar o dia e o homem cair para o lado, ao mesmo tempo que ouvia a sua respiração ofegante e o seu esforço moribundo para puxar a lança para um segundo golpe, mas, nessa altura, a vida sumiu-se-lhe na garganta e o sangue jorrou de novo em torrente pelo seu peito envolto na armadura de couro e ele afundou-se no solo coberto de folhas.

E eu fiquei ali a tremer. De repente quis chorar. Não fazia ideia do que tinha feito. Não sentia a vitória, só culpa, e fiquei completamente imóvel, em estado de choque, com a espada ainda cravada na garganta do homem onde já pousavam as primeiras moscas. Não me conseguia mexer.

Um pássaro piou alto nos ramos das árvores e, depois, Gwlyddyn pôs o seu braço forte à volta dos meus ombros e as lágrimas correram-me pela cara abaixo.

— És um bom homem — disse Gwlyddyn e eu virei-me para ele e abracei-o como uma criança se agarra ao pai.

— Muito bem — repetia ele sem parar —, muito bem.

Ele afagou-me desajeitadamente até que, por fim, funguei para parar de chorar.

— Desculpa — ouvi-me dizer.

— Desculpa? — e riu-se. — Porquê? Hywel sempre disse que tu eras o melhor de todos os que ele treinou e eu devia ter acreditado. És rápido. Agora vamos, temos de ver o que ganhámos.

Peguei na bainha da espada da minha vítima feita de couro esticado com varas de salgueiro e vi que servia mais ou menos para a espada de Hywel, depois revistámos os dois corpos e conseguimos um pequeno saque: uma maçã verde, uma velha moeda já lisa de tanto uso, duas capas, as armas, algumas tiras de couro e uma faca com cabo de osso. Gwlyddyn não sabia se devíamos voltar atrás para ir buscar os dois cavalos, mas de-

pois decidi que não tínhamos tempo. Eu não me importei. A minha visão podia estar embaciada pelas lágrimas, mas eu estava vivo, tinha morto um homem, tinha defendido o meu rei e, subitamente, senti-me muito contente, quase delirante, enquanto Gwlyddyn me guiou até aos fugitivos assustados e me levantou o braço em sinal de que tinha lutado bem.

— Fizeram barulho que se fartaram, os dois — disse Morgana com rispidez. — Não tarda nada teremos metade da Silúria no nosso encalço. Agora vamos! Mexam-se!

Nimue não parecia interessada na minha vitória, mas Lunete quis que eu lhe contasse tudo e eu, ao contar, exagerei tanto no inimigo como na luta, e a admiração de Lunete gerou ainda mais exagero. Estava outra vez de braço dado comigo e eu olhei para o seu rosto de olhos negros e pensei como é que nunca tinha realmente notado como ela era bonita. Tal como Nimue tinha um rosto em forma de cunha, mas enquanto Nimue possuía uma sabedoria circunspecta, Lunete era agradável e possuía uma excitação traquina. A sua proximidade deu-me nova confiança enquanto continuávamos a andar naquela longa tarde até que, finalmente, virámos para Leste na direcção dos montes sobre os quais a fortaleza de Caer Cadarn se erguia como um garboso cavaleiro.

Uma hora mais tarde estávamos no limiar do bosque em frente a Caer Cadarn. Já era tarde, mas estávamos em pleno Verão e o Sol ainda ia alto no céu, banhando com a sua luz suave as muralhas oeste de Caer Cadarn, tingindo-as de um brilho esverdeado. Estávamos a pouco mais de um quilómetro da fortaleza, mas ainda assim suficientemente perto para ver as paliçadas amarelas no cimo das muralhas, suficientemente perto para ver que não havia guardas nessas muralhas e que não saía fumo da pequena aldeia que existia lá dentro.

Mas também não havia nenhum inimigo à vista, pelo que Morgana decidiu atravessar a terra aberta e subir o caminho oeste até à fortaleza do rei. Gwlyddyn argumentou que devíamos ficar na floresta até ao cair da noite, ou então ir para Lindinis, a povoação mais próxima, mas Gwlyddyn era um carpinteiro e Morgana uma senhora de alta linhagem, pelo que ele se rendeu aos desejos dela.

Sáímos para a terra de pastagens e as nossas sombras espalharam-se à nossa frente. A erva fora comida por veados ou pelos bois, mas à medida que caminhávamos sentíamos que era macia e fresca. Nimue, que parecia estar ainda naquele transe provocado pela dor, tirara os sapatos emprestados e caminhava descalça. Um falcão voou por cima de nós e, depois, uma lebre, assustada com o nosso súbito aparecimento, saltou de um buraco de erva e fugiu com ligeireza.

Seguimos um caminho ladeado por centáureas azuis, margaridas, tas-

neiras e cornizos. Atrás de nós, ensombrados pela obliquidade do Sol sobre o Oeste, os bosques pareciam escuros. Estávamos cansados e esfarrapados, mas o fim da viagem estava à vista e alguns de nós até parecíamos alegres. Trazíamos Mordred para o local onde nascera, para o monte real de Dumnónia, mas antes de chegarmos a meio daquele glorioso refúgio de verdura, o inimigo apareceu por trás de nós.

O bando de guerreiros de Gundleus apareceu. Não apenas os cavaleiros que tinham atacado Ynys Wydryn nessa manhã, mas também os lanceiros. Gundleus sempre soubera para onde nós vínhamos e, por isso, trouxera os cavaleiros sobreviventes e mais de cem lanceiros para aquele lugar sagrado dos reis de Dumnónia. E, mesmo que não fosse obrigado a seguir o rei-menino, ainda assim Gundleus viria a Caer Cadarn, pois não queria nada menos do que a coroa de Dumnónia, e era em Caer Cadarn que essa coroa era outorgada ao governante. Quem reinasse em Caer Cadarn, reinava em Dumnónia, e o velho ditado continuava, e quem reinasse em Dumnónia reinava na Grã-Bretanha.

Os cavaleiros silurianos cavalgavam à frente dos lanceiros. Levariam apenas alguns minutos a chegar até nós e eu sabia que nenhum de nós, nem mesmo os corredores mais velozes, podia chegar às longas encostas da fortaleza antes daqueles cavaleiros se precipitarem sobre nós com as suas espadas contundentes e as lanças penetrantes. Fui para o lado de Nimue e vi que o seu rosto magro estava cansado e contorcido e que o olho que ainda lhe restava estava ferido e cheio de lágrimas.

— Nimue — disse eu.

— Está tudo bem, Derfel — ela parecia aborrecida por eu querer tomar conta dela.

Cheguei à conclusão de que estava mesmo louca. De todos os seres vivos que sobreviveram àquele dia terrível, ela tinha sobrevivido à pior experiência de todas e isso levava-a para um lugar que eu não conseguia alcançar nem compreender.

— Eu amo-te — disse-lhe eu, tentando tocar-lhe a alma com ternura.

— A mim? Não é à Lunete? — disse Nimue furiosa.

Não olhava para mim, mas sim na direcção da fortaleza. Virei-me para olhar para os cavaleiros que se aproximavam e que haviam formado uma longa fila como que decididos a fazer uma limpeza geral. Traziam as capas nas garupas dos cavalos, as espadas embainhadas penduradas ao lado das botas que balouçavam, e o sol reflectia-se nas pontas das lanças e iluminava o estandarte da raposa. Gundleus cavalgava atrás do estandarte, trazendo na cabeça o elmo de ferro com a cauda de raposa ao alto. Ladwys vinha ao lado dele, com uma espada na mão, enquanto Tanaburs, com a longa túni-

ca a adejar ao vento, montava um cavalo cinzento mesmo ao lado do seu rei. Eu ia morrer, pensei, justamente no dia em que me tornara homem e aperceber-me disso pareceu-me por demais cruel.

— Corram! — gritou Morgana de repente. — Corram!

Pensei que ela tinha entrado em pânico e não lhe queria obedecer, pois achava que seria mais nobre ficar e morrer como um homem do que ser golpeado por trás como um fugitivo. Depois vi que ela não estava em pânico e que, afinal, Caer Cadarn não estava deserta, mas sim que os portões se tinham aberto e que uma torrente de homens corria e cavalgava pelo caminho abaixo. Os cavaleiros estavam vestidos como os de Gundleus, mas estes traziam nos braços os escudos com o dragão de Mordred.

Corremos. Puxei Nimue pelo braço enquanto os cavalos dumnonianos cavalgavam velozmente na nossa direcção. Havia uma dúzia de cavaleiros — não eram muitos, mas eram suficientes para dificultar o avanço dos homens de Gundleus — enquanto atrás dos cavaleiros vinha um bando de lanceiros dumnonianos.

— Cinquenta lanças — disse Gwlyddyn. Estivera a contar os homens do grupo de salvamento. — Não os podemos vencer com cinquenta — acrescentou de forma sinistra —, mas talvez nos possamos proteger.

Gundleus chegava à mesma conclusão e chefiava agora os seus cavaleiros conduzindo-os de maneira que formassem uma curva larga que os levaria a flanquear os lanceiros dumnonianos que se aproximavam. Queria cortar-nos a retirada, pois assim que juntasse os seus inimigos num só espaço, podia matar-nos a todos quer fôssemos sete ou setenta. Gundleus estava em vantagem numérica e, tendo saído da fortaleza, os dumnonianos tinham sacrificado a sua vantagem em altura.

Os cavaleiros dumnonianos passaram por nós atreadores, arrancando os cascos dos cavalos pedaços de erva do pasto viçoso. Estes não eram os fabulosos cavaleiros de Artur, os homens blindados que, como meteoritos, atingiam em cheio o seu objectivo, mas batedores pouco armados, que normalmente desmontariam antes de entrar na batalha, mas que agora formavam um escudo protector entre nós e os lanceiros silurianos. Momentos depois chegaram os nossos lanceiros e fizeram a sua muralha de escudos. Aquela muralha deu-nos a todos uma nova confiança, uma confiança que quase tocou as raias da imprudência quando vimos quem chefiava o grupo de salvamento. Era Owain, o poderoso Owain, o campeão do rei e o maior lutador de toda a Grã-Bretanha. Tínhamos pensado que Owain estava longe, no Norte, a lutar ao lado dos homens de Gwent nas montanhas de Powys, mas, afinal ele estava ali em Caer Cadarn.

No entanto, a verdade é que Gundleus ainda mantinha a vantagem. Éramos doze cavaleiros, cinquenta lanceiros e trinta fugitivos cansados, to-

dos juntos num espaço aberto onde Gundleus tinha reunido quase o dobro de cavaleiros e o dobro de lanceiros.

O sol ainda brilhava. Deviam faltar duas horas para o crepúsculo e quatro para ser noite fechada, o que dava a Gundleus tempo mais do que suficiente para acabar a sua carnificina, se bem que primeiro tivesse tentado persuadir-nos com palavras. Chegou-se mais à frente, esplêndido no seu cavalo que espumava de cansaço e com o escudo virado em sinal de tréguas.

— Homens de Dumnónia — disse ele —, entregai-me a criança e eu vou-me embora!

Ninguém respondeu. Owain escondera-se no centro da nossa muralha de escudos para que Gundleus, não vendo um chefe, se dirigisse a todos nós.

— É uma criança estropiada — disse o rei siluriano. — Amaldiçoada pelos Deuses. Acham que um país governado por um rei coxo pode ser bafejado pela sorte? Querem as colheitas atacadas pelo mildio? Querem que os vossos filhos nasçam doentes? Querem o gado a morrer com as epidemias? Querem que os Saxões sejam os senhores desta terra? O que mais poderá trazer um rei estropiado senão má sorte?

Ninguém respondeu. No entanto, sabe Deus quantos homens nas nossas fileiras alinhadas à pressa não terão temido que Gundleus estivesse a falar verdade.

O rei siluriano tirou o elmo da cabeça e sorriu perante o nosso estado lamentável.

— Todos viverão — prometeu ele —, desde que me entreguem a criança. — Esperou por uma resposta que não veio. — Quem vos chefia? — perguntou por fim.

— Eu! — Owain, finalmente, passou por entre as fileiras para ocupar o seu lugar à frente da nossa linha de escudos.

— Owain — Gundleus reconheceu-o, e pareceu-me detectar um brilho de medo nos olhos de Gundleus.

Tal como nós ele não sabia que Owain tinha regressado ao coração de Dumnónia. No entanto, Gundleus estava ainda confiante na sua vitória, mesmo sabendo que com Owain entre os seus inimigos essa vitória seria muito mais difícil.

— Lorde Owain — disse Gundleus dando a Owain o título apropriado —, filho de Eilynnon e neto de Culvas. Eu vos saúdo! — Gundleus ergueu a ponta da lança para o Sol. — Vós tendes um filho, Lorde Owain.

— Muitos homens têm filhos — respondeu Owain descuidadamente. — O que tendes vós com isso?

— Quereis que o vosso filho fique órfão de pai? — perguntou

Gundleus. — Quereis ver as vossas terras devastadas? A vossa casa queimada? Quereis que a vossa mulher sirva de brinquedo para os meus homens?

— A minha mulher — disse Owain — era capaz de levar a melhor sobre todos os teus homens e sobre ti também. Queres brinquedos, Gundleus? Volta para a tua puta — apontou com o queixo na direcção de Ladwys — e se tu não partilhas a tua puta com os teus homens então Dumnónia pode dispensar à Silúria algumas ovelhas que se sintam solitárias — a provocação de Owain animou-nos.

Ele parecia indomado com a sua longa espada massiva e o seu escudo revestido a ferro. Lutava sempre de cabeça descoberta, desdenhando do elmo, e os seus braços cheios de músculos estavam tatuados com o dragão de Dumnónia e o seu próprio símbolo que era um javali com longas presas.

— Entregai-me a criança! — Gundleus ignorou os insultos, sabendo que eram apenas provocações de um homem prestes a enfrentar uma batalha. — Dai-me o rei estropiado!

— Dá-me a tua puta, Gundleus — retrucou Owain. — Não és homem que chegue para ela. Dá-ma e podes ir em paz.

Gundleus cuspiu.

— Os bardos hão-de cantar a tua morte, Owain. A canção do sangrar do porco.

Owain enterrou a sua pesada espada no solo com o cabo para baixo.

— O porco vai ficar aqui, Gundleus ap Meilyr, rei da Silúria — gritou ele — e aqui o porco ou morre ou mija sobre o teu cadáver. Agora vai-te embora!

Gundleus sorriu, encolheu os ombros e virou o cavalo. Também virou o seu escudo, mostrando que teríamos luta.

Foi a minha primeira batalha.

Os cavaleiros dumnonianos cerraram fileiras atrás da nossa linha de lanças para proteger as mulheres e as crianças enquanto pudessem. Nós, os restantes, dispusemo-nos na linha de batalha, observando enquanto os nossos inimigos faziam o mesmo. Ligessac, o traidor, estava entre as fileiras silurianas. Tanaburs executava os rituais, saltando numa perna, com uma mão levantada e um olho fechado à frente da muralha de escudos de Gundleus enquanto esta avançava lentamente sobre a erva. Só depois de Tanaburs ter terminado o seu feitiço protector é que os silurianos começaram a lançar-nos insultos. Avisaram-nos do massacre que estava para acontecer e alardearam quantos de nós iam matar. Contudo, reparei que avançavam devagar e que todos pararam quando estavam apenas a cinquenta passos de distância. Alguns dos nossos homens escarneceram da cobardia deles, mas Owain resmungou que nos calássemos.

As duas frentes de batalha encaravam-se. Nenhuma se moveu.

Era necessária muita coragem para atacar uma linha de escudos e lanças. Era por isso que tantos homens bebiam antes da luta. Eu já vira exércitos parados durante horas enquanto reuniam coragem para atacar, e quanto mais velho é o guerreiro mais coragem é precisa. As tropas jovens atacam e morrem, mas os homens mais velhos sabem quão terrível uma muralha de escudos inimiga pode ser. Eu não tinha escudo, mas estava protegido pelos escudos dos que estavam ao meu lado e os escudos deles tocavam outros e assim sucessivamente, de forma que cada atacante fosse recebido por uma muralha de madeira revestida a couro, mas com lanças de pontas afiadas bem levantadas.

Os silurianos começaram a bater com as hastes das lanças nos escudos. O som matraqueado tinha a intenção de nos perturbar e conseguiu-o, se bem que nenhum dos do nosso lado mostrasse medo. Limitámo-nos a amontoar-nos em desordem à espera do ataque.

— Primeiro vai haver falsos ataques, rapaz — avisou-me o meu vizinho, e mal ele tinha acabado de falar um grupo de silurianos correu, saindo aos gritos da sua linha e lançando com violência as longas lanças para o centro da nossa defesa. Os nossos homens inclinaram-se, as lanças bateram nos nossos escudos e, de repente, toda a linha siluriana começou a avançar, mas Owain ordenou imediatamente que a nossa linha se levantasse e marchasse também e esse movimento deliberado travou o ataque ameaçador do inimigo. Os nossos homens, cujos escudos tinham sido atingidos pelas lanças inimigas, soltaram as armas e, depois, voltaram à muralha de escudos.

— Recuar! — ordenou Owain.

Ele estava a tentar recuar vagarosamente, procurando atravessar o resto do pasto que faltava até Caer Cadarn, esperando que os silurianos não conseguissem ganhar coragem para atacar enquanto nós completávamos aquela longa e lastimável jornada. Para nos dar mais coragem, Owain deu largos passos à frente da nossa linha e gritou para Gundleus para que lutasse com ele de homem para homem.

— Acaso és uma mulher, Gundleus? — perguntou o campeão do nosso rei. — Perdeste a coragem? Hidromel a mais? Por que não voltas para o teu tear, mulher? Volta para os teus bordados! Volta para a tua roca!

Nós fomos recuando, recuando, recuando cada vez mais, mas de repente um ataque dos nossos inimigos obrigou-nos a parar e a esconder-nos por detrás dos nossos escudos quando as lanças foram atiradas. Uma delas passou mesmo por cima da minha cabeça, como uma súbita rajada de vento, mas mais uma vez o ataque não passara de uma simulação, para nos provocar o pânico. Ligessac disparava setas, mas devia estar bêbado, pois os seus disparos passavam bem acima das nossas cabeças. Owain serviu de

alvo para uma dúzia de setas, mas a maior parte não acertou e as outras ele desviou-as desdenhosamente com a sua própria lança ou com o escudo, antes de zombar dos atiradores.

— Quem vos ensinou a ser lanceiros? As vossas mães? — E cuspiu na direcção do inimigo. — Anda Gundleus! Luta comigo! Mostra aos teus moços de cozinha que és um rei e não um rato!

Os silurianos batiam com as hastes das lanças nos escudos para abafar os insultos de Owain. Ele virou-lhes as costas, mostrando o seu desprezo e recuou devagar para a nossa linha de escudos.

— Para trás — disse-nos suavemente — para trás.

Depois dois dos silurianos atiraram as armas e os escudos para o chão e rasgaram as roupas para lutar nus. O meu vizinho cuspiu.

— Agora vai haver problemas — avisou-me de modo sinistro.

Os homens nus deviam estar bêbados ou então estavam tão inebriados pelos Deuses que acreditavam que nenhuma espada inimiga os poderia ferir. Eu já ouvira falar desse tipo de homens e sabia que o seu exemplo suicida era normalmente o sinal de um ataque a sério. Agarrei na minha espada e tentei fazer um juramento de que morreria com dignidade, mas na verdade apetecia-me mais chorar com pena de tudo o que estava a acontecer. Tinha-me tornado homem nesse dia e agora ia morrer. Ia juntar-me a Uther e a Hywel no Outro Mundo e ali esperar durante anos de trevas até a minha alma encontrar outro corpo humano no qual pudesse regressar a este mundo verdejante.

Os dois homens desamarraram o cabelo, pegaram nas lanças e nas espadas e começaram a dançar na frente da linha siluriana. Uivavam enquanto se preparavam para o delírio da batalha, naquele estado de êxtase descuidado que levava um homem a tentar qualquer façanha. Gundleus montado no cavalo por detrás do estandarte sorria para os homens que tinham o corpo todo tatuado com figuras azuis. As crianças choravam atrás de nós e as mulheres rezavam aos Deuses enquanto os homens dançavam cada vez mais perto, com as lanças e as espadas a rodopiar à luz do sol daquele fim de tarde. Homens como aqueles não precisavam de escudos nem de roupas nem de armaduras. Os Deuses eram a sua protecção e a glória a sua recompensa e, se conseguissem matar Owain, os bardos cantariam a sua vitória durante longos anos. Avançaram um de cada lado do nosso campeão que equilibrava a sua lança enquanto se preparava para enfrentar o ataque enlouquecido que marcaria também o início do ataque de toda a linha inimiga.

E foi então que a corneta soou.

A corneta soltou uma nota clara e fria como eu nunca tinha ouvido. Havia pureza naquela corneta, uma pureza fria e firme como não existia

em toda a terra. Soou a primeira vez, soou a segunda, e o segundo toque foi suficiente para fazer parar até os homens nus e fazê-los olhar para leste, de onde viera o som.

Eu também olhei.

E fiquei deslumbrado. Era como se um novo Sol se tivesse levantado naquele dia já a chegar ao fim. A luz espalhava-se pelas pastagens, cegando-nos, confundindo-nos, mas depois a luz deslocou-se suavemente e vi que era apenas o reflexo do verdadeiro Sol num escudo tão polido que parecia um espelho. Mas aquele escudo era segurado por um homem como eu nunca tinha visto antes: um homem magnífico, um homem montado num cavalo magnífico e acompanhado por outros homens como ele. Uma horda de homens surpreendentes, homens emplumados, homens vestidos de armaduras, homens saídos dos sonhos dos Deuses para virem para aquele campo assassino, e sobre as cabeças emplumadas desses homens flutuava ao vento um estandarte que eu viria a amar mais do que qualquer outro em toda a terra de Deus. Era o estandarte do urso.

A corneta soou uma terceira vez e, de súbito, eu senti que ia viver e comecei a chorar de alegria. Todos os nossos lanceiros choravam e gritavam ao mesmo tempo e a terra estremecia sob os cascos dos cavalos daqueles homens que pareciam deuses e que vinham para nos salvar.

Artur tinha, finalmente, chegado.

Segunda Parte

O NOIVADO DA PRINCESA

